



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA
TRADUÇÃO**

**TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS:
UMA REFLEXÃO SOBRE O PERFIL DOS PROFISSIONAIS SURDOS
BRASILEIROS**

Florianópolis
2022

Bianca Silveira

**TRADUTORES E INTÉRPRETES DE LÍNGUAS DE SINAIS:
UMA REFLEXÃO SOBRE O PERFIL DOS PROFISSIONAIS SURDOS
BRASILEIROS**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução como requisito parcial para a obtenção do título de Mestra em Estudos da Tradução.

Linha de pesquisa: Estudos Linguísticos da Tradução e da Interpretação.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues

Florianópolis
2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silveira, Bianca
Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais : Uma
reflexão sobre o perfil dos profissionais surdos
brasileiros / Bianca Silveira ; orientador, Carlos
Henrique Rodrigues, 2022.
106 p.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós
Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2022.

Inclui referências.

1. Estudos da Tradução. 2. Línguas de sinais. 3.
Intérpretes Surdos. 4. Tradutor Surdo. 5. Estudos da
tradução e interpretação de línguas de sinais. I. Rodrigues,
Carlos Henrique. II. Universidade Federal de Santa
Catarina. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.
III. Título.

Bianca Silveira

Tradutores e Intérpretes de Línguas de Sinais:
uma reflexão sobre o perfil dos profissionais surdos brasileiros

O presente trabalho em nível de mestrado foi avaliado e aprovado por banca examinadora composta pelos seguintes membros:

Prof. Gláucio de Castro Júnior, Dr.
Universidade de Brasília (UnB)

Profa. Ana Regina e Souza Campello, Dra.
Departamento de Ensino Superior
Instituto Nacional de Educação de Surdos (DESU-INES)

Profa. Silvana Aguiar dos Santos, Dra.
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Certificamos que esta é a **versão original e final** do trabalho de conclusão que foi julgado adequado para obtenção do título de mestra em Estudos da Tradução pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução.

Coordenação do Programa de Pós-Graduação

Prof. Carlos Henrique Rodrigues, Dr.
Orientador

Florianópolis, 2022.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, quero agradecer a Deus por mais essa oportunidade, pelas bênçãos, saúde e proteção.

Ao meu pai, Zenário, que é a minha fortaleza que mais me incentiva a correr atrás dos meus sonhos e dos meus estudos, pai obrigada por ser o meu herói, por me cuidar e amar.

À Marlete que, também, sempre me dá seu amor e zelo.

Às minhas irmãs, Liliane, Elaine e Camila, pelo apoio incondicional durante a minha jornada no Mestrado, aos sobrinhos e aos meus cunhados e às cunhadas.

À minha mãe, Nilzete, por todo seu amor.

Ao meu marido, João Wilian, que me apoiou muito, ainda me ajudou com as figuras, por me consolar e por eu ser ouvida nas horas que mais precisava, por sempre me incentivar a não desistir. E agradeço a Deus todos os dias por ter você ao meu lado. Te amo mil milhões.

À minha melhor amiga, Beatriz Nogueira, e a minha prima, Jaqueline, que me ajudaram nas revisões da dissertação até de madrugada.

À Mairla que sempre se disponibilizava para ajudar e nos conselhos sobre o Mestrado.

Ao orientador, Prof. Dr. Carlos Henrique Rodrigues, por aceitar esse desafio e por me orientar.

Aos amigos e colegas surdos e ouvintes de profissão, de estudos, por compartilhar os seus conhecimentos.

Aos Surdos que participaram da pesquisa.

Aos professores da Banca de Qualificação: Dra. Ana Regina e Souza Campello; Dra. Janine Soares de Oliveira e Dr. Rodrigo Custódio da Silva.

E aos professores da Banca de Defesa: Dra. Silvana Aguiar dos Santos; Dra. Ana Regina e Souza Campello e Gláucio de Castro Júnior.

E, por fim, ao tradutor Heitor Henrique Freitas que fez a tradução do resumo para o Inglês. E aos Intérpretes que atuaram na minha defesa Jade, Vitória, Rodrigo e o Neto.

RESUMO

Nesta pesquisa, apresenta-se uma investigação que coletou e sistematizou informações acerca dos tradutores, dos intérpretes e dos guias-intérpretes surdos brasileiros de línguas de sinais, com foco em seu perfil e nas demais particularidades dessa atuação profissional em serviços de interpretação, de tradução e/ ou de guia-interpretação. Conhecer melhor a realidade que envolve esse grupo contribui significativamente com a afirmação de tal categoria profissional, além de fortalecer o campo dos Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais — ETILS (SANTOS, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015). Portanto, pesquisar esse tema é uma maneira de oferecer às comunidades surdas e ao campo da tradução e da interpretação de línguas de sinais novos conhecimentos a respeito desse âmbito profissional em ascensão. Buscou-se identificar, conhecer e descrever tanto as atividades tradutórias e interpretativas intermodais (i.e., envolvendo uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual) quanto às atividades intramodais gestuais-visuais (i.e., envolvendo duas línguas de sinais) realizadas por esses profissionais. A metodologia segue uma abordagem qualitativa, contando também com dados quantitativos. A coleta de dados foi conduzida por meio de um questionário on-line via *Google forms*. Para o desenvolvimento da pesquisa, contou-se com os aportes teóricos dos ETILS. Esses estudos foram explorados para fundamentar e guiar a reflexão acerca dos profissionais surdos brasileiros da tradução, da interpretação e da guia-interpretação de línguas de sinais. A pesquisa evidenciou a questão do mercado de trabalho em relação à atuação e à formação, possibilitando que se identificasse o perfil do profissional surdo que atua nos serviços de tradução, interpretação e guia-interpretação, servindo para inspirar futuros profissionais e incentivar a formação.

Palavras-chave: tradutor surdo; intérprete surdo; guia-intérprete surdo; Libras; ETILS;

ABSTRACT

This research presents an investigation that collected and systematized information about Brazilian Deaf sign language translators, interpreters, and interpreters for Deafblind people. The study focuses on their profile and other particularities of their professional acting in interpretation, translation, and Deafblind interpretation services. Knowing better the reality that involves this group contributes significantly to the consolidation of this professional category, besides fortifying the Sign Language Interpreting and Translation Studies — SLITS (SANTOS, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015). Therefore, researching this theme is a way to offer to the deaf communities and the sign language interpretation and translation field new knowledge about this ascending professional scope. This paper proposed to identify, understand, and describe intermodal interpretative and translational activities (i.e., in which are involved a vocal and hearing language, and a visual and gestural one) as well as intramodal visual-gestural activities (i.e., in which are involved two sign languages) that are performed by these professionals. The methodology proposes a qualitative approach as well as uses quantitative data. Data were collected through an online questionnaire on Google Forms. It was used SLITS's theoretical contribution to the research development. These studies were developed to justify and guide the reflection about Brazilian deaf sign language translators, interpreters, and interpreters for Deafblind professionals. The research emphasized the job market issue about the performance and qualification of the deaf professional who works with interpretation, translation, and Deafblind interpretation services, which contributed to the identification of their profile, besides serving as an inspiration to future professionals and an incentive to their qualification.

Keywords: Deaf translator; Deaf interpreter; Deafblind interpreting; Brazilian Sign Language (Libras); SLITS.

LISTA DE FIGURAS

Figura 01	–	Filiação dos ETILS aos ET e EI.....	17
Figura 02	–	Estratégias dos intérpretes de línguas de sinais.....	21
Figura 03	–	Posição dos Profissionais Intérpretes.....	47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	–	Número de Surdos aprovados nas edições do exame ProLibras.....	26
Tabela 2	–	Número de intérpretes surdos no Brasil e no mundo.....	31
Tabela 3	–	Comparação: Frequência, diferença e dificuldade.....	72
Tabela 4	–	Comparação: aquisição/aprendizagem da Libras e do português.....	85

LISTA DE QUADROS

Quadro 1	–	Modalidade de Interpretação Simultânea x Interpretação Consecutiva...	38
Quadro 2	–	Interpretação em Língua Oral x Interpretação em Língua de Sinais.....	39
Quadro 3	–	As graduações em tradução e interpretação de Libras-português no Brasil.....	56
Quadro 4	–	Pilotagem do Questionário.....	62
Quadro 5	–	Relação de Cursos.....	80
Quadro 6	--	Relação de Cursos Indicados.....	94
Quadro 7	–	Síntese dos dados: o possível perfil dos profissionais surdos.....	96

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1	–	Identificação dos profissionais.....	65
Gráfico 2	–	Faixa etária dos profissionais.....	66
Gráfico 3	–	Localização dos profissionais.....	67
Gráfico 4	–	Tempo de atuação dos profissionais.....	68
Gráfico 5	–	Direcionalidade mais frequente.....	69
Gráfico 6	–	Direcionalidade preferida.....	70
Gráfico 7	–	Direcionalidade em que se tem mais dificuldade.....	71
Gráfico 8	–	Frequência de atuação nas modalidades.....	76
Gráfico 9	–	Composição do orçamento mensal.....	77
Gráfico 10	–	Escolaridade.....	78
Gráfico 11	–	Principal área de formação.....	79
Gráfico 12	–	ProLibras.....	82
Gráfico 13	–	Faixa etária em que se aprendeu a Libras.....	84
Gráfico 14	–	Faixa etária em que se aprendeu o português.....	84
Gráfico 15	–	Autoavaliação de Proficiência.....	88
Gráfico 16	–	Faixa etária em que se aprendeu a primeira língua de sinais estrangeira.....	89
Gráfico 17	–	Frequência de atuação interpretativa em diferentes contextos.....	92
Gráfico 18	–	Frequência de atuação tradutória com diferentes gêneros.....	93
Gráfico 19	–	Consultorias prestadas.....	95

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ASL – American Sign Language (Língua de Sinais Americana)
- ACATILS – Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais
- ACDP – Council for the Advancement of Communication with Deaf People
- AVLIC – Association of Visual Language of Canada (Associação de Intérpretes de Linguagem Visual do Canadá)
- ASLIA – Australian Sign Language Interpreters’ Association (Associação Australiana de Intérprete de Língua de Sinais)
- BSL – British Sign Language (Língua de Sinais Britânica)
- CAPES – Coordenadoria de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior
- CCSD – Sociedade Cultural Canadense de Surdos
- CESPH – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos
- DGS – Língua de Sinais Alemã
- EI – Estudos da Interpretação
- ET – Estudos da Tradução
- ETILS – Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais
- IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
- Libras – Língua Brasileira de Sinais
- LSF – Língua de Sinais Francesa
- NAATI – National Accreditation Authority for Translators and Interpreters (Autoridade Nacional de Acreditação para Tradutores e Intérpretes)
- NCIEC – National Consortium of Interpreter Education Centers (Consórcio Nacional dos Centros de Formação de Intérpretes)
- NIC – National Interpreter Certification (Certificação Nacional de Intérpretes)
- PGET – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução
- OMS – Organização Mundial de Saúde
- RID – Registry of Interpreters for the Deaf (Registro de Intérpretes para Surdos)
- SI – Sinais Internacionais
- TASO – Tradutores-atores Surdos
- TCLE – Termo de Consentimento Livre Esclarecido
- UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina
- WASLI – World Association of Sign Language Interpreters (Associação Mundial de Intérpretes de Línguas de Sinais)

Sumário

1 INTRODUÇÃO	9
2 A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE/ENTRE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS..	15
2.1 Os Tradutores e Intérpretes Surdos	23
2.2 As modalidades de tradução e de interpretação	38
2.3 Pesquisas brasileiras sobre tradutores/intérpretes surdos	50
3 METODOLOGIA	56
3.1 Questionário	57
4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS	63
4.1 O perfil geral	63
4.2 O perfil acadêmico	79
4.3 O perfil linguístico	84
4.4 A atuação no mercado de trabalho	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	100
REFERÊNCIAS	103

1 INTRODUÇÃO

De acordo com o apresentado por Rodrigues e Ferreira (2020), com a crescente procura por surdos para atuarem como tradutores, intérpretes ou guias-intérpretes, pode-se notar que a presença da pessoa surda nesse campo de atuação profissional se faz muito importante, uma vez que tais profissionais costumam atuar de sua segunda língua para sua primeira (i.e., tradução/interpretação direta), ou seja, do português para a Libras (i.e., tradução/interpretação interlinguística intermodal), no caso do Brasil (SILVEIRA, 2017; PINHEIRO 2020; BRUNKMANN 2020). Além disso, observa-se que existe, com mais frequência, a demanda por tradução ou interpretação, realizada por surdos, entre duas línguas de sinais (i.e., tradução/interpretação interlinguística intramodal gestual-visual), como apontado por Pinheiro (2020),

o tradutor e intérprete surdo é um profissional capaz de compreender e traduzir com competência tradutória e interpretativa o significado das ideias expressas em línguas diferentes de forma intramodal e interlingual, fazendo a relação entre os conceitos elaborados em diversas línguas. (p. 112).

No contexto brasileiro, diante da crescente demanda por profissionais tradutores e intérpretes de línguas de sinais, tanto ouvintes quanto surdos, e, por sua vez, da necessidade de sua profissionalização e formação acadêmica, em 2008, foi criada uma graduação, na modalidade a distância, pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), em parceria com outras instituições do país, visando à formação desses profissionais (QUADROS; STUMPF, 2014; RODRIGUES, 2018c, 2019). Os primeiros cursos de graduação, criados em universidades federais brasileiras, foram chamados de Letras Libras Bacharelado. Embora esses cursos sejam direcionados ao público ouvinte, é possível que os surdos ingressem neles (RODRIGUES, 2018c).

Assim, no ano de 2012, ingressei no Curso de Graduação em Letras Libras Bacharelado, na UFSC, que se situa no município de Florianópolis, no estado de Santa Catarina. Dessa forma, iniciei meus estudos e, conseqüentemente, minha formação no campo da tradução e da interpretação de línguas de sinais e foi a partir daí que tive a oportunidade de conhecer e ter o primeiro contato com línguas de sinais oriundas de

outros países. O curso de Letras Libras da UFSC possuía, nessa época, convênio com a Universidade Gallaudet, que fica em Washington D.C., nos Estados Unidos da América (EUA), e, logo que pude ter contato com os intercambistas, eu fiquei em choque, pois, até aquele momento, eu só tinha conhecimento da Libras.

Eu tinha 18 anos, estava no segundo semestre do curso e, antes da chegada dos surdos norte-americanos, nunca tinha tido contato com surdos estrangeiros, tampouco com línguas de sinais de outros países. Posteriormente, nesse mesmo ano, pude vivenciar outro contato importante no Congresso Nacional de Pesquisas em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa (<http://www.congressotils.com.br/>), no qual pude participar como monitora voluntária. Essa foi a primeira vez em que vi surdos atuando como intérpretes de conferência e, desde então, comecei a participar de eventos promovidos pelo curso e, a partir dessas experiências, fui inspirada a pesquisar sobre o tema, produzindo inclusive meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Historiografia do Tradutor Intérprete Surdo na UFSC” (SILVEIRA, 2016).

A minha experiência como tradutora e intérprete, intermodal e intramodal gestual-visual, é ainda inicial: (i) fiz dois estágios na equipe de tradutores e intérpretes da UFSC, traduzindo materiais para o curso de Letras Libras a distância (EaD), em 2014 e em 2015; (ii) interpretei no evento do projeto de extensão Libras e Saúde (<https://librasesaude.paginas.ufsc.br/>), em 2016; (iii) atuei como segunda professora bilíngue — esclareço que uma das funções do segundo professor bilíngue, nesse caso, envolve atividades de interpretação e de tradução português-Libras — e como intérprete na rede estadual de Santa Catarina, respectivamente, nos anos iniciais e no ensino médio, durante os anos de 2017 e 2018; e (iv) atuei como guia-intérprete na Semana do Letras Libras da UFSC, no ano de 2019.

Portanto, considerando: (i) a distinção entre tradução e interpretação (i.e., suas aproximações e diferenças operacionais e cognitivas); (ii) os efeitos decorrentes da modalidade de língua sobre a tradução e a interpretação (i.e., a intermodalidade e a intramodalidade gestual-visual); (iii) as questões de direcionalidade do processo (i.e., se direta — da língua B para a língua A — ou inversa — da língua A para língua B); e (iii) os aspectos profissionais da atuação de tradutores e intérpretes, a pesquisa enfoca o perfil dos profissionais surdos que atuam na tradução, interpretação e guia-interpretação

de línguas de sinais no Brasil, buscando refletir sobre o mercado profissional, a formação acadêmica e empírica, e, por sua vez, o que caracteriza sua atuação.

Com essas questões, ingressei no mestrado no Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução (PGET) da UFSC, na linha de pesquisa Estudos Linguísticos da Tradução e da Interpretação, no primeiro semestre de 2019. Acredito que essa foi uma grande conquista para mim, pois amo o que faço e o interesse pelo tema já vem desde a época da graduação, pois me inspiro muito nas atuações dos profissionais tradutores e intérpretes surdos, tendo, cada vez mais, o interesse de estudar e entender como funcionam as práticas tradutórias e interpretativas na atuação profissional e de conhecer o mercado de trabalho e o perfil desses profissionais. E assim, com todo aprendizado proporcionado pela pesquisa, poder compartilhar e contribuir com o mundo acadêmico, bem como com os profissionais, tanto surdos quanto ouvintes, que trabalham nessa área.

Nesse sentido, o objetivo geral desta dissertação é descrever os aspectos que caracterizam os tradutores, os intérpretes e os guias-intérpretes surdos brasileiros em relação ao seu **perfil profissional**, incluindo a sua formação e a sua atuação, a partir da aplicação de um questionário. Portanto, espera-se identificar, definir e diferenciar os elementos presentes na emergência e constituição da atuação de profissionais surdos da tradução, interpretação e guia-interpretação de/entre/para línguas de sinais, em relação ao (à): (i) **perfil geral**; (ii) **perfil acadêmico**; (iii) **perfil linguístico**; e (iv) **atuação no mercado de trabalho**.

Considerando-se a atuação dos profissionais surdos, tanto como intérpretes e guia-intérpretes quanto como tradutores, estabelecemos a seguinte questão de pesquisa: Qual seria o perfil dos surdos que têm atuado como tradutores, intérpretes e guias-intérpretes de línguas de sinais no Brasil? E o que isso nos indica em relação ao mercado de trabalho, às perspectivas de formação e aos encargos que eles assumem?

Para a coleta de dados, aplicou-se um questionário on-line na plataforma *Google Forms* (Formulários do Google) contendo 30 questões que foram respondidas de forma on-line pelos profissionais tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos. O questionário foi compartilhado através das redes sociais, em grupos de WhatsApp e por e-mail, por exemplo. Para a revisão de literatura os principais autores usados como base nessa pesquisa foram: Quadros e Souza (2008); Avelar (2009); Souza (2010); Segala

(2010); Strobel (2011); Rocha (2013); Reis (2013); Campello e Castro (2013); Morais e Santos (2013); Campello (2014); Siqueira (2015; 2016); Silveira (2017); Nascimento, Martins e Segala (2017); Ferreira (2019); Pinheiro (2020); Avelar (2020); Rodrigues e Ferreira (2020) e Brunkmann (2020) esses autores tem em comum é o tema da pesquisa sobre intérpretes e tradutores surdos de língua de sinais assim faz uma relação com o tema desta pesquisa.

Essa investigação se justifica, principalmente, pelo fato de, como dito anteriormente, a atuação de surdos como intérpretes, guias-intérpretes e tradutores vem crescendo, ao longo dos anos, e, cada vez mais, os surdos vêm assumindo importantes encargos tradutórios e interpretativos, assim como lugares de fala no âmbito dos ETILS, tanto nacional quanto internacionalmente, compartilhando suas experiências e sua vivência pessoal, profissional e acadêmica, inclusive as pesquisas que vêm desenvolvendo em programas de pós-graduação (SILVEIRA, 2017; RODRIGUES; FERREIRA, 2020; LINHARES, 2019; PINHEIRO 2020; BRUNKMANN 2020).

É relevante explicar que, no início da interpretação feita por surdos, eles começaram a interpretar dentro da comunidade surda, auxiliando outros surdos, por exemplo, com coisas simples e de maneira informal como no caso de um surdo que recém chegou à cidade e não conhece os lugares, e como ele se sente deslocado ao se comunicar e é comum que outro surdo faça a “interpretação” para ele (BOUDREAULT, 2005; ADAM et al., 2014; PINHEIRO 2020). Aos poucos, os surdos foram interpretando em outros ambientes visando o acesso de outros surdos à saúde, à justiça, à educação etc., inclusive, assumindo funções de guia-interpretação para surdocegos (FERREIRA, 2019; BRUNKMANN 2020). Essa atividade dava-se de forma voluntária e sem nenhuma formação prévia.

Ferreira (2019), em sua pesquisa sobre os intérpretes surdos e os processos interpretativos intramodais, relatou sua trajetória pessoal e sua entrada no mercado de trabalho da tradução/interpretação/guia-interpretação. O autor destacou que: “[...] no Brasil, existem vários surdos, desde muitos anos, que atuam como tradutores/intérpretes/guia-intérpretes, e que não possuem a formação específica, salvo em alguns casos de surdos que possuem pós-graduação em tradução e/ou interpretação [...]” (FERREIRA, 2019, p. 17).

Em relação à formação de tradutores e de intérpretes, Araújo (2018) faz um breve panorama histórico sobre a formação de intérpretes nos últimos 20 anos, explicando como a interpretação vem sendo utilizada e como se deu a proliferação dos cursos de interpretação e de tradução, ou só de interpretação, os quais se iniciam no final dos anos 1920 e início da década de 1930, quando a Liga das Nações dá origem à Organização das Nações Unidas. No caso do Brasil, Costa (2018) explica que se observa,

um crescente interesse a respeito da formação do tradutor. Os primeiros programas de graduação destinados à formação de tradutores foram criados no país final da década de 1960 e, desde o final da década de 1970, esse tema se tornou objeto de pesquisa em programas de pós-graduação no país. (p. 35).

Há relatos que dizem que o primeiro curso foi criado no estado do Rio de Janeiro, no ano de 1968 (iniciado em 1969) na PUC-Rio, como uma das habilitações (denominadas especializações durante esse período) do curso de Letras, a habilitação do bacharelado era: revisor-tradutor-intérprete (MARTINS, 2007 apud ARAUJO, 2018). Desde então, novos cursos de formação vêm surgindo, inclusive, no ano de 2008, foi criado o primeiro curso de formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais na UFSC, o Bacharelado em Letras Libras EaD (QUADROS; STUMPF, 2014; RODRIGUES, 2018c). Após esse curso, outros cursos de formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais foram surgindo e, atualmente, contamos com nove cursos de formação ofertados por oito universidades federais brasileiras (UFSC, UFSCar, UFRJ, UFRGS, UFRR, UFG, UFES, UFGD), sendo que nenhum destes cursos é destinado à formação de tradutores e/ou intérpretes surdos de línguas de sinais (RODRIGUES, 2018c). Existem também cursos oferecidos por universidades estaduais e por particulares, mas não os enfocaremos nessa pesquisa.

Conhecer melhor a realidade que envolve os tradutores, os intérpretes e os guias-intérpretes surdos contribui significativamente com a afirmação dessa categoria profissional, além de fortalecer o campo dos ETILS. Portanto, pesquisar esse tema é tanto uma realização pessoal, já que pretendo continuar atuando como tradutora, intérprete e guia-intérprete surda, quanto uma maneira de oferecer às comunidades

surdas e ao campo dos ETILS novos saberes e conhecimentos a respeito desse âmbito profissional em ascensão.

Esta dissertação se organiza da seguinte forma: (1) *Introdução*, em que temos uma breve apresentação da temática da pesquisa, contendo a questão de pesquisa, os objetivos, a menção ao como se dará a coleta de dados e aos autores que fazem parte da revisão de literatura; (2) o capítulo 2, intitulado *A Tradução e a Interpretação de/entre/para línguas de sinais*, traz a contextualização da temática com a apresentação do campo dos ETILS em que a pesquisa se insere, abordam-se aspectos da tradução e da interpretação e se apresenta uma breve revisão de literatura; (3) o capítulo 3, *Metodologia de coleta e análise de dados*, em que temos uma apresentação da proposta de coleta por meio de questionário; (4) o capítulo 4, *Apresentação e Análise dos dados Coletados*, onde se apresentam os dados sistematizados e sua análise nas categorias de perfil, formação e mercado de trabalho; e, por fim, (5) as *Considerações Finais*, seguidas das *Referências*, na qual estão listadas as obras consultadas.

2 A TRADUÇÃO E A INTERPRETAÇÃO DE/ENTRE/PARA LÍNGUAS DE SINAIS

A tradução e a interpretação de línguas de sinais é um campo que vem passando por diversos avanços, principalmente, em relação ao aumento das pesquisas acadêmicas que estão sendo realizadas em instituições públicas de ensino superior brasileiras em programas de pós-graduação (SANTOS, 2013, 2018). Com isso, temos a emergência e consolidação do campo dos Estudos da Tradução e Interpretação de Línguas de Sinais — ETILS (RODRIGUES; BEER, 2015). Segundo Santos (2018),

os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais (doravante ETILS) têm-se constituído como uma área fértil e em franca expansão e que pode ser analisada a partir de diferentes perspectivas. Uma dessas perspectivas refere-se ao crescente número de pesquisas que circulam sobre tradução ou sobre interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em Estudos da Tradução em nosso país. Não é por acaso a proliferação dessas pesquisas no meio acadêmico, pois diversos fatores contribuíram para que o cenário atual fosse favorável à institucionalização dos ETILS. (p. 377).

O campo dos ETILS compreende um conjunto de pesquisas nas áreas de interpretação e de tradução de/entre/para línguas de sinais e se caracteriza por ser um campo específico no âmbito dos Estudos da Tradução (ET) e dos Estudos da Interpretação (EI) com foco na tradução e na interpretação intermodal e intramodal gestual-visual. Atualmente, o campo disciplinar dos ETILS vem crescendo, consideravelmente, no que se refere à quantidade de pesquisas científicas, as quais circulam na forma de trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, teses, artigos, anais, relatórios de pesquisa, capítulos de livros e livros em diversas universidades brasileiras e de outros países (SANTOS, 2013; RODRIGUES; BEER, 2015; SANTOS, 2018; RODRIGUES; QUADROS, 2020).

Ao pesquisar as produções acadêmicas com foco na tradução e na interpretação de línguas de sinais na pós-graduação brasileira, Santos (2013) alerta para o fato de que, ainda que os ETILS “tenha[m] avançado rapidamente nos últimos anos, poucos são os registros que tornam evidentes os impactos, as tendências que se destacam em

publicações como artigos, livros, capítulos de livros, teses, dissertações e monografias sobre pesquisas de TILS” (p. 56). Mais de sete anos após a publicação da pesquisa de Santos (2013), ainda vemos a necessidade de pesquisas do tipo estado da arte, por exemplo, que possam sistematizar e melhor analisar as produções acadêmicas no campo dos ETILS.

Se considerarmos especificamente os trabalhos relacionados à atuação de tradutores e intérpretes surdos no Brasil, podemos afirmar, assim como Santos (2013) faz em relação aos ETILS, que ainda são poucos os estudos que abordam uma sistematização das publicações referentes à tradução e à interpretação feita por surdos. Nesse sentido, faremos mais adiante uma apresentação de tais produções que abordam tanto (i) os processos de tradução, de interpretação e/ou de guia-interpretação realizados por surdos quanto aquelas que sistematizam (ii) os tipos de atuação e/ou as produções acadêmicas sobre a tradução e/ou a interpretação de autoria surda (QUADROS e SOUZA, 2008; AVELAR, 2009; SOUZA, 2010; SEGALA, 2010; STROBEL, 2011; ROCHA, 2013; REIS, 2013; CAMPELLO; CASTRO, 2013; MORAIS; SANTOS, 2013; CAMPELLO, 2014; SIQUEIRA, 2015, 2016; SILVEIRA, 2017; NASCIMENTO, MARTINS; SEGALA, 2017; FERREIRA, 2019; PINHEIRO, 2020; AVELAR, 2020; RODRIGUES; FERREIRA, 2020; BRUNKMANN, 2020).

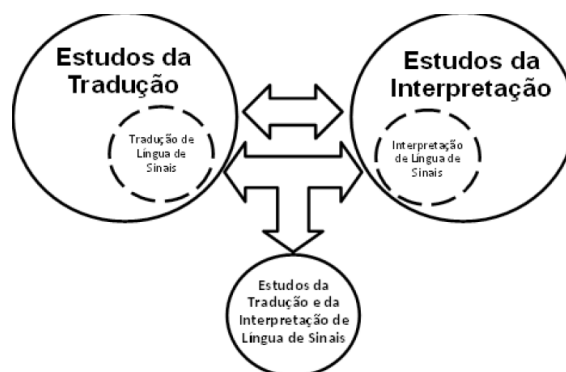
Além disso, é importante dizer que a pesquisa se insere nesse campo e conta com o conhecimento que vem sendo produzido e acumulado nele para as reflexões que serão feitas sobre os dados coletados. Os ETILS, ao abordarem a atuação e o perfil profissional de tradutores e de intérpretes de línguas de sinais, auxiliam no crescimento da profissão, na busca por melhores condições de trabalho e na compreensão do processo de interpretação e de tradução envolvendo línguas de sinais. Além disso, eles possibilitam o aperfeiçoamento da formação em nível de graduação e de especialização para os profissionais dos serviços de tradução e interpretação intermodais e intramodais gestuais-visuais (RODRIGUES; BEER, 2015).

Rodrigues e Beer (2015) abordaram a emergência dos ETILS a partir dos EI e dos ET. Segundo eles, “o que nos permite diferenciar os ET e os EI é basicamente o seu objeto central de estudo, respectivamente, ‘a tradução e o traduzir’ e ‘a interpretação e o interpretar’” (p. 19). Logo, esses campos disciplinares, embora abordem processos de reformulação interlinguística, possuem distintos objetos de estudos assim como

temáticas e maneiras diferentes de realizar a pesquisa acadêmica. Nas áreas dos EI e dos ET, encontramos as pesquisas que abordam os tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos e a tradução/interpretação de/entre/para línguas de sinais realizada por eles.

Rodrigues e Beer (2015) desenvolveram um esquema para representar o fato de os ETILS serem parte, respectivamente, dos ET e dos EI (Figura 01). Portanto, na perspectiva desses autores, o campo da tradução e da interpretação de línguas de sinais relacionam-se não apenas entre si, mas também aos ET e aos EI que tem uma tradição de pesquisa voltada, prioritariamente, aos processos tradutórios e interpretativos intramodais vocais-auditivos (i.e., aqueles que envolvem duas línguas vocais).

Figura 01 - Filiação dos ETILS aos ET e EI



Fonte: Rodrigues e Beer (2015, p. 23).

Mesmo sendo áreas afins e, ao mesmo tempo, distintas, os ET e os EI tem como foco os processos interlinguísticos. Nesse sentido, aqueles processos interlinguísticos que envolvem línguas de modalidades gestual-visual podem ser agrupados no campo dos ETILS, os quais abordam a tradução e a interpretação de/entre/para línguas gestuais-visuais. Nas palavras de Rodrigues e Beer (2015),

as pesquisas sobre a tradução e o traduzir e sobre a interpretação e o interpretar envolvendo línguas de sinais inscrevem-se, respectivamente, nos ET e nos EI e se afirmam como uma vertente específica ao trazer as implicações da modalidade gesto-visual a esses campos disciplinares, ampliando e diversificando suas possibilidades de análise e reflexão. Além disso, contribuem, também, com diversas reflexões e saberes relacionados à interpretação comunitária e

interpretação de conferências, além de questões vinculadas a aspectos éticos, culturais e profissionais. (p. 23).

A reflexão de Rodrigues e Beer (2015) mostra que as pesquisas no campo dos ET e dos EI já incorporavam, historicamente falando, pesquisas envolvendo línguas de sinais. Antes mesmo de se falar de ETILS como um campo disciplinar, as pesquisas sobre tradução e interpretação intermodal já podem ser encontradas na literatura da área da tradução/interpretação. Entretanto, nos últimos anos, essa pesquisa vem se diversificando e ampliando significativamente, passando a incorporar inclusive a temática do perfil e da atuação de tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos de línguas de sinais (FERREIRA, 2019; RODRIGUES; FERREIRA, 2020). Sendo assim, vem surgindo, também, a necessidade de melhor estudar e conhecer as características e as particularidades desses profissionais que vem ganhando espaço e visibilidade em tal área (PINHEIRO, 2020).

A figura do intérprete de línguas de sinais, enquanto um profissional atuante em meio às comunidades surdas, começou bem antes do oferecimento de qualquer tipo de formação profissional e/ou acadêmica na área, como explicitam Rodrigues e Beer (2015),

sabe-se que os primeiros intérpretes de línguas de sinais de que se têm registros eram práticos, sem nenhuma formação acadêmica. Na maioria dos casos, eram familiares e amigos dos surdos ou religiosos preocupados em oferecer assistência a eles ou evangelizá-los. Os primeiros espaços de atuação desses intérpretes práticos foram os ambientes familiares, as escolas especiais, as instituições especializadas e os contextos religiosos. Nesses espaços ocorria, na maioria das vezes, a interpretação simultânea, sendo que a tradução de sinais somente se estabeleceu posteriormente, principalmente, diante da necessidade de materiais acessíveis. (p. 31).

A interpretação Libras-português é um processo de tradução interlinguístico como qualquer outro. Entretanto, a tradução e a interpretação envolvendo línguas de sinais se diferenciam dos demais por serem processos que envolvem línguas de modalidade gestual-visual (RODRIGUES, 2018b). A modalidade de uma língua

[...] pode ser definida como sendo os sistemas físicos ou biológicos de transmissão por meio dos quais a fonética de uma língua se realiza. Existem sistemas diferentes de produção e percepção. Para as línguas orais a produção conta com o sistema vocal e a percepção depende do sistema auditivo. [...] Línguas de sinais, por outro lado, dependem do sistema gestual para a produção e do sistema visual para a percepção. (MCBURNEY, 2004, p. 351 apud RODRIGUES, 2018a, p. 114).

McBurney (2004), citado por Rodrigues (2018a), define que a modalidade de uma língua se refere ao como ela é produzida e recebida. Assim, as línguas de modalidade vocal-auditiva (ou oral-auditiva) dependem da fala e da audição e as de modalidade gestual-visual (ou espaço-visual) dependem dos movimentos do corpo no espaço e da recepção visual. Assim sendo, a língua de sinais está diretamente relacionada às experiências visuais e ao corpo como língua. E os profissionais da tradução, da interpretação e da guia-interpretação precisam desenvolver habilidades para lidar com línguas de diferentes modalidades e ter convívio com as comunidades surdas. Alguns autores, tais como Rodrigues (2018a) defendem que é importante considerar a questão dos efeitos da modalidade gestual-visual nos processos de tradução e de interpretação e, por sua vez, na compreensão da competência tradutória requerida desses profissionais intermodais, pois a questão da diferença de modalidade é central na interpretação e na tradução de/para línguas de sinais.

Para ser um tradutor ou intérprete de línguas de sinais, de acordo com Rodrigues (2018a), o profissional precisa aprender a lidar com a diferença de modalidade das línguas envolvidas nos processos tradutórios. Stone (2020 p. 72) considera que “interpretar é pensar em ação. Você precisa entender o que está fazendo. Você precisa ter as ferramentas para entender o que está fazendo para melhorar e precisa ter bons modelos, Surdos e ouvintes”. E Wilcox e Shaffer (2005) explicam que

interpretar é, em sua essência, a comunicação. Embora a situação de interpretação é um evento comunicativo único e o processo de interpretação entre dois idiomas e duas culturas impõe restrições e exigências especiais ao intérprete, todos atos de interpretação podem finalmente ser reduzidos a atos de comunicação. (p. 17, tradução minha).¹

¹ Interpreting is, at its heart, about communicating. Although the interpreting situation is a unique communicative event, and the process of interpreting between two languages and two cultures places

Ser intérprete de língua de sinais é ser um mediador e facilitador de comunicação entre surdos sinalizantes das línguas de sinais e ouvintes falantes das línguas orais e, portanto, envolve duas línguas de modalidades diferentes e duas culturas distintas. Para Quadros, o “intérprete de língua de sinais [é a] pessoa que interpreta de uma dada língua de sinais para outra língua, ou desta outra língua para uma determinada língua de sinais.” (QUADROS, 2004, p. 7). Além disso, intérpretes de línguas de sinais podem atuar entre duas línguas de sinais, mediando a comunicação entre surdos e/ou ouvintes sinalizantes de diferentes línguas gestuais-visuais: interpretação intramodal gestual-visual. Então, no Brasil, o profissional tradutor e intérprete de línguas de Sinais é reconhecido pelo Decreto 5.626 de 22 de dezembro de 2005, em que se estabelece que a Libras deve ser inserida nas instituições públicas brasileiras e que a comunicação nas instituições seria mediada pelo profissional tradutor e intérprete de línguas de sinais. Há também, no Decreto, o estabelecimento da formação em ensino superior para esses profissionais. Eles foram, de fato reconhecidos, pela Lei 12.319/2010, que conferiu estatuto legal à profissão:

Art. 2º O tradutor e intérprete terá competência para realizar interpretação das 2 (duas) línguas de maneira simultânea ou consecutiva e proficiência em tradução e interpretação da Libras e da Língua Portuguesa. (BRASIL, 2010).

Além da Lei 12.319/2010, que regulamenta a profissão do tradutor e intérprete de Libras-português, temos referência aos profissionais dos serviços de tradução e de interpretação de línguas de sinais na Lei 13.146/2015, que trata sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, assim, no parágrafo segundo e seus incisos I e II temos o seguinte, sobre o direito da pessoa surda:

§ 2º Na disponibilização de tradutores e intérpretes da Libras a que se refere o inciso XI do **caput** deste artigo, deve-se observar o seguinte:

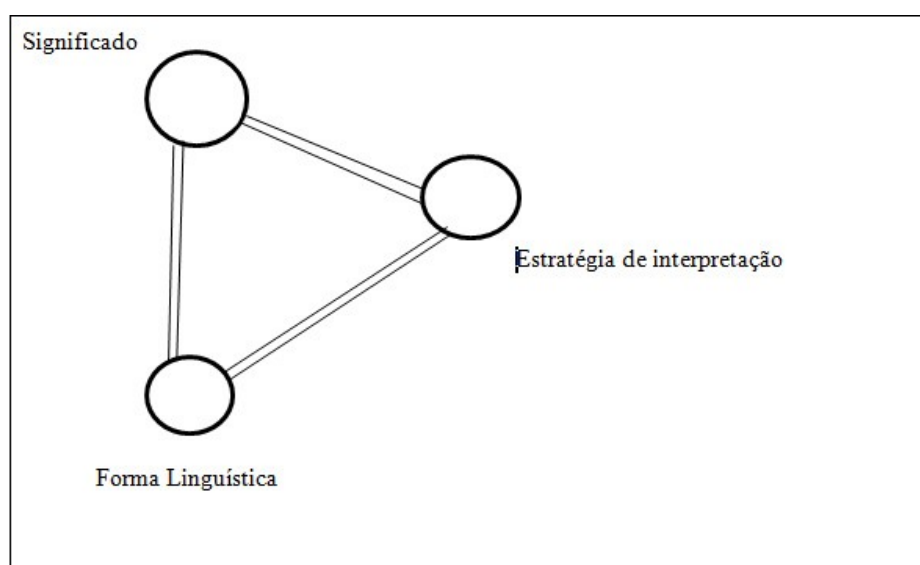
I - os tradutores e intérpretes de Libras atuantes na educação básica devem, no mínimo, possuir ensino médio completo e certificado de proficiência na Libras;

II - os tradutores e intérpretes de Libras, quando direcionados à tarefa de interpretar nas salas de aula dos cursos de graduação e pós-graduação, devem possuir nível superior, com habilitação, prioritariamente, em Tradução e Interpretação em Libras. (BRASIL, 2015).

Portanto, essas leis garantem que o surdo tenha direito a presença do profissional tradutor e intérprete de língua de sinais para facilitar o acesso à informação. Mas bem como está nestas leis, os tradutores e intérpretes precisam ter formação para atuar na profissão, ainda que a Lei 12.319/2010 siga em direção contrária ao Decreto 5.626/2005 e a Lei 13.146/2015, ao considerar a formação em nível médio como suficiente.

Janzen (2005), em seu livro que trata sobre teorias e práticas dos intérpretes de língua de sinais, menciona três principais aspectos que os intérpretes consideram como recurso importante na interpretação (Figura 02), conforme abaixo.

Figura 02 - Estratégias dos intérpretes de línguas de sinais



Fonte: Janzen (2005, p. 7 minha tradução).

Na prática de interpretação de língua de sinais, o intérprete necessita sempre estar atento em tudo o que está fazendo durante a interpretação, o esquema acima mostra que a atividade envolve uma dinâmica entre a forma linguística (o modo com as frases estão estruturadas), o significado (aquilo que está sendo referido) e a estratégia de

interpretação empregada (o modo como a intérprete lida com o significado da mensagem e a forma que ele terá ao ser reformulado na outra língua). O primeiro aspecto é o significado das palavras de origem, com o qual o profissional busca entender cada palavra dita na mensagem pelo palestrante construir um texto novo na mensagem; o segundo aspecto trata-se da estratégia de interpretação e as escolhas durante o ato interpretativo, e, por último, o aspecto não menos importante, a forma linguística com que a mensagem que será dita e as palavras escolhidas (em sinais ou em língua oral).

Assim, o intérprete constrói a partir desses três aspectos, uma mensagem mais acessível para que os significados sejam recebidos de forma clara e compreendidos. Portanto, Janzen (2005) explica que, para forma linguística, o intérprete faz as escolhas gramaticais da mensagem da língua-alvo em que se faz a maior parte da interação linguística. As estratégias, segundo Janzen (2005), em que o intérprete escolhe a melhor forma para a mensagem que será transmitida, em que se lida muito com a construção da mensagem, e que o intérprete escolhe como ele vai traçar esses recursos na interpretação.

Para Wilcox e Shaffer (2005), o processo de interpretação envolve, durante a compreensão do texto-fonte e a reformulação do texto-alvo, o trabalho com significados. Nas palavras dos autores,

[...] a comunicação e, portanto, a interpretação, é um processo ativo de construção de significado com base nas evidências fornecidas pelos palestrantes. Os fatores críticos envolvidos nesse modelo cognitivo são: (1) a natureza da linguagem, especialmente semântica (a natureza do significado linguístico); (2) produção (como pensamentos e significados são expressos através de mensagens linguísticas); e (3) compreensão (o processo pelo qual entendemos o que outra pessoa quer dizer). (WILCOX; SHAFFER, 2005, p. 17, minha tradução)².

Assim, Wilcox e Shaffer (2005) dizem que a comunicação é um processo de construção dos significados, assim como a proposta de Janzen (2005), pois os recursos

² Rather, communication, and therefore interpreting, is an active process of constructing meaning based on evidence provided by speakers. Critical factors involved in this cognitive model are: (1) the nature of language, especially semantics (the nature of linguistic meaning); (2) production (how thoughts and meanings are expressed through linguistic messages); and (3) comprehension (the process by which we understand what another person means) (WILCOX; SHAFFER, 2005, p. 17).

de significado, a forma linguística e as estratégias são fatores importantes de construção das mensagens, que assim os intérpretes podem fazer as melhores escolhas para reformular a mensagem original e essas construções são feitas durante o ato de interpretação.

2.1 Os Tradutores e Intérpretes Surdos

Pinheiro (2020) relata um pouco sobre a história da criação do banquete em homenagem ao Abade L'Eppé que aconteceu na Europa no início do século XIX, em que, inicialmente, só participavam homens surdos e brancos da elite e, neste tempo, mulheres surdas e surdos negros não participavam. Nesse banquete, o objetivo era a disseminação da língua de sinais, lembrar as histórias do Abade e de como seu legado foi deixado para as comunidades surdas. No século XXI, mulheres surdas e surdos negros passaram a frequentar nesse banquete (MOURÃO, 2016, p. 71 apud PINHEIRO, 2020, p. 55), pois viram que o legado do Abade era para que todos os surdos fossem incluídos, portanto, nessas confraternizações havia o empoderamento de pessoas surdas para o reconhecimento da língua de sinais e sua cultura, e ainda outras pessoas surdas de diversos países da Europa passaram a frequentar o evento, usando a língua de sinais na comunicação entre eles. Ao apresentar essa história, Pinheiro (2020) faz uma reflexão, questionando se nesses eventos havia a comunicação em língua de sinais internacionais e se nesses eventos teria ocorrido a atuação de intérpretes surdos para facilitar a comunicação entre surdos e surdas sinalizantes de diferentes línguas de sinais e de distintas culturas.

Após anos, sendo privados de usarem a sua língua, aconteceu a criação da primeira universidade para surdos a Gallaudet University³ que fica na cidade de Washington D.C., a capital dos EUA, ela foi fundada em 1864, e o Filho de Thomas Hopkins Gallaudet, Eduard Miner Gallaudet se tornou o primeiro presidente da Universidade, a qual recebeu o *status* de universidade pelo Congresso dos EUA, em 1986.

³ Informações retiradas no site da Gallaudet University, <https://www.gallaudet.edu/academic-catalog/about-gallaudet/history-of-gallaudet> Acesso em 16/09/2020

Durante quase 100 anos, a comunidade surda foi privada dos seus direitos linguísticos, do uso da língua de sinais. Somente nos anos 1960, os surdos reconquistaram o reconhecimento linguístico e o direito a sua língua de sinais com os estudos sobre a Língua de Sinais Americana – ASL (*American Sign Language*), quando o linguista americano William Stokoe, da Gallaudet, publicou uma análise linguística da ASL e mostrou que as línguas de sinais são línguas com todas as características das línguas orais. (PINHEIRO, 2020, p. 56).

A pesquisa de Pinheiro (2020) aborda o uso das línguas de sinais pelos intérpretes surdos nas interpretações dos encontros internacionais e nas conferências internacionais. As línguas envolvidas nessas interpretações são a Libras, a DGS (Língua de Sinais Alemã), a LSF (Língua de Sinais Francesa), a ASL (Língua de Sinais Americana) e o SI (Sistema de Sinais Internacionais). A autora ainda menciona dados da Organização Mundial de Saúde (OMS), da Federação Mundial de Surdos (World Federation of the Deaf – WFD) e do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), nas seguintes palavras:

a Organização Mundial de Saúde (OMS), no ano de 2016, informou que existe 360 milhões de pessoas com deficiência auditiva no mundo. De acordo com a *World Federation of the Deaf* – WFD, há 70 milhões de pessoas surdas e mais de 300 línguas de sinais no mundo. Em 2010, o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) apontou a existência de 9,7 milhões de surdos e deficientes auditivos no Brasil. (PINHEIRO, 2020, p. 28).

Esses dados indicam a existência de comunidades surdas em todo o mundo, com uma quantidade de pessoas muito significativa, as quais são sinalizantes das mais diversas línguas de sinais e que, depois de muitos anos de luta, podem expressar-se livremente através de suas línguas. Além de que, reforçam ainda mais a importância do reconhecimento e da valorização dos profissionais tradutores e intérpretes, inclusive daqueles que são surdos, dentro dessas comunidades, tendo em vista a ampla diversidade de língua de sinais existentes pelo mundo e a contribuição que esses profissionais surdos podem fazer em relação à troca cultural entre diferentes povos e países.

Outro aspecto importante, sobre a constituição dos intérpretes surdos de línguas de sinais, são as associações e demais articulações desses profissionais. A formação é

um ponto central de afirmação profissional. Stone (2020), professor, tradutor e intérprete de línguas de sinais e presidente da WASLI, ao falar da importância da formação, menciona algumas de suas certificações e vinculações: ACDP⁴, NIC⁵ em ASL (Língua de Sinais Americana), RID,⁶ credenciamento na WFD⁷ e WASLI⁸ como SI (Sinais Internacionais/ Inglês) e AIIC⁹ para as línguas orais. Ainda para o autor, é importante possuir certificações e credenciamentos em diferentes línguas de sinais para que haja maior valorização dos profissionais da categoria.

No que se refere à certificação específica para surdos, existem algumas instituições onde é possível obter registros e/ou certificação de Intérprete Surdo como a Registry of Interpreters for Deaf (RID) (<https://rid.org/>), a National Association of the Deaf (Associação Nacional de Surdos) (<https://www.nad.org/>), ambas nos EUA, e a Associação de Intérpretes de Língua de Sinais (ASLI - <https://asli.org.uk/>), no Reino Unido, que conta com uma rede de apoio e incentivo à intérpretes surdos.

O Registry of Interpreters for Deaf (RID) é o registro que certifica os intérpretes surdos (Certified Deaf Interpreter – CDI), ele possui a mesma validade de um registro profissional, e trata-se de um reconhecimento do trabalho além de uma forma de identificá-los, nos EUA. Ao abordar as certificações emitidas pela RID, Ferreira (2019), afirma que

é interessante notar que as formas de avaliação e certificação de intérpretes surdos e ouvintes é distinta. [...] O que queremos é chamar atenção para o fato de que ambas as certificações existem, sendo realizadas a partir de diferentes critérios avaliativos. Além disso, queremos destacar que a ênfase de ambas está na certificação de intérpretes e não de tradutores. (FERREIRA, 2019. p 39).

Ferreira (2019) chama a atenção para o fato de existirem certificações e avaliações de profissionais intérpretes surdos e que sua avaliação não é a mesma dos ouvintes na realização da obtenção do certificado do RID. Existem países, como a

⁴ CACDP – Council for the Advancement of Communication with Deaf People. Level 3.

⁵ Certificação Nacional para Intérpretes.

⁶ Registro de Intérpretes para Surdos.

⁷ Federação Mundial de Surdos.

⁸ Associação Mundial de Intérpretes de Língua de Sinais.

⁹ Associação Internacional de Intérpretes de Conferência.

Espanha, em que a presença de intérpretes surdos acontece em decorrência da existência de duas línguas de sinais reconhecidas legalmente.

[...] Na Espanha, tem duas línguas de sinais (espanhola e catalã), país que tem legislações, dessa maneira, facilita a presença do intérprete surdo para interpretação intramodal e interlingual de LSE [Língua de Sinais Espanhola] e língua de sinais catalã - LSC (e vice-versa) no mesmo país. (PINHEIRO, 2020, p. 98).

O que Ferreira (2019) aborda é o fato de as duas certificações existentes nos EUA possuírem processos de avaliação diferentes na certificação entre profissionais intérpretes de língua de sinais surdos e ouvintes para obterem o mesmo registro oficial do país. No caso do Brasil, o autor explica que a dificuldade do registro e da certificação para o profissional surdo que atua profissionalmente é maior, uma vez que existem poucos cursos específicos que auxiliem nessa formação. Sendo assim, muitos tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos não têm formação acadêmica específica no Brasil. Na busca por certificação, alguns tradutores e intérpretes surdos se submeteram ao ProLibras - Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa e outros ingressaram nos cursos de formação de tradutores e intérpretes de línguas de sinais destinados aos ouvintes (FERREIRA, 2019). Além disso, alguns buscaram a pós-graduação em Estudos da Tradução (a nível de mestrado e doutorado), que, na verdade, formam pesquisadores e não profissionais da tradução e da interpretação.

Em relação ao ProLibras, é importante mencionar aqui que Ferreira (2019), em sua pesquisa de mestrado, apresenta um número significativo de surdos que teriam tanto se inscrito para o Exame de Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras-Língua Portuguesa:

Tabela 1 - Número de Surdos aprovados nas edições do exame ProLibras

	INSCRITOS	APROVADOS
1º ProLibras 2006	-	-
2º ProLibras 2007	21	-
3º ProLibras 2008	26	-

4° ProLibras 2009	69	13
5° ProLibras 2010	125	33
6° ProLibras 2012-13	128	26
7° ProLibras 2015	159	37
TOTAL	528	109

Fonte: Ferreira (2019, p. 20)

Ferreira (2019), como vemos acima (Tabela 1), mostra uma comparação entre os exames de 2006 a 2015 indicando a quantidade de surdos inscritos e aprovados na Proficiência em Tradução e Interpretação. Assim, é importante destacar que o número de aprovados mostra os intérpretes surdos com ProLibras no Brasil.

Logo, Boudreault (2005), em sua pesquisa, relata o *status* dos intérpretes Surdos (Deaf Interpreters – DI) nos EUA e no Canadá. Para ele:

o *status* profissional dos IS [intérpretes surdos] começou quando o Registro de Intérpretes para Surdos (RID), uma organização dos Estados Unidos equivalente à Associação de Intérpretes de Linguagem Visual do Canadá (AVLIC), reconheceu formalmente o papel do IS estabelecendo o Certificado de Habilidades Reversas (RSC¹⁰) em 1972. No entanto, o RSC foi concedido com maior frequência a indivíduos com deficiência auditiva cujos meios de comunicação preferidos eram o inglês falado e que, geralmente, não estavam muito envolvidos com a comunidade de surdos. (p. 325).¹¹

No ano de 1970, nos EUA, segundo Boudreault (2005) comenta, já existiam registros de profissionais intérpretes, mas, na década de 1980, os EUA exigiram, por meio de lei, que houvesse acessibilidade para surdos nos ambientes jurídicos no país e que os intérpretes surdos tivessem importância na atuação da área jurídica. E, nos anos 1990, o RID denominou uma certificação para os profissionais intérpretes surdos que é o CDI: uma certificação completa em que os intérpretes surdos têm que passar por duas

¹⁰ Reverse Skills Certificate (RSC)

¹¹ The professional status of DIs began when the Registry of Interpreters for the Deaf (RID), a United States organization equivalent to the Association of Visual Language Interpreters of Canada (AVLIC), formally recognized the role of the DI by establishing the Reverse Skills Certificate (RSC) in 1972. However, the RSC was most often granted to hard-of-hearing individuals whose preferred means of communication was spoken English and who were generally not greatly involved with the Deaf community. (BOUDREAULT, 2005, p. 325).

etapas de exames para obter o registro pelo RID, assim como mencionamos acima ao citar Ferreira (2019). A primeira etapa é a parte escrita e a segunda é a parte prática, que é a interpretação.

Boudreault (2005) diz que os surdos assumem, muitas vezes, o papel de facilitadores bilíngues de comunicação diante de surdos que têm dificuldades de compreensão e de se comunicar com outras pessoas, e assim interpretam de maneira informal (o autor usa o conceito de *language broker* – mediador linguístico/ facilitador bilíngue). O autor discute que esses facilitadores, muitas vezes, atuam como uma “ajuda”, pois desconhecem os códigos de ética e não têm treinamento adequado nem experiência profissional como intérpretes surdos. É possível dizer que todos os surdos, em algum momento, já assumiram esse lugar, devido a condição bilíngue e cultural em que vivem.

Ferreira (2019) faz uma reflexão, baseando-se nas pesquisas de autores como Felipe (2000), Sofiato e Riley (2011) e Rocha (2007), sobre o Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES) e sua história, mencionando que os surdos se inseriam em atividades de mediação linguística no INES. Entretanto, para ele, a função de repetidor que o Flausino José da Gama fazia na época em que atuava no INES, embora pudesse ser vista como uma função de tradução, era, na verdade, parecida com uma atividade de professor, quando fazia uma repetição dentro da sala de aula. Acredito que podemos aproximar essa atividade da de um mediador linguístico relatada acima e que ela sinaliza as possibilidades de atuação dos surdos na educação, na mediação linguística, na tradução, na interpretação e na guia-interpretação.

Segundo Rodrigues e Ferreira (2020), cada vez mais, os profissionais surdos estão sendo inseridos nas equipes de intérpretes que atuam em diversos eventos, âmbitos comunitários e em vários tipos de traduções. Sob as perspectivas de Adam et al. (2014), são muitos os papéis e as possibilidades de atuação dos intérpretes surdos, uma vez que eles se deparam com diferentes situações no dia a dia. Muitas vezes, esses profissionais são chamados pelos próprios surdos que não conseguem entender as línguas de sinais estrangeiras ou por aqueles que precisam de ajuda por apenas conhecer e usar sinais caseiros. Surdos com baixa visão e surdocegos também tem demandado o trabalho dos intérpretes surdos, demonstrando a vasta gama de situações linguísticas que podem exigir esse profissional. Sendo assim, os tradutores e intérpretes surdos têm

auxiliado muito as comunidades surdas e, por sua vez, adquirido diferentes habilidades de comunicação, de mediação, de interpretação e de tradução para a transmissão de informações mais precisas de forma a auxiliar em contextos diversificados.

O *site* do Deaf Interpreter Institute¹² explica o que é um intérprete surdo nas seguintes palavras:

Um intérprete Surdo é um especialista que fornece serviços de interpretação, tradução e transliteração na língua de sinais Americana e formas de comunicação visual e tátil usadas por indivíduos surdos, com dificuldade auditiva, ou surdocego. Como uma pessoa surda, o intérprete surdo começa com um amplo alcance na interação e compreensão de formas de comunicação visual influenciadas por região, cultura, idade, educação, literatura, classe social, física, cognitiva, e saúde mental. Estas experiências, junto com o treinamento profissional, dão ao intérprete surdo a habilidade de efetuar uma comunicação de sucesso através de vários tipos de interações de interpretação, ambas de rotina e alto risco. [...]. (DEAF INTERPRETER INSTITUTE, 2018, tradução nossa).

A definição dada pelo *Deaf Institute* mostra que a pessoa surda se torna intérprete pelo conjunto da experiência e vivências estando nas comunidades surdas dentro e fora do país, e pela compreensão de conhecimento cultural e linguístico, e com as interações de comunicação torna-se capaz de realizar a interpretação. Assim,

o primeiro registro conhecido de uma pessoa surda trabalhando como “intermediador linguístico” (minha tradução para *language broker*), data de 1684 e está em um escrito citado por Carty, Macreadye Sayers (2009, p. 309-313), o qual conta a história de como Matthew Pratt, de Massachusetts, o marido de Sarah Pratt, ambos surdos, realizou uma “tradução” à primeira vista escrita das respostas dadas por Sarah em língua de sinais durante seu diálogo na igreja. Portanto, assim como afirma Boudreault (2005), essa atuação ocorreu muito antes de qualquer tipo de reconhecimento ou de busca pela certificação

¹² A Deaf Interpreter is a specialist who provides interpreting, translation, and transliteration services in American Sign Language and other visual and tactual communication forms used by individuals who are Deaf, hard-of-hearing, and Deaf-Blind. As a Deaf person, the Deaf Interpreter starts with a distinct set of formative linguistic, cultural, and life experiences that enables nuanced comprehension and interaction in a wide range of visual language and communication forms influenced by region, culture, age, literacy, education, class, and physical, cognitive, and mental health. These experiences coupled with professional training give the Deaf interpreter the ability to effect successful communication across all types of interpreted interactions, both routine and high risk. NCIEC studies indicate that in many situations, use of a Deaf Interpreter enables a level of linguistic and cultural bridging that is often not possible when hearing ASL-English interpreters work alone. Disponível em: <<http://www.diinstitute.org/>>

profissional de intérpretes/tradutores surdos. (FERREIRA, 2019, p. 31).

Rodrigues e Ferreira (2020), em seu artigo sobre a autoria surda, explicam que, como esses profissionais surdos fazem suas interpretações com línguas de diferentes modalidades ou com línguas de mesma modalidade, é comum que eles estejam inseridos em equipes de intérpretes não surdos, e inclusive trabalhando com a língua vocal. Esses profissionais, também, fazem vários tipos de trabalhos: tradução de textos escritos para a língua de sinais, usando recursos tecnológicos, e interpretação para língua de sinais, ao vivo, em eventos, inclusive recebendo textos escritos em telas, e vice-versa. Pode-se observar que os surdos têm sido bem requisitados para o trabalho intramodal, entre duas línguas gestuais-visuais, principalmente, entre uma língua de sinais estrangeira e uma língua materna ou sinais internacionais.

Além disso, os intérpretes surdos podem trabalhar, também, de modo intramodal-intralingual: da Libras para suas variações, ou mesmo envolvendo mais gestos caseiros. Além disso, a guia-interpretação também é uma modalidade de interpretação que, frequentemente, os surdos atuam. De acordo com Rodrigues e Ferreira (2020), esse tipo de atuação demanda uma competência específica: a “*competência interpretativa intralingual intramodal* – quando a interpretação é realizada com base na mesma língua gestual envolvendo suas variações regionais, geracionais etc.” (RODRIGUES; FERREIRA, 2020, p.121),

Inicialmente, observa-se que alguns surdos começam a interpretar dentro de sua comunidade surda, auxiliando outro surdo, por exemplo, com situações rotineiras, de maneira informal, como aquele surdo que recém chegou à cidade e não conhece os lugares, sentindo-se limitado ao se comunicar. Além disso, há algumas situações, como no caso da presença de surdocegos, em que surdos se voluntariam a guia-interpretar.

Os intérpretes surdos existem desde que houve a necessidade de comunicar e se relacionar com o mundo dos ouvintes. Algumas pessoas surdas são mais adequadas do que outros nesta tarefa e ajudaram seus colegas na escola, ou seus amigos surdos adultos ou membros da família, ao escrever uma carta ou se comunicar com um supervisor no trabalho. Este trabalho como corretor de línguas por parte de alguns surdos a habilidade inata historicamente não foi considerada uma profissão, mas mais como uma forma de apoio

dentro da comunidade surda. (BRÜCK; SCHAUMBERGER, 2014, p. 88, minha tradução).¹³

No Brasil, os intérpretes surdos podem se afiliar às associações estaduais, como em Santa Catarina, onde existe a ACATILS (Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais), que oferece suporte aos associados, além da possibilidade de participar dos eventos, palestras e capacitações que ela promove. Ferreira (2019) explica como funcionam associações de intérpretes no mundo e no Brasil:

No *site* da *World Association of Sign Language Interpreters* (WASLI, em português, Associação Mundial de Intérpretes de Línguas de Sinais), embora se mencionem os intérpretes surdos, não encontramos dados referentes a quantos intérpretes surdos estariam afiliados a ela. No Brasil, o mesmo se repete ao consultarmos o *site* da Federação Brasileira das Associações dos Profissionais Tradutores e Intérpretes e Guia-Intérpretes de Língua de Sinais (Febrapils) e as associações de intérpretes vinculadas a ela. Somente localizamos afiliação de uma tradutora e intérprete surda na Associação Catarinense de Tradutores e Intérpretes de Língua de Sinais, ACATILS. Nesse sentido, pode-se inferir que no contexto brasileiro os intérpretes surdos não possuem o mesmo reconhecimento por parte das entidades representativas dos tradutores e intérpretes de línguas de sinais. (FERREIRA, 2019, p. 37).

Abaixo, um levantamento de tradutores e intérpretes surdos no mundo (Tabela 02), de acordo com a pesquisa de Ferreira (2019):

Tabela 2 - Número de intérpretes surdos no Brasil e no mundo

PAÍSES	INTÉRPRETES E TRADUTORES SURDOS
BRASIL	mais de 109
CANADÁ	mais de 40

¹³ Deaf interpreters have existed as long as there has been the need to communicate with the hearing world. Some Deaf people have been better suited than others to this task and assisted their peers at school, or their adult Deaf friends or family members when writing a letter or communicating with a work supervisor. This work as a language broker by some innately skilled Deaf people has historically not been considered to be a profession, but more like a form of peer support within the Deaf community. (BRÜCK & SCHAUMBERGER, 2014, p. 88).

ESTADOS UNIDOS	mais de 213
28 PAÍSES EUROPEUS	mais de 190 e menos de 310

Fonte: Ferreira (2019, p. 43)

Stone (2020) relata que nos EUA e no Reino Unido aconteceram movimentos para que utilizassem legenda e *Closed Caption* nos programas nacionais, e que, no Reino Unido, teve reivindicação, também, por interpretação de línguas de sinais nos noticiários, sendo que tal interpretação contou com a atuação de surdos.

Forestal (2011) mostra uma pesquisa feita pelo Consórcio Nacional de Centros de Formação de Intérpretes – grupo de Intérpretes Surdos (NCIEC, 2009) — National Consortium of Interpreter Education Centers – Deaf Interpreting Team —, na qual entrevistaram intérpretes surdos sobre sua cidadania e formação. Seguem dados sobre os entrevistados.

A mais recente pesquisa surgiu de uma pesquisa nacional conduzida sob os auspícios do Consórcio Nacional de Centros de Formação de Intérpretes – grupo de Intérpretes Surdo (NCIEC, 2009) na primavera de 2008, com 196 surdos entrevistados em que se identificaram como IS. Os objetivos gerais desta pesquisa onde a investigação antecedentes de IS em que se diz a respeito de família, educação, credenciais e experiências; onde IS trabalha; que atendem consumidores; necessidades e objetivos de desenvolvimento profissional; os 196 que responderam; 122 são mulheres e 74 são homens; 172 são Europeu Americanos; 8 Asiático ou Afro-Americanos; 8 Hispânicos; 8 desconhecidos; Alto nível de educação alcançada; 36 tinha diploma de ensino médio; 23 tinha algum diploma associado; 37 um diploma de bacharel; 66 um diploma de mestrado e dois doutorado; trinta responderam que estão no processo para obter o diploma: 4 com um diploma associados, 8 bacharelados; 9 mestrados; 9 PhD. Seguindo sobre a certificação responderam: 63 tem certificado do RID; que era 32% da amostra (NCIEC, 2009). (FORESTAL, 2011, p. 13).¹⁴

¹⁴ The latest research came from a national survey conducted under the auspices of the National Consortium of Interpreter Education Centers – Deaf Interpreting Team (NCIEC, 2009) in the spring of 2008, with 196 Deaf respondents who identified themselves as DIs. The overarching objectives of this survey were to investigate the backgrounds of DIs with regard to family, education, credentials, and experience; the settings where DIs work; consumers they serve; professional development needs and goals. Of the 196 respondents, 122 were female and 74 male; 172 were European Americans; 8 Asian Americans or African Americans; 8 Hispanic Americans; 8 unknown. On the highest level of education achieved, 36 had a high school diploma; 23 had an associate degree; 37 a bachelor's degree; 66 a master's degree and two had a doctorate degree. Thirty respondents were in the process of earning a degree: 4 for

Conclui-se que dos entrevistados pela pesquisa da NCIEC, apontado por Forestal (2011), 37 têm um diploma de bacharel e, dos que responderam sobre a certificação, 63 têm certificado do RID, isso mostra que poucos surdos têm diploma acadêmico como qualificação, mas que um número maior tem uma certificação que possibilita atuar como intérprete surdo.

Forestal (2011) discute que, no contexto norte-americano, como a emergência da atuação de intérpretes surdos subiu para nível profissional nas últimas décadas, o reconhecimento tem ocorrido em diversos setores, apoiado pelos exames e, por sua vez, pela certificação do RID, com as licenças em nível estadual em diversos estados do EUA e com a geração de empregos para esses profissionais, as oportunidades de formação têm se ampliado. Adicionando, também, o crescimento de números de pessoas que estavam imigrando para o país, e a demanda de interpretação em diversas cidades nos EUA, o que ocasionou a contratação desses profissionais em consultas médicas, atendimentos jurídicos e para guia-interpretação aos surdocegos.

Jonhson (2014), membro da Associação Canadense de Intérpretes de Língua de Sinais (Association of Visual Language of Canada – AVLIC), fala de um documento que trata a posição da associação sobre a certificação dos intérpretes de línguas de sinais do Canadá: o COI (Certificado de Intérprete). Primeiramente, o exame passa por algumas etapas, como: entrevista preliminar, registro, *status* e credenciamento de programas de intérpretes canadenses e credenciais americanas ou estrangeiras. A associação foi criada em 1979, o primeiro estatuto em 1980 e a certificação nacional só está disponível para membros da associação. E a associação, para desenvolver a avaliação canadense, consultou especialistas americanos em exames de certificação dos intérpretes nos EUA, o RID, e o comitê de avaliação, a AVLIC, associou-se a duas organizações canadense o CAD (Associação Canadense de Surdos) e CCSD (Sociedade Cultural Canadense de Surdos) e, no início dos anos 1980, essas associações consultavam e aconselhavam a AVLIC nos testes, processos, supervisão. Havia padrões e critérios nos exames. O processo de Certificação ASL-Inglês tem quatro fases: (1)

an associate degree; 8 a bachelor's; 9 a master's; 9 a PhD. Moving on to certification held by the respondents, 63 held certification awarded by RID, which was 32% of the sample (NCIEC, 2009). (FORESTAL, 2011, p. 13)

conhecimentos; (2) habilidades; (3) testes de interpretação; e (4) estratégias. O COI não é reconhecido nos EUA e os intérpretes que querem trabalhar e serem reconhecidos lá precisam buscar as certificações americanas. Neste documento, não se menciona sobre a avaliação de intérpretes surdos.

Bontempo e Gray (2009), em sua pesquisa intitulada “Interpretação *Down Under*: educação e treinamento de intérpretes de língua de sinais na Austrália”, tratam a profissão de intérprete. Na Austrália, em 1980 e 1990, com o aumento de acesso e de oportunidades às pessoas surdas, por fatores sociais e políticos, com as leis favoráveis à comunidade surda, os profissionais intérpretes de língua de sinais foram impactados. Em 1982, houve a inclusão de testes nacionais para os intérpretes; em 1986, a criação de treinamentos para esses profissionais; e, em 1990, a inclusão da nomenclatura de intérpretes Auslan-ínglês nos registros de certificações. Além disso, em 1983, houve a criação da associação de intérpretes de Língua de Sinais Australiana (Auslan) em nível estadual, por causa das demandas de testes desses profissionais. Em 1991, a criação da ASLIA¹⁵ (Associação Australiana de Intérprete de Língua de Sinais), e, no final dos anos 1990 e no início dos anos 2000, a adição da do sistema de sinais internacionais, que resultou na criação do primeiro programa australiano universitário para intérpretes, e, com a influência, os intérpretes, no campo acadêmico, realizam estudos e pesquisas de programas de pós-graduação, mestrado ou doutorado, e esses estudos têm efeitos positivos na educação dos intérpretes de língua de sinais na Austrália. A NAATI¹⁶ (Autoridade Nacional de Acreditação para Tradutores e Intérpretes), criada em 1977, implementou exames de tradutores e intérpretes, sendo que a Auslan é um dos 58 idiomas credenciados pelo órgão, além dos exames de certificação o órgão aprovou o mestrado em interpretação de conferências. Além disso, na Austrália,

Embora claramente não seja considerado um trabalho de IRS [Intérprete Relé Surdo] em um contexto moderno, a realidade é que muitos surdos têm desempenhado um papel de pseudointerpretação em vários ambientes de forma informal e sem treinamento ao longo dos anos. Os exemplos incluem uma criança surda (normalmente, mas nem sempre, de uma família surda) retransmitindo as instruções e informações do professor em sala de aula para seus colegas; uma pessoa surda transmitindo informalmente as informações de Auslan para outra língua de sinais para um grupo de visitantes estrangeiros

¹⁵ *Australian Sign Language Interpreters' Association*

¹⁶ *National Accreditation Authority for Translators and Interpreters*

que assistiam a uma apresentação no clube de surdos; uma pessoa surda com bons conhecimentos de inglês oral, bem como fluência em Auslan, facilitando a comunicação entre seu amigo surdo e um profissional ouvinte em uma consulta; e um surdo bilíngue traduzindo um texto escrito, como uma carta de um departamento do governo, de Inglês para Auslan para um surdo com dificuldades de alfabetização que os abordou para obter ajuda. (BONTEMPO; GRAY, 2009, p. 162. tradução minha)¹⁷.

Então, as autoras afirmam que a NAATI não considera o credenciamento para aqueles que atuariam nessa “pseudointerpretação” (i.e., uma interpretação não profissional), pois a organização não vê as atividades deles como uma atividade profissional de interpretação. Em 2006, perceberam que os surdos que trabalhavam como intérpretes necessitavam de treinamento e certificações para atuarem com os pacientes e médicos. No de 2007 e 2008, esses intérpretes receberam avaliações de habilidades. Mais tarde, em 2009, a NAATI desenvolveu testes para as certificações de IS. Bontempo e Gray (2009) concluíram em sua pesquisa, no contexto australiano, que tem poucos programas de treinamento para profissionais IS, visto que o treinamento para os IS careceria de financiamento.

Egnatovich (1999), em seu artigo *Certified Deaf Interpreter — Why?*, trata a certificação dos intérpretes surdos (CDI), afirmando que, normalmente, os intérpretes não surdos contavam com intérpretes surdos, com certificados e treinamentos, para atuarem junto a eles. Mesmo com poucos trabalhos, os intérpretes surdos persistem em sua procura por mais trabalhos e por treinamentos na área. Os profissionais surdos sentem que os ganhos de experiência de trabalho estão em falta. O autor relata que alguns intérpretes não surdos diziam que não havia necessidade de trabalhar com um intérprete surdo, porque conseguiam interpretar, assim como outros intérpretes que diziam se sentir intimidados com a presença desses profissionais.

¹⁷ Although clearly not considered DRI work in a modern context, the reality is that many deaf people have performed a pseudo-interpreting role in various settings on an informal and untrained basis over the years. Examples include a deaf child (typically, but not always, from a Deaf family) relaying a teachers instructions and information in the classroom to their peers; a deaf person informally conveying information from Auslan into another sign language for a group of foreign visitors attending a presentation at the Deaf club; a deaf person with good oral English skills as well as fluency in Auslan facilitating communication between their deaf friend and a hearing professional at an appointment; and a bilingual deaf person translating a written text, such as a letter from a government department, from English into Auslan for a deaf person with literacy difficulties who has approached them for assistance. (BONTEMPO E GRAY, 2009, p. 162).

O Brasil apresenta uma certificação denominada ProLibras — Programa Nacional para a Certificação de Proficiência no Uso e Ensino da Língua Brasileira de Sinais e a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa (<http://portal.mec.gov.br/>). As provas de proficiência começaram a partir do ano 2006, e se estenderam, segundo Guedes (2020), até o ano de 2015, até então, para os intérpretes, não havia qualquer tipo de certificação e formação acadêmica em universidades federais. De modo geral, a certificação do ProLibras, conforme o Decreto 5.626/2005, era para “avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua”. (BRASIL, 2005).

Com o ProLibras, os surdos que tinham interesse em atuar na área de interpretação puderam fazer, também, a prova para obter a certificação de Proficiência em tradução e interpretação em Libras-Língua Portuguesa (FERREIRA, 2019). Pinheiro (2020), ao considerar a realidade dos tradutores e intérpretes surdos brasileiros de línguas de sinais, destaca seu perfil em relação às suas línguas de trabalho. Segundo ela,

os tradutores e intérpretes surdos brasileiros, geralmente, conhecem três ou mais línguas: a sua língua natural, a Libras; a língua falada do seu país, a língua majoritária, no nosso caso o português brasileiro, e; outra língua de sinais, que normalmente é a LSI [língua de sinais internacionais] ou outras LSNs [línguas de sinais nacionais], depende da realidade de cada surdo. (p. 75).

Os surdos têm uma convivência bilíngue de forma diária, em seu contato com as línguas nacionais, e, devido a essa condição bilíngue, “alguns surdos querem trabalhar com tradução e interpretação, pois podem adquirir experiência, habilidade e competência na tradução e interpretação das línguas de sinais” (PINHEIRO, 2020, p. 72). Assim “um surdo bilíngue com habilidades, em pelo menos uma língua escrita e uma língua de sinais, pode ser um intérprete ou tradutor mesmo que este não consiga ouvir ou falar” (BOUDREAULT, 2005, p. 324)¹⁸. Boudreault (2005) explica que

as definições da função dos intérpretes surdos geralmente não foram claramente estabelecidas tanto na comunidade surda quanto para intérpretes de língua de sinais no Canadá, embora exista uma

¹⁸ A Deaf bilingual with skills in at least one written and one signed language can be an interpreter or translator even if she is unable to hear or speak. (BOUDREAULT, 2005, p. 324).

suposição geral de que um IS é considerado um “facilitador” ou um intérprete “espelhado”. Temos a tendência de pensar em intérpretes de língua de sinais falada como intérpretes “ouvintes”, então talvez possam considerar intérpretes “surdos” para sejam aqueles que simplesmente são surdos. No entanto, muitas pessoas presumem que os intérpretes surdos só podem fazer certas tarefas específicas. Isso geralmente leva ao equívoco de que um papel do IS é limitado. Existe um mal-entendido geral entre os membros da comunidade surda e muitas pessoas que ouvem que a tarefa do IS envolve apenas a retransmissão entre um intérprete ouvinte certificada e um surdo, compensando às diferenças em uso da língua, dadas a formação educacional e linguística do surdo. (2005, p. 327).

Pinheiro (2020) destaca como é a formação dos profissionais surdos que se inserem no campo de tradução e interpretação de língua de sinais:

a qualificação dos surdos para a função de intérpretes, vem se dando numa formação empírica e baseada na sua competência tradutória e/ou interpretativa, incluindo a competência linguística, geralmente ocorrendo, nos contextos de conferências, em interpretações de casos jurídicos, em interpretações em consulados, em atendimento de saúde, em diversos outros contextos. (p. 23-24).

Ao considerar as vantagens decorrentes da atuação de surdos como tradutores e/ou intérpretes, a pesquisadora afirma que “as vantagens da presença de intérprete surdo se dá pelos conhecimentos das línguas sinalizadas e dos estilos linguísticos e pela própria identidade surda podem se sobressair em relação ao trabalho do intérprete ouvinte” (PINHEIRO, 2020, p. 50). Essas vantagens fazem com que os intérpretes surdos possam compartilhar seus conhecimentos com outros colegas de equipe e, assim, contribui para uma melhor interpretação e tradução, pois as habilidades, práticas e experiências desses profissionais no uso da língua são diferenciadas.

Nesse mesmo sentido, McDermid (2010) menciona que há um crescimento de pesquisas empíricas em que a atuação dos intérpretes surdos está presente em ambientes médicos, em serviços hospitalares, e que com a experiência cultural do intérprete surdo, aquelas pessoas surdas que estão sendo atendidas ficam confortáveis com a presença deste profissional. A partir da demanda pela interlocução com pesquisadores estrangeiros nos eventos de tradução e interpretação, se viu a necessidade da atuação dos profissionais intérpretes surdos, assim como de novas pesquisas enfocando tal atuação.

2.2 As modalidades de tradução e de interpretação

A caracterização da tradução e da interpretação vêm sendo feitas por diferentes teóricos. Ao contrário da tradução, a interpretação tende a ser realizada apenas com um breve planejamento prévio e o seu público vai recebê-la imediatamente, aqui e agora, no contexto da produção.

De maneira geral, a interpretação se caracteriza pelo contato do intérprete com o texto oral em fluxo, em seu ato imediato de produção, pois o texto é fugaz. Assim, o intérprete precisa oferecer a interpretação numa situação contextual em que o público se faz presente, já que o lapso temporal entre o conhecimento do texto e a sua interpretação diante do público é pequeno, não sendo viável o planejamento prévio. (RODRIGUES; MEDEIROS, 2016, p. 4).

É possível afirmar que a presença de intérprete de línguas de sinais teria seus primórdios na época em que o INES, o antigo Instituto Nacional de Educação de Surdos e Mudos, hoje denominado Instituto Nacional de Educação de Surdos, que se situa no Estado do Rio de Janeiro, teria sido fundada (i.e., a partir de 1857). De acordo com Leite (2004),

a presença de intérprete, na mediação entre surdos e ouvintes, deve ser tão antiga quanto a existência das pessoas surdas pelo mundo. Aqui, no Brasil, temos notícia da convocação oficial de intérprete, por órgão judicial, ao então Instituto Nacional de Surdos Mudos, ainda no final do século XIX, conforme documentos existentes na biblioteca do INES. (LEITE, 2004, p. 24-25).

Logo, para iniciar a discussão sobre as modalidades de interpretação Leite (2004), em sua pesquisa sobre intérpretes de Libras-português em sala de aula inclusiva, explica o seguinte:

Quadro 1 - Modalidade de Interpretação Simultânea x Interpretação Consecutiva.

Interpretação simultânea	Interpretação consecutiva
É realizada com mensagem da fonte em andamento e o intérprete vai produzindo o seu texto até que a mensagem fonte sofra uma pausa;	O intérprete leva em conta a quantidade de informação que entra, aproveitando a oportunidade de um fechamento na sentença em curso para iniciar a interpretação ou aproveitar para tomar

<p>É considerada mais eficiente, até mesmo em relação ao fator de tempo.</p> <p>É relativamente nova em relação às línguas orais, sendo mais ou menos tradicional em interpretações das línguas de sinais.</p>	<p>nota;</p> <p>Exige que o intérprete primeiro receba a mensagem da fonte e depois a intérprete;</p> <p>Permite que a mensagem da fonte seja apresentada em partes ou no todo;</p> <p>É considerada mais acurada em relação a simultânea.</p>
--	--

Fonte: Leite (2004, p. 37).

A autora mostra (Quadro 1) a diferença entre as duas modalidades mais comuns de realização da interpretação. Primeiro, a interpretação simultânea que é uma interpretação com pouco tempo de raciocínio, após o recebimento da mensagem do palestrante, e que não permite tomada de notas; o que é bem comum na interpretação de/para línguas de sinais. Por outro lado, a interpretação consecutiva permite tomada de notas e só pode interpretar após a finalização de uma parte da fala do palestrante.

No seguinte quadro (Quadro 2), Leite (2004) trata as diferenças da interpretação em língua vocal (oral) e em língua de sinais.

Quadro 2 - Interpretação em Língua Oral x Interpretação em Língua de Sinais

Interpretação em língua oral	Interpretação em língua de sinais
<p>Envolve língua e modalidades auditivas.</p> <p>Por envolver apenas uma modalidade de língua, se um dos participantes do evento interpretado for bilíngue, ele terá acesso às duas línguas utilizadas.</p> <p>É intermodal.</p> <p>Não exige que o intérprete fixe o olhar em quem está interpretando, ou seja, na fonte da mensagem, podendo fazer anotações ao realizar uma interpretação consecutiva.</p> <p>Historicamente, tem usufruído de algum prestígio.</p> <p>Só recentemente tem sido realizada com frequência em contextos de conferência e em cenários com outros perfís.</p>	<p>Envolve língua e modalidades auditivas e visuais.</p> <p>Por envolver dois modos diferentes de língua, sinais/oral ou oral/sinais, se um dos participantes for bilíngue, mesmo assim não terá acesso às duas línguas utilizadas no evento interpretado.</p> <p>Além de ser intermodal, também é bimodal.</p> <p>Exige que o intérprete fixe o olhar em quem está sendo interpretado, ou seja, na fonte da mensagem, não podendo o intérprete fazer anotações enquanto realiza interpretações consecutivas;</p> <p>[...]</p> <p>Tem sido realizada há muitos anos, em cenários com pequenos grupos.</p>

Fonte: Leite (2004, p. 38)¹⁹.

¹⁹ O seguinte trecho: “Não é capaz de usufruir de prestígios, pois as línguas de sinais são tratadas como sistemas primitivos, não linguísticos” foi suprido do quadro, tendo em vista que as mudanças sociais, legais e históricas não o sustentam mais.

O quadro acima demonstra diferenças entre a interpretação envolvendo duas línguas de modalidade vocal-auditiva (i.e., intramodal vocal-auditiva) e a interpretação envolvendo línguas de diferentes modalidades, a qual é presente em cenários que tem o comparecimento de pessoas surdas, sendo uma interpretação que envolve uma língua vocal auditiva e outra gestual-visual (i.e., intermodal). Entretanto, é importante analisá-lo, com base nos avanços da área nos últimos anos. Primeiramente, teríamos diferentes tipos de interpretação e de tradução em relação à modalidade das línguas envolvidas, e podemos organizá-las em: (1) tradução e interpretação intermodal (envolvendo uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual); (2) tradução e interpretação intramodal vocal-auditiva (envolvendo duas línguas vocais-auditivas); e (3) tradução e interpretação intramodal gestual-visual (envolvendo duas línguas gestuais-visuais).

Com relação ao acesso dos participantes às línguas envolvidas, temos que, se no caso da interpretação intramodal vocal-auditiva, o público for ouvinte, ele poderá acessar as línguas envolvidas na interpretação, o que não ocorrerá com o público surdo. Assim, no caso da interpretação intermodal, ainda que o público surdo seja bilíngue, ele não terá acesso a língua vocal em sua modalidade oral. Nessa mesma perspectiva, a interpretação entre línguas vocais-auditivas, embora tenha o contato visual como importante, pode ser realizada sem ele, caso seja necessário, o que não ocorre na interpretação intermodal, visto que a língua de sinais tem recepção visual, e não auditiva.

Atualmente, ambas interpretações — intramodal vocal-auditiva e intermodal — tem se destacado em contextos de conferências e comunitários, cada vez com mais visibilidade, o que tem alterado seu reconhecimento e prestígio. Rodrigues e Ferreira (2020) consideram que “é possível observar internacionalmente o crescimento dessas demandas interpretativas intermodal e intramodal, principalmente, em contextos de conferências” (p. 112). Nesses contextos, temos, como mencionamos acima (Quadro 01), a presença da interpretação em suas modalidades consecutiva e simultânea.

Pagura (2003), em seu artigo “A interpretação de conferências: interfaces com a tradução escrita e implicações para a formação de intérpretes e tradutores”, faz uma definição das modalidades de interpretação. A primeira delas é a consecutiva que

é aquela em que o intérprete escuta um longo trecho de discurso, toma notas e, após a conclusão de um trecho significativo ou do discurso inteiro, assume a palavra e repete todo o discurso na língua-alvo, normalmente a sua língua materna. (PAGURA, 2003, p. 211).

Essa modalidade seria a consecutiva longa, a qual se diferenciaria da consecutiva curta, na qual não há tomada de notas e o intervalo entre o momento em que o trecho do discurso é emitido e interpretado é bem menor. Para Pöchhacker (2004), a interpretação consecutiva longa é uma modalidade que já existe desde o século XX e, durante a interpretação, geralmente envolve tomadas de notas. Assim, ela é uma atividade em que “o processo de interpretação em que, após o falante ou sinalizante ter concluído uma ou mais ideias na língua de origem, faz uma pausa, enquanto o intérprete transmite essas informações”. (RUSSEL, 2005, p. 136).²⁰

É uma interpretação mais precisa, com mais técnica, tem mais liberdade para escolher as palavras e fazer consultas, tem mais tempo para interpretar sem interrupções, conseguindo corrigir os erros. E, também, tem mais termos complexos e não familiares. (SETTON; DOWRANT, 2016, p. 16).

A consecutiva curta, por outro lado, é mais usada em ambientes comunitários, como na área jurídica, educacional e de Saúde, em que o profissional interpreta interações e diálogos (PÖCHHACKER, 2004, p. 18). É uma modalidade de interpretação que não envolve tomadas de notas, e é geralmente mais usada pelos intérpretes de língua de sinais, que usam uma interpretação visual-gestual. Albres e Santiago (2012) afirmam também que a interpretação consecutiva, tanto a longa com tomada de notas quanto a curta, pode ocorrer em contextos de reunião, mesa de conferência, interações etc. dependendo das demandas da ocasião que se interpretará.

²⁰ Consecutive interpretation is defined as the process of interpreting after the speaker or signer has completed one or more ideas in the source language and pauses while the interpreter transmits that information. (RUSSEL, 2005, p. 136)

Também, Pagura (2003) explicita outra modalidade, não menos importante, que é a Simultânea, pois

essa modalidade permite a tradução de uma mensagem em um número infinito de idiomas ao mesmo tempo, desde que o equipamento assim o permita. A interpretação simultânea não ocorre, de fato, simultaneamente à fala original, pois o intérprete tem necessidade de um espaço de tempo para processar a informação recebida e reorganizar sua forma de expressão. (p. 211-212).

Essa é uma das modalidades mais usadas pelos intérpretes atualmente, em diversas áreas de atuação, ela costuma ser realizada em duplas ou equipes e contar com o revezamento de profissionais. Pode-se falar da simultânea com tecnologia, que utiliza cabines, ou outros equipamentos, e sem tecnologia, que inclusive pode ser feita como uma simultânea sussurrada, apenas para uma pessoa apenas ou para um grupo pequeno, também conhecida como *chuchotage*, em francês, e *whispering*, em inglês.

Pagura (2003) ainda menciona uma modalidade de consecutiva curta que ele define de “intermitente (ou “*sentence-by-sentence*”, ou ainda “ping-pong”) [que] não é comumente estudada por pesquisadores da área, nem é utilizada por profissionais em eventos de caráter internacional” (PAGURA, 2003, p. 212). Sobre essa modalidade, Albres e Santiago (2012) mencionam que ela é “feita sentença por sentença e, geralmente, utilizada em reuniões de conversas de duração breve” (p. 52). Além disso, temos que interpretação intermitente “é uma modalidade de interpretação usada quando há um público dentre o qual todos são falantes de uma mesma língua” (SILVA, 2013, p.17), a qual ocorre em sermões religiosos, palestras, teatro.

As modalidades de interpretação mencionadas, acima, são frequentes nas interpretações que ocorrem em contextos comunitários, nas áreas jurídicas, educacionais e da saúde, e, também, nos de conferências. Além dessas modalidades, é importante mencionar a interpretação à prima vista, que “é de longa data percebida como uma atividade tradutório-interpretativa de natureza híbrida, por sua ancoragem na matriz da linguagem escrita como ponto de partida e na linguagem oral como ponto de chegada” (SAMPAIO, 2017, p. 1674).

Além das modalidades apresentadas, é relevante reiterar a existência de diferentes contextos e demandas de atuação de um intérprete surdo.

Há outros contextos de uso da língua de sinais como os específicos na área de saúde, na área jurídica, nos consulados, nos aeroportos, entre outros, e são espaços de encontro de pessoas da comunidade surda e podem ser espaços de atuação de intérprete surdo. Por exemplo, na saúde, se um paciente surdo fica doente, pode ser mais fácil para o intérprete surdo estabelecer uma comunicação com o surdo enfermo, através do jeito surdo de ser, trabalhando aspectos visuais e culturais da língua de sinais, do que o intérprete ouvinte que não domine uma interpretação com aspectos da cultura surda. (PINHEIRO, 2020, p. 49).

Portanto, na área jurídica também tem muita demanda para os intérpretes surdos, pois a presença deles se faz necessária para a comunicação fundamental do réu na audiência e também em depoimentos em delegacias e com a polícia em ambientes como Aeroportos.

Outro exemplo poderia ser na área jurídica, se um presidiário surdo vai para a justiça e não sabe língua de sinais, a presença do intérprete surdo durante a comunicação seria fundamental. Outro exemplo, ainda, seria uma situação no aeroporto, na qual, um surdo vai para um país estrangeiro e a polícia solicita o passaporte, porém eles não estabelecem uma comunicação, pois precisaria da presença de intérprete surdo de língua de sinais para outra língua de sinais para comunicação em língua de sinais internacional. (PINHEIRO, 2020, p. 49).

Também temos evidência na área de desportos, pois muitos surdos frequentam as olimpíadas de surdos e, também, muitos outros eventos nacionais e internacionais que envolvem línguas de sinais estrangeiras.

Temos evidências de que a presença de tradutor e intérprete surdo de LSI em eventos como: WFD, *Deaflympics60*, Pan-Americano de Surdos, ONU, *European Union* – EU, (traduzido para o português brasileiro “União Europeia”), *European Union Deaf* – EUD, (traduzido para o português brasileiro “União Europeia de Surdos”) e, eventos regionais nacionais e internacionais, reuniões, mídias, rede social, jurídicos, turismo, saúde, policiais delegacias, entidade de surdos e dentre outros, já ocorre há muitos anos. (PINHEIRO, 2020, p. 110).

Brück e Schaumberger (2014) concluem, em sua pesquisa, que os intérpretes surdos na Europa fazem parte de uma profissão emergente, pois há grande demanda, e

que a situação é melhor que nos Estados Unidos, mesmo que no país haja um registro de certificação desses profissionais. Assim, as autoras coletaram dados nos campos de atuação em que os intérpretes surdos mais trabalham na Europa. Para elas,

o número de intérpretes surdos qualificados na Europa é baixo, com o maior número mencionados sendo 13 em um país. Há pouca educação formal oferecida, quanto mais em um nível acadêmico. Não há intérprete surdo nas associações e muitos intérpretes surdos ainda não foram admitidos na maioria das associações de intérpretes ouvintes. A maioria deles interpreta ocasionalmente e ganha sua vida ensinando ou trabalhando em vários projetos de língua de sinais. Mais como são em conferências, cuidados de saúde e saúde mental, como a polícia e como tradutores em programa de TV ou em sites. Eles recebem as mesmas taxas que seus colegas ouvintes. Principalmente, eles são reservados por clientes ouvintes, associados ou colegas ouvintes. O que eles valorizam mais no trabalho em equipe é o profundo conhecimento do parceiro da equipe, estar em sintonia com eles, tendo uma atitude semelhante para trabalhar, experimentando respeito, apoio, bem como o compartilhamento de informações. (BRÜCK; SCHAUMBERGER, 2014, p. 104, minha tradução).²¹

Após apresentar essas diferentes modalidades de interpretação e mencionar alguns contextos de atuação dos intérpretes surdos, vamos focar em algumas demandas recorrentes, a saber: (a) a interpretação intermodal e (b) a interpretação intramodal gestual-visual. Além disso, vamos mencionar (c) a interpretação em equipe e o “espelhamento” e (d) a guia-interpretação.

a) Interpretação intermodal

²¹ The number of skilled practicing Deaf interpreters in Europe is low, with the biggest number mentioned being 13 in one country. There is little formal education offered, let alone at a higher academic level. There are no deaf interpreter associations and many Deaf interpreters are yet to be admitted to most of the hearing interpreter associations. Most of them interpret occasionally and earn their living by teaching or working on various sign language projects. Most assignments are in conferences, health care and mental health, with the police and as translators in TV programmes or for websites. They are paid the same rates as their hearing colleagues. Mostly, they are booked by hearing customers, associations, or hearing colleagues. What they value most in teamwork is the profound knowledge of the team partner, being in harmony with them, having a similar attitude to work, experiencing respect, support, as well as the sharing of information. Brück& Schaumberger, 2014, p.104)

Rodrigues e Ferreira (2020) discutem que na interpretação, além das modalidades simultânea, consecutiva e à prima vista, temos também a qualificação da interpretação em relação à modalidade das línguas envolvidas, assim como já mencionado acima. Assim temos a interpretação intermodal, que envolve uma língua vocal-auditiva e outra gestual-visual, e a intramodal que pode envolver duas línguas vocais-auditivas ou duas gestuais-visuais.

[...] é possível dizer que a tradução envolvendo línguas de sinais pode ter um texto-alvo registrado, basicamente, de três diferentes formas: em escrita, em áudio ou em vídeo; sendo que há uma diferença marcante: no vídeo, o tradutor torna-se necessariamente visível, assim como na interpretação da língua vocal-auditiva para a gestual-visual. (2019, p. 50-51). (RODRIGUES; FERREIRA, 2020, p. 117).

Diferentemente da interpretação envolvendo apenas línguas vocais, a **interpretação intermodal**, quando tem como língua-alvo uma língua de sinais, exige que o intérprete esteja visível diante do público, pois ele está sinalizando em uma língua que depende dos movimentos do corpo no espaço para sua produção e da visão para sua recepção. Há casos em que a língua vocal chega aos surdos por meio de seu registro escrito em telas para que os surdos interpretem para a língua de sinais (ALMEIDA-SILVA; RUSSO, 2016). Essa situação já ocorreu, algumas vezes, nos eventos do INES.

Do mesmo modo, ao realizar uma interpretação intermodal que tem como língua-alvo uma língua vocal, o intérprete precisa ter o orador visível diante de si para ser capaz de ler a língua de sinais que está sendo corporalmente produzida. Alguns surdos que falam bem a língua oral, fazem esse tipo de interpretação. Há surdos que interpretam da Libras para o português oral.

b) Interpretação intramodal gestual-visual

A interpretação **intramodal gestual-visual**, como já dito, envolve duas línguas de sinais e, portanto, a produção corporal e a recepção visual são essenciais. Essa interpretação tem se destacado, em meio aos surdos, por não envolver uma língua vocal

e, portanto, não demandar audição. A interpretação intramodal gestual-visual, sob perspectiva de Rodrigues e Ferreira (2020), seria organizada em

a sinalização intramodal direta se daria quando o intérprete, surdo ou ouvinte, atua de uma língua de sinais estrangeira para sua língua de sinais nacional; e a *sinalização intramodal inversa*, por sua vez, ocorreria quando o intérprete, surdo ou ouvinte, atua de sua língua de sinais nacional para uma língua de sinais estrangeira. (RODRIGUES; FERREIRA, 2020, p. 117).

Sendo assim, a interpretação intramodal realizada entre duas línguas de sinais está muito presente na modalidade simultânea em grandes eventos multilíngues que envolvem surdos de diferentes países e, por sua vez, diversas línguas de sinais. Além disso, ela tem contato bastante com o sistema de sinais internacionais. No Brasil, nas conferências nacionais, é comum vermos uma equipe de intérpretes surdos atuando em conjunto com a equipe de intérpretes ouvintes.

c) Interpretação em equipe e “espelhamento”

O trabalho em equipes, tanto de tradução quanto de interpretação, compostas por profissionais surdos e não surdos tem sido, cada vez mais, comum, principalmente em contextos de conferências. Egnatovich (1999), em sua pesquisa sobre a equipe de intérpretes, mostrou que o trabalho em duplas ou equipes se baseia no apoio durante a interpretação, com períodos para revezamento com tempo definido, contribuindo para que a interpretação que está sendo feita chegue com mais qualidade ao público-alvo.

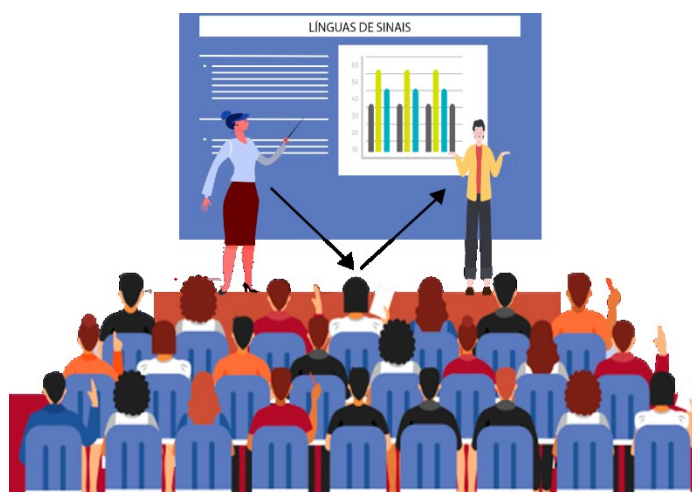
É interessante mencionar que, em conferências, muitas vezes a um intérprete que ocupa uma função específica, denominada por muitos de “espelhamento”, que seria quando um intérprete replica a mensagem da pessoa que está sinalizando.

Constatamos que os intérpretes surdos na UFSC atuam com interpretação simultânea para ASL ou SI com apoio de intérprete feeder, ou com interpretação consecutiva para ASL ou SI, com apoio de intérprete à sua frente. Registramos também a atuação de intérpretes surdos em atividade de guia-interpretação tátil para

surdocego, ou guia-interpretação aproximada para surdocego com baixa-visão. (SILVEIRA, 2016. p. 66).

Segue abaixo uma organização da interpretação simultânea em conferências envolvendo uma palestrante falando em língua de sinais X, um intérprete surdo no meio do público “espelhando” a explicação que está recebendo em língua de sinais X e, por fim, um intérprete surdo no palco interpretando para uma língua de sinais Y (Figura 3).

Figura 03 - Posição dos Profissionais Intérpretes



Fonte: A autora

Boudreault (2005) ainda afirma que para fazer esse tipo de atividade, como “espelho”, precisa ter habilidades de imitação e de processamento rápido na língua e que é importante saber que o intérprete surdo está espelhando a mensagem de outra pessoa para que possa ser recebida e interpretada por outro intérprete diante do público.

Às vezes, o espelhamento também pode ser chamado de “sombra” ou “interpretação de sombra”. O termo “espelhamento” é mais adequado, no entanto, uma vez que geralmente se refere a uma configuração na qual o IS fica diante do sinalizante. (BOUDREAU, 2005, p. 329)²².

²² Mirroring can sometimes also be called “shadowing” or “shadow interpreting”. The term “mirroring” is more suitable, however, since it generally refers to a setup in which the DI faces the signer (the source input). (BOUDREAU, 2005, p. 329)

Almeida-Silva e Russo (2016) falam desse tipo de atividade como interpretação indireta e o profissional que a realiza como intérprete-feed (*feed-interpreter*). Segundo eles, interpretação indireta é “aquela em que o produto da interpretação de alguém serve como fonte para interpretação de outro intérprete” (p.75). Esse tipo de interpretação encontra correspondência na literatura como interpretação com relé (*relay interpreting*) ou como interpretação com pivô (*pivot interpreting*).

Para Almeida-Silva e Russo (2016, p. 81), há “*intérpretes que utilizam o feed espelhado*, aquele em que um monitor, ou, alguém, copia os sinais de uma interpretação para alimentar outra interpretação” e, também, existem “*intérpretes que utilizam a mesma língua como língua fonte e língua alvo*” visto que, em algumas situações há surdos que interpretam de Libras para a Libras “como uma estratégia de retextualização ou nativização do texto fonte”.

Desse modo, podemos entender que existem configurações da interpretação em equipe, envolvendo línguas de sinais, que contam com o apoio de intérpretes responsáveis em “alimentar” outra interpretação e que, portanto, ocupam o lugar de intérprete-feed. Considerando-se a atuação de intérpretes surdos na interpretação simultânea intramodal gestual-visual em conferências, teríamos, portanto, pelo menos duas configurações da interpretação com “espelho”: (1) a *interpretação intramodal gestual-visual com “espelho” da língua-fonte* como aquela em que a palestra está sendo realizada em uma língua de sinais X, o intérprete-feed copia essa língua de sinais X, buscando não a alterar e a tornar visível ao intérprete final, que a recebe e, então, sinaliza interpretando-a em uma língua de sinais Y; (2) a *interpretação intramodal gestual-visual com “espelho” da língua-alvo* como aquela em que a palestra está sendo realizada em uma língua de sinais X, o intérprete-feed interpreta para uma língua de sinais Y, e o intérprete final, que a recebe, apenas a copia, ou seja, reproduzir o que está recebendo na língua de sinais Y, diante do público-alvo. Contudo, há casos em que o intérprete final pode realizar uma tradução intralingual na língua Y, ao invés de apenas copiá-la. Há também casos em que o sistema de sinais internacionais está envolvido como uma das “línguas”.

Nessas situações acima, apenas estão envolvidas línguas de sinais com espelho da língua-fonte ou da língua-alvo. Entretanto, há uma outra situação em que o intérprete-feed está presente, mas não há “espelho” (i.e., copia/reprodução de uma das

línguas de sinais envolvida). Nesses casos, embora seja uma interpretação com feed, ou mesmo uma interpretação relé, todos os envolvidos interpretam de uma língua para a outra, sem “espelhar”: a palestra está sendo realizada em uma língua de sinais X, o intérprete-feed interpreta para uma língua de sinais Y e o intérprete final, que recebe em língua de sinais Y, então, interpreta para uma língua de sinais Z.

Ainda sobre a interpretação com “espelho”, ela ocorre também com intérpretes surdos na interpretação simultânea intermodal em conferências. Nesse caso, é possível falar em: (1) *interpretação intermodal com “espelho” da língua-fonte*, quando esta é uma língua de sinais. Assim, a palestra está sendo realizada em uma língua de sinais X, o intérprete-feed interpreta para uma língua de sinais Y e o intérprete final a recebe e, então, a interpreta para uma língua vocal Z; (2) *interpretação intermodal com “espelho” da língua-alvo*, quando esta é uma língua de sinais. Assim, a palestra está sendo realizada em uma língua vocal Z, o intérprete-feed a interpreta para uma língua de sinais X e o intérprete final, que a recebe, apenas a copia, ou seja, reproduzir o que está recebendo na língua de sinais X, diante do público-alvo. Em alguns casos esse intérprete final pode fazer uma interpretação intralingual.

d) Guia-interpretação

A guia-interpretação é uma atuação em que o profissional realiza a interpretação com acréscimo de descrição visual e outros recursos comunicativos para que a pessoa surdocega possa ter acesso à mensagem.

Em relação à guia-interpretação para surdocegos, pode-se considerar que há um processo específico que envolve a recepção **tátil** das línguas gestuais, aspecto relacionado à modalidade de uso das línguas. Vale esclarecer que, embora as línguas gestuais sejam de modalidade gestual-visual, a *língua de sinais tátil* não depende de recepção visual, ao contrário, sua recepção ocorre por meio do tato. Assim sendo, é plausível pensar em uma aproximação da tradução e da interpretação de/para línguas de sinais táteis tanto aos processos intermodais (i.e., envolvendo uma língua de modalidade vocal auditiva) quanto aos intramodais (i.e., envolvendo apenas línguas de modalidade gestual visual). (FERREIRA; RODRIGUES, 2020, p. 119).

2.3 Pesquisas brasileiras sobre tradutores/intérpretes surdos

Quadros e Souza (2008), no capítulo intitulado *Aspectos da tradução/encenação na Língua de Sinais brasileira para um ambiente virtual de ensino: prática tradutórias do curso de Letras Libras*, que faz parte do terceiro volume da coleção Estudos Surdos, organizado por Ronice Müller de Quadros, apresentam uma análise de processos tradutórios do português para a Libras em vídeo experienciados por tradutores-atores surdos atuantes no curso de Letras Libras EaD da UFSC. Para a análise, os autores utilizaram as categorias temáticas “efeitos de modalidade” e “fidelidade”. Com base nas reflexões realizadas, os autores propõem técnicas de tradução/encenação aplicáveis às traduções realizadas no âmbito do curso de Letras Libras.

Avelar (2009), em sua dissertação de mestrado *A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC*, aborda questões de padronização linguística nas traduções para a Libras que fazem parte do curso Letras Libras da UFSC, discutindo, inclusive, como os tradutores-atores surdos lidavam com as diversas possibilidades de tradução de um termo em Libras. Como dados, a pesquisadora contou com entrevistas com os tradutores-atores surdos, assim como com conversas informais com alunos do curso sobre o resultado das alterações propostas para o processo de tradução e padronização Linguística. Considerando as reflexões e análises realizadas, foi elaborado um glossário técnico visando à padronização linguística nas traduções realizadas no curso. Nesse sentido, se problematizou o papel que tradutores-atores surdos e ouvintes vêm desempenhando no desenvolvimento da Libras, no que se refere a novos sinais e a constituição de certa Libras “cultura/padrão”.

Souza (2010) em sua dissertação de mestrado, *Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de Letras-Libras*, aborda as *performances* de tradutores surdos no curso Letras Libras EaD da UFSC, a partir das traduções feitas em vídeo para o Ambiente Virtual de Ensino e Aprendizagem (AVEA), onde colocam as vídeos-atividades para os alunos do curso. O autor faz reflexões sobre conceitos de tradução e de interpretação de línguas de sinais, e ainda elabora um mapeamento teórico sobre os Estudos da Tradução. Assim, os dados referem-se a um estudo de caso em uma disciplina do curso, para analisar como se dão as *performances*

de uma tradutora-atriz durante o procedimento de tradução, a pesquisa conclui que os tradutores-atores surdos precisam de reconhecimento como profissionais e como acadêmicos e também como parte das equipes de tradutores de línguas de sinais.

Segala (2010), em sua dissertação de mestrado *Tradução Intermodal e Intersemiótica/Interlingual: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais*, aborda o processo de tradução intermodal e intersemiótica/interlingual feito pelos acadêmicos do curso Letras Libras EaD da UFSC. Ele discute o uso do português acadêmico e explica que para essa tradução os tradutores-atores usam a ferramenta de tradução visual. Assim, com o objetivo de analisar o perfil do tradutor, também analisando as técnicas de processo da tradução de textos escritos para tradução em vídeo em língua de sinais, relata as dificuldades enfrentadas pelos profissionais. A metodologia empregada na pesquisa é o uso de *corpus* e como ferramenta de análise de dados é a multimídia usada no curso. Assim, conclui que os profissionais tradutores surdos para atuar devem ter todo conhecimento, entendimento e fluência no Português e na Libras.

Strobel (2011), no capítulo *Surdos como intérpretes/tradutores: um sonho possível*, que faz parte do livro *Cultura Surda na contemporaneidade negociações, intercorrências e provocações*, organizado por Lodenir Karnop, Madalena Klein e Márcia Lise Lunardi-Lazzarin, conta como é a atuação dos sujeitos surdos como intérpretes e tradutores e ainda resgata a história criticando o fato de que em muitos lugares as pessoas pensam que a atuação de interpretação e tradução era somente de ouvintes. As reflexões feitas pela autora sobre como é possível os surdos atuarem como intérpretes e tradutores e como seria essa tal atuação são bem esclarecedoras. Assim defende que é possível a atuação de surdos na interpretação e tradução, que é uma profissão em construção, “pelo jeito surdo de ser” (p. 248).

Rocha (2013), no artigo *O Surdo como Intérprete: o Intérprete Surdo nesse Novo Cenário da Tradução e Interpretação da Língua Brasileira de Sinais*, publicado nos Anais do XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES (Instituto Nacional em Educação de Surdos), fala da atuação de surdos que interpretam para surdocegos, o autor também trabalha com conceitos e atribuições desse profissional. E ainda reflete sobre como é a educação/formação desses intérpretes surdos que trabalham com os surdocegos em outros países e sua remuneração.

Reis (2013), em seu artigo denominado *O Surdo como intérprete*, publicado nos Anais do XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES (Instituto Nacional de Educação de Surdos), discute questões relacionadas aos intérpretes surdos que atuam com SI (i.e., Sinais Internacionais) de modo voluntário com textos escritos, ainda ressalta que nos dias de hoje o trabalho desses profissionais já é mais reconhecido, mas ainda há quem não reconheça tal trabalho. A autora recorre a autoras que falam sobre o tema de interpretação de Sinais Internacionais, como Campello (2010), Strobel (2011) e Reis (2013) para falar sobre a relação dos Estudos Surdos com o Intérprete Surdo.

Campello e Castro (2013), em seu artigo *Introdução da glosinais como ferramenta de tradução/interpretação das pessoas surdas brasileiras*, publicada na Revista Escrita da PUC-Rio, abordam o processo histórico da construção da profissão do tradutor e intérprete surdo. A metodologia empregada por eles é a de experiências profissionais vividas como intérpretes surdos, gravação da glosinais. Os autores concluem que as pessoas surdas têm uma vasta gama de conhecimento em interpretação, em que são independentes para o uso das Glosinais, e que podem contribuir com suas experiências visuais.

Morais e Santos (2014), no texto *O desempenho do candidato surdo na prova do ProLibras/proficiência em tradução e interpretação de língua brasileira de sinais*, publicado nos Anais do III Congresso Brasileiro de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, fez um levantamento de candidatos surdos inscritos de 2006 a 2013 nos relatórios do exame do ProLibras. O artigo tem como objetivo analisar e refletir como é a evolução dos candidatos surdos nos exames de proficiência em tradução e interpretação em Libras do exame ProLibras. E, assim, conclui-se que os cursos se baseiam na interpretação em vídeo e que refletem por meio do ProLibras em que o surdo possa realizar as interpretações com base no Decreto 5.626/2005.

Campello (2014), em seu artigo *Intérprete surdo de língua de sinais brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio*, trata de como os surdos fazem tradução e interpretação de línguas de sinais estrangeiras para a Libras no curso Letras Libras EaD. Seu foco foi identificar diferentes atuações desses profissionais surdos e analisar as *performances* linguísticas e culturais desses sujeitos surdos que

atuam como intérpretes. A autora conclui falando da importância da formação de todos os profissionais intérpretes e tradutores de línguas de sinais, e que as performances dos tradutores, que participaram da pesquisa, na Libras foram claras as informações inseridas por eles e que na ASL as informações usadas foram preservadas.

Siqueira (2015), em seu Trabalho de Conclusão de Curso de graduação intitulado *O Papel do Intérprete surdo* tem como objetivo trazer o real papel do intérprete surdo, discute como o profissional se insere na carreira como profissional de interpretação de línguas de sinais. E com uma análise de uma entrevista feita com dois grupos que participaram de congressos internacionais e nacionais conclui que precisa de uma revisão no código de ética e da necessidade de formação dos intérpretes surdos.

Siqueira (2016); uma monografia de pós-graduação com o tema *De professor surdo à intérprete de Línguas de Sinais: dois perfis em um profissional surdo*. Traz uma problematização/reflexão de como o professor surdo está se inserindo no ramo da interpretação de língua de sinais. O autor faz uma consideração que contribui aos grupos de intérpretes que são graduados e aqueles que trabalham por experiência própria, além disso, reflete o quanto é necessário fazer complementação ao código de ética.

Silveira (2017), no artigo *Intérprete Surdo: conquistando espaço no campo de conferência no Brasil*, fala sobre o profissional surdo ganhando espaço dentro das conferências que acontecem no Brasil nos últimos anos. Seu foco foi registrar os eventos em que os profissionais surdos atuaram nos anos 1999 a 2015, conclui que a demanda da interpretação de intérpretes surdos vem crescendo ao passar dos anos, principalmente dos que atuam em conferências em três regiões do Brasil (Sul, Sudeste e Centro-Oeste) e que muitos professores surdos atuam como intérpretes e tem outra formação acadêmica.

Nascimento, Martins e Segala (2017), no artigo intitulado *Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras)*, apresentam uma pesquisa com foco em tradução de poesias do Português para a Libras. Assim, com base no processo tradutório do poema “Deficiência”, de Alexandre Filordi de Carvalho, vão refletir a prática criativa da tradução desse poema. Portanto, os autores fazem uma análise da produção da poesia, dos materiais utilizados no processo e das modalidades envolvidas, destacando os

desafios do ponto de vista linguístico e das modalidades de línguas empregadas. O artigo conclui que com a problematização da tradução de poesia, buscam outras estratégias e formas de escolhas dos sinais para traduzir a poesia para atingir o objetivo da clareza do enunciado na tradução.

Ferreira (2019), em sua pesquisa de mestrado, intitulada *Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngua Intramodal Gestual-visual da ASL para Libras*, faz uma breve discussão sobre a formação e a certificação dos profissionais tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos no Brasil e afirma que no Brasil não há essas formações acadêmicas destinadas aos surdos. Ainda apresenta um levantamento do total de surdos inscritos e aprovados nas edições do exame nacional do ProLibras, na modalidade de tradução e interpretação. A pesquisa organiza-se em duas partes: a primeira com o foco nos tradutores e intérpretes surdos (história, pesquisa, publicações e formação acadêmica) e a segunda parte nos processos tradutórios e interpretativos (modalidades, tarefas interpretativas e atuação). Concluem que é importante discutir Processo Interpretativo Intramodal e as competências tradutórias, e que também a criação de formação específica em interpretação intramodal.

Pinheiro (2020), em sua tese de doutorado denominada *Políticas linguísticas e suas implementações nas instituições do Brasil: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de Línguas de Sinais de Conferência*, reflete sobre os surdos que atuam como tradutores e intérpretes em relação às políticas linguísticas. Nesse sentido, discute como a política linguística está relacionada à interpretação em contextos de conferências desenvolvida por surdos, concluindo que a implementação das políticas linguísticas passa pela presença do surdo como profissional intérprete. Segundo ela, isso justificaria a importância de se propor e organizar programas de formação acadêmica para os intérpretes surdos.

Avelar (2020), em sua tese de doutorado *Análise da tradução intermodal de texto acadêmico do português escrito para a libras em vídeo*, discute sobre a tradução e interpretação de línguas de sinais do português escrito para a Libras em vídeo, incluindo a atuação de tradutores-atores surdos. A metodologia conta com gravação do processo tradutório e coleta de protocolos verbais e a análise enfoca como o tradutor resolveu os problemas de tradução e as estratégias usadas para isso. E conclui que os intérpretes

adquirem habilidades corporais, de resolução de problemas, planejamento na preparação de tradução e estratégias durante a performance da tradução,

Rodrigues e Ferreira (2020), no artigo intitulado *Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência*, fazem uma discussão sobre autoria surda, enfocando os diferentes âmbitos de atuação do profissional tradutor, intérpretes e guia-intérprete surdo de línguas de sinais e as competências (conhecimentos, habilidades e atitudes) requeridas para a atuação intermodal e intramodal gestual-visual. A consideração final foi que a proposta da autoria surda pela interpretação intermodal intramodal demanda uma habilidade específica.

Brunkmann (2020), em seu Trabalho de Conclusão de Curso *Tradução e interpretação de autoria surda: mapeamento no contexto brasileiro*, objetivou mapear a atuação dos profissionais tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos, que estão no mercado de trabalho atuando tanto de modo intermodal quanto intramodal gestual-visual. A autora buscou conhecer como os surdos se inserem no mercado da tradução e da interpretação de/entre/para línguas de sinais como tradutores, intérpretes e guia-intérpretes e, para tanto, fez um levantamento e categorização das atividades tradutórias e interpretativas desenvolvidas por esses profissionais no contexto brasileiro. Ela conclui que esses profissionais surdos estão atuando em diversos âmbitos no Brasil, tanto em contextos de interpretação comunitária e de conferências quanto da tradução de variados gêneros textuais.

Essas pesquisas brasileiras, embora recentes, evidenciam a atualidade e importância da pesquisa sobre a atuação de tradutores, de intérpretes e de guias-intérpretes surdos. Entre 2008 e 2020, vemos pesquisas sendo realizadas na graduação e na pós-graduação, tanto por pessoas surdas quanto não surdas, com o interesse de melhor entender e conhecer os profissionais surdos e o seu trabalho na tradução e na interpretação de/entre/para línguas de sinais. Esta pesquisa visa acrescentar ao conhecimento que vem sendo construído por tais pesquisas, contribuindo com os estudos sobre os profissionais surdos da tradução e da interpretação.

3 METODOLOGIA

Como a proposta de pesquisa é uma investigação acerca dos tradutores, dos intérpretes e dos guias-intérpretes surdos de línguas de sinais com vistas à obtenção e sistematização de informações sobre seu perfil, sua atuação e as demais particularidades dessa atuação profissional em serviços de interpretação, de tradução e/ ou de guia-intérpretação, será realizada uma abordagem de cunho qualitativo e quantitativo, com base nos dados decorrentes da aplicação de questionário. Mesmo para os dados quantitativos representados, espera-se apresentar uma análise interpretativa de cunho qualitativo. Como explicita Gil (2012),

a análise qualitativa é menos formal do que a análise quantitativa, pois nesta última seus passos podem ser definidos de maneira relativamente simples. A análise qualitativa depende de muitos fatores, tais como a natureza dos dados coletados, a extensão da amostra, os instrumentos de pesquisa e os pressupostos teóricos que nortearam a investigação. (GIL, 2002, p. 133).

Nesta pesquisa, a aplicação de questionários será feita aos profissionais tradutores e intérpretes surdos via *Google Forms*; na próxima subseção (3.1) o questionário proposto será apresentado.

Outro foco de nosso interesse são os surdos graduados em tradução e interpretação de Libras-português. Assim, consideraremos os cursos de formação de tradutores e intérpretes de Libras-Português nas universidades federais brasileiras, com base na relação apresentada em Rodrigues (2018) e na consulta feita no site do e-MEC.

Quadro 3 - As graduações em tradução e interpretação de Libras-português no Brasil

GRADUAÇÕES EM TRADUÇÃO E INTERPRETAÇÃO					
Instituição	Curso	Habilitação	Modalidade	Vagas	Início
Universidade Federal de Goiás (UFG)	Letras: tradução e interpretação em libras/português	Bacharelado	Presencial	30	06/03/2014 e-MEC
Universidade Federal de São Carlos	Tradução e Interpretação em Língua Brasileira de Sinais-	Bacharelado	Presencial	30	01/09/2003

(UFSCAR)	Libras/Língua Portuguesa				e-MEC
UFSC	Letras -Libras	Bacharelado	Presencial	20	03/08/2009 e-MEC
UFSC EaD	Letras -Libras	Bacharelado	EaD	30	28/06/2008 e- MEC
UFRJ	Letras- Libras	Bacharelado	Presencial	30	30/10/2013 e-MEC
UFES	Letras- Libras	Bacharelado	Presencial	20	30/10/2013 e-MEC
UFRR	Letras-Libras	Bacharelado	Presencial	30	18/08/2014 e-MEC
UFRGS	Letras- Tradutor e Interprete de Libras (Libras-Português e Português- Libras	Bacharelado	Presencial	30	2014 (RDRIGUES, 2019, p.147)
UFGD	Letras Libras - Tradutor/Intérprete em Libras	Bacharelado	EaD	30	01/02/2019

Fonte: feito pela autora com base no site e-MEC <https://emec.mec.gov.br/>

3.1 Questionário

O questionário, intitulado “Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos de línguas de sinais”, foi elaborado como instrumento para coleta de dados, utilizando-se os recursos do *Google Forms* (Google Formulários), com o objetivo de ser aplicado remotamente. O questionário on-line tem uma boa circulação na *internet*, visto que ele gera um link (<https://forms.gle/hccAVgZw7nSV1mPT7>) que pode ser compartilhado nas redes sociais, no grupo de Trad&Interp Surdos Brasil no WhatsApp, por e-mail, ou similares. Nesse sentido, o questionário pode alcançar um número significativo de participantes em todo o território nacional.

Para elaboração do questionário, considerou-se a questão de pesquisa — “Qual seria o perfil dos surdos que têm atuado como tradutores, intérpretes e guias-intérpretes de línguas de sinais no Brasil? E o que isso nos indica em relação ao mercado de

trabalho, às perspectivas de formação e aos encargos que eles assumem?” — e seu objetivo geral, a saber: “descrever os aspectos que caracterizam os tradutores, os intérpretes e os guias-intérpretes surdos brasileiros em relação ao seu perfil, à sua formação e à sua atuação”.

O questionário inicia-se com a apresentação da pesquisa e o convite aos respondentes — tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos —, explicando os objetivos da pesquisa, suas contribuições e seus benefícios. Além disso, informa ao respondente como os dados coletados serão utilizados; que a pesquisa não oferecerá nenhum tipo de benefício financeiro (pagamento ou bens materiais); que ele não terá nenhuma despesa ou custo ao participar e que é assegurada sua privacidade, já que o anonimato será preservado. E, também, disponibilizam-se os contatos dos pesquisadores, o do Programa de Pós-Graduação (PGET) e o do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CESPH), caso o respondente tenha alguma dúvida sobre o formulário ou necessite de algum esclarecimento sobre a pesquisa.

Antes de iniciar o questionário, o respondente tem acesso a uma parte do termo de consentimento (TCLE) em que ele declara estar ciente de que não receberá nenhuma remuneração e de que não terá qualquer ônus financeiro em função do seu consentimento espontâneo em participar. Nessa parte, existem duas opções de resposta: (i) estou ciente e aceito participar; e (ii) me recuso a participar da pesquisa. Caso o respondente se recuse a participar, o questionário é finalizado e o agradecemos. Entretanto, se ele concorda em participar, ele é encaminhado para a primeira seção do questionário.

A seção inicial do questionário, intitulada “Identificação”, tem o objetivo de conhecer a qual categoria o respondente surdo faria parte. As seguintes opções foram disponibilizadas: (i) tradutor; (ii) intérprete; (iii) guia-intérprete; (iv) tradutor e intérprete; (v) tradutor e guia-intérprete; (vi) intérprete e guia-intérprete; e (vii) tradutor, intérprete e guia-intérprete. Após responder a essa questão inicial, prossegue-se para a seção seguinte.

A primeira seção, intitulada “1. Informações Pessoais”, visa coletar dados referentes às informações gerais do respondente, tais como: (i) nome completo; (ii) sexo; (iii) faixa etária; (iv) estado; e (v) cidade de residência. Para tanto, empregou-se,

respectivamente, as opções de: (i) resposta curta; (ii) múltipla escolha com cinco opções, incluindo outros (para sexo); (iii) múltipla escolha com oito opções de intervalos de cinco anos e uma opção final aberta a partir de determinada idade (faixa etária); (iv) lista suspensa com vinte e sete opções (para escolha do estado); e (v) resposta curta (para o nome da cidade).

A segunda seção, denominada “2. Informações Profissionais”, visa recolher as informações profissionais dos participantes do questionário, como: (i) tempo de atuação; (ii) direcionalidade mais comum de atuação; (iii) preferência de direcionalidade; (iv) direcionalidade em que se tem mais dificuldade; (v) frequência de atuação em diferentes modalidades de interpretação/tradução; (vi) diferentes configurações do trabalho; e (vii) porcentagem da atividade de tradução/interpretação na renda mensal. Essas questões foram estruturadas, respectivamente, da seguinte maneira: (i) múltipla escolha com oito opções, seis delas com intervalos de três anos, a primeira indicando menos de um ano e a última mais de 18 anos; (ii) múltipla escolha com sete opções indicando diferentes possibilidades de direcionalidade, sendo as duas últimas com a possibilidade de indicar que o respondente não sabe informar e outros (onde se indica textualmente outra opção não presente nas respostas possíveis); (iii) múltipla escolha com sete opções indicando diferentes possibilidades de direcionalidade, sendo a primeira opção a indicação de não preferência; (iv) múltipla escolha com sete opções indicando diferentes possibilidades de direcionalidade, sendo a primeira opção a indicação de não se ter dificuldade em nenhuma direcionalidade; (v) grade de múltipla escolha com dez diferentes possibilidades de modalidades de tradução/interpretação nas linhas e cinco opções nas colunas, organizadas na seguinte escala *Likert* de frequência: muito frequentemente, frequentemente, às vezes, raramente e nunca; (vi) grade de múltipla escolha com treze diferentes possibilidades de configuração do trabalho de tradução/interpretação/guia-interpretação nas linhas e cinco opções nas colunas, organizadas na seguinte escala *Likert* de frequência: muito frequentemente, frequentemente, às vezes, raramente e nunca; e, por fim, (vii) múltipla escolha com sete opções indicando diferentes porcentagens de composição da renda mensal, sendo a primeira opção referente ao fato de a atividade não compor a renda e a última para se indicar que não se sabe informar.

Na terceira seção, denominada “3. Informações Acadêmicas”, pretende-se coletar as informações sobre a formação dos respondentes, tais como: (i) escolaridade; (ii) principal área de formação; (iii) matrícula em curso de tradução, interpretação e/ou guia-interpretação; e (iv) exame do ProLibras. Essas questões foram estruturadas da seguinte maneira: (i) múltipla escolha com doze opções de escolaridade, indo do ensino fundamental ao pós-doutorado; (ii) lista suspensa com dez opções de diferentes áreas de formação, segundo a classificação da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES; (iii) múltipla escolha com apenas duas opções (sim e não); e, por fim, (iv) múltipla escolha com quatro opções sobre as diferentes possibilidades de certificação do ProLibras.

Na quarta seção, denominada “4. Informações Linguísticas”, os respondentes serão perguntados sobre aspectos linguísticos, tais como: (i) período de aquisição/aprendizado da Libras; (ii) período de aquisição/aprendizado do Português; (iii) autoavaliação da proficiência em diferentes línguas; (iv) conhecimento de outra língua estrangeira que não o inglês e espanhol (vocal-auditiva); (v) qual seria a língua estrangeira; (vi) conhecimento de outra língua estrangeira que não a Língua de Sinais Americana e os Sinais Internacionais (gestual-visual); (vii) qual seria a língua estrangeira; (viii) idade de aprendizagem da primeira língua de sinais estrangeira; e, por último, (ix) onde teria aprendido a língua de sinais estrangeira. As questões estão estruturadas da seguinte maneira: (i) múltipla escolha com cinco opções, sendo as quatro primeiras com intervalos de cinco anos, e a última com a opção de após os vinte anos; (ii) múltipla escolha com cinco opções, sendo as quatro primeiras com intervalo de cinco anos e a última com a opção de após os vinte anos; (iii) grade de múltipla escolha com seis diferentes possibilidades de línguas estrangeiras (vocalis-auditivas e gestuais-visuais) nas linhas e cinco opções nas colunas, organizadas com as seguintes opções de níveis: A1 (Iniciante), A2 (Básico), B1 (Intermediário), B2 (Pós-Intermediário), C1 (Avançado) e C2 (Proficiente), e, também, a opção de indicar que não se sabe a língua; (iv) múltipla escolha com duas opções (sim e não); (v) resposta curta para escrever a(s) outra(s) língua(s) estrangeira(s) vocal(is)-auditiva(s) que se domina; (vi) múltipla escolha com duas opções (sim e não); (vii) resposta curta para escrever a(s) outra(s) língua(s) estrangeira(s) gestual(is)-visual(is) que se domina; (viii) múltipla escolha com cinco opções, sendo as quatro primeiras com intervalos de cinco

anos, e a última com a opção de após os vinte anos; e, por último, (ix) caixa de seleção com dez opções, sendo nove delas possíveis contextos em que se aprendeu a língua de sinais estrangeira e a última com opção outros (onde se indica textualmente outra opção não presente nas respostas possíveis).

Na quinta seção, intitulada “5. Informações sobre a atuação no mercado de trabalho”, o objetivo é que os respondentes disponibilizem dados sobre: (i) a frequência de atuação em diferentes contextos; (ii) a frequência de atuação com distintos gêneros textuais; e (iii) os tipos de consultorias prestadas. As questões estão estruturadas da seguinte maneira: (i) grade de múltipla escolha com doze diferentes contextos de atuação nas linhas e cinco opções nas colunas, organizadas na seguinte escala *Likert* de frequência: muito frequentemente, frequentemente, às vezes, raramente e nunca; (ii) grade de múltipla escolha com doze diferentes gêneros textuais nas linhas e cinco opções nas colunas, organizadas na seguinte escala *Likert* de frequência: muito frequentemente, frequentemente, às vezes, raramente e nunca; e, por fim, (iii) caixa de seleção com sete opções referentes a tipos distintos de consultorias.

Para finalizar o questionário, há um espaço com a possibilidade de o respondente deixar comentários ou sugestões que considere relevantes aos pesquisadores. Esse é o único espaço de resposta do questionário que não é obrigatório. Ao enviar o questionário, o respondente recebe um agradecimento por sua participação.

O questionário, portanto, possui o total de 30 questões, sendo que a primeira é a de identificação e a última é o espaço para comentários e sugestões. Com o questionário produzido, procedeu-se a sua pilotagem com o intuito de se perceber o tempo médio de resposta, possíveis equívocos e incompreensões na construção das perguntas e respostas, dificuldades por parte dos respondentes, entre outros.

Assim enviamos o questionário a quatro participantes do Núcleo de Pesquisa InterTrads com experiência como tradutores e/ou intérpretes de língua de sinais, sendo dois surdos e dois ouvintes, duas do sexo feminino e dois do masculino. Abaixo uma breve análise do estudo piloto:

Quadro 4 – Pilotagem do Questionário

Participante	Tempo de resposta informado	Opiniões
Participante A	10 minutos	Questionou as opções presentes no item 4.8, perguntando se não teria que ter a opção “não aprendi nenhuma língua de sinais estrangeira”, pois poderia ter algum respondente que, como ele, não domina uma língua de sinais estrangeira.
Participante B	10 minutos	Comentou sobre questões ortográficas e de concordância, como o uso de maiúsculas e minúsculas nas opções 1.4 e 1.5; de plural no item 2.6; de uso de artigo no item 4.4 e de uso de artigo masculino e feminino na apresentação do questionário.
Participante C	5 minutos e 11 segundos.	Falou sobre a solicitação do nome do participante no item 1.1, sugerindo que seja retirada ou que se ofereça uma justificativa ou esclarecimento ao participante sobre isso. Sugeriu que o item 3.1 seja em lista suspensa.
Participante D	20 minutos	Sugeriu que as perguntas possuam tradução para a Libras já que será encaminhada a tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos de línguas de sinais.

Fonte: a autora

O questionário contribui para traçar os perfis dos profissionais surdos na área de interpretação, alcançar os objetivos que foram traçados nesta pesquisa ainda auxiliar mais conhecimentos na minha formação também como tradutora e intérprete surda. Portanto que possa registrar essa prática tão nova que está crescendo cada vez mais no Brasil. Sendo que também irão contribuir na formação/profissionalização de futuros tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos, ainda mostrá-los as opções de mercado de trabalho e aos TILS que já atuam área.

4 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS COLETADOS

O questionário foi disponibilizado on-line por meio das redes sociais, inclusive enviado no grupo de Trad&Interp Surdos Brasil no WhatsApp, como mencionado acima, e em outros grupos de pesquisadores e de professores da área de Línguas de Sinais, bem como enviado por e-mail. Solicitamos também aos colegas que pudessem encaminhar o link do questionário aos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos que conhecessem. Ele foi aplicado das 12h00min., do dia 02 de agosto de 2021 (recebendo a primeira resposta às 15h21min. desse dia), até às 23h55min do dia 04 de setembro de 2021 (recebendo a última resposta às 21h26min. desse dia).

Ao todo, o questionário contou com trinta e quatro respostas. Entretanto, dessas respostas seis não fazem parte da análise: três correspondem a pessoas que se recusaram a responder ao questionário, optando, logo na primeira questão, a não aceitar o TCLE, selecionado o seguinte: “Me recuso a participar da pesquisa”; e, outras três que deixaram opções sem resposta, impossibilitando-nos de analisar tais questões, já que não foram respondidas. A partir dessa análise preliminar, o questionário de coleta de dados contou com vinte e oito respondentes, os quais geraram os dados analisados nesta pesquisa.

4.1 O perfil geral

Primeiramente, é interessante notar que o questionário contou com quatorze (14)²³ respondentes do sexo feminino e quatorze (1) do sexo masculino, ninguém marcou as opções intersexo ou prefiro não informar. Assim, os dados são decorrentes de 50% de respondentes femininas e 50% de respondentes masculinos. Consultamos a pesquisa de Ferreira (2019), que também aplicou um questionário a tradutores e intérpretes surdos de línguas de sinais, visando investigar o processo de interpretação interlíngue intramodal gestual-visual da ASL para a Libras; contudo, embora tenha

²³ Nessa parte, utilizaremos entre parênteses a indicação do número de respondentes em cada item ou categoria. Portanto, ainda que os gráficos, a seguir, apresentem os dados em porcentagem, consideramos que a indicação direta da quantidade de respondentes, durante o texto, facilita a compreensão do leitor e sua visualização dos resultados.

perguntado sobre o sexo dos dezesseis respondentes, ele não apresentou esses dados em sua dissertação. Vale mencionar que Brunkmann (2020) também aplicou um questionário em sua pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso, recebendo 29 respostas, apenas de tradutores e intérpretes surdos. Entretanto, ela não perguntou sobre o sexo dos respondentes, por não ser seu objetivo de pesquisa.

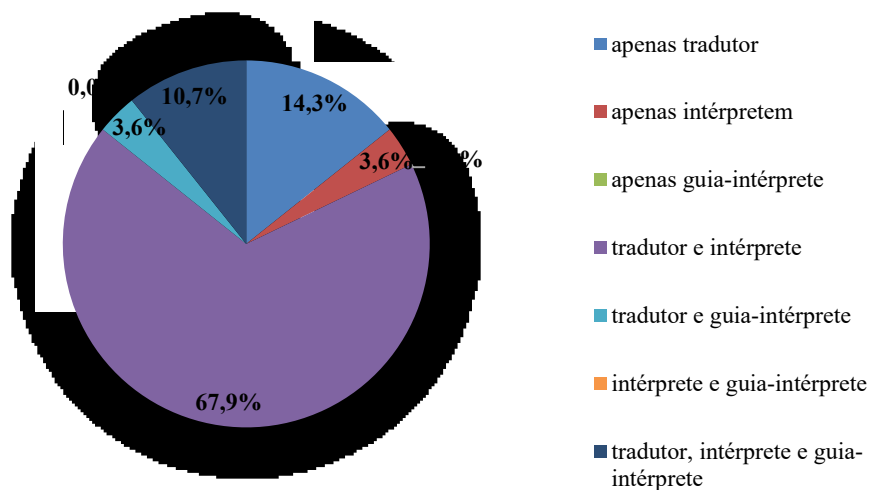
Silva (2021), sem seu mestrado, ao aplicar um questionário a tradutores e intérpretes de Libras-português não surdos e surdos, contou com os dados de 121 respondentes, desses 91 respondentes (75,2%) eram do sexo feminino e 30 (24,8%) do sexo masculino. De modo geral, outras pesquisas recentes, que abordam o perfil de tradutores e intérpretes de línguas de sinais brasileiros não surdos, indicam que a maioria dos respondentes é do sexo feminino. Na pesquisa de mestrado de Gomes (2020), ele aplicou o questionário intitulado “Interpretação Simultânea Libras-Português” apenas a intérpretes de Libras-português não surdos. Ele contou com 66,2% respondentes femininas (43 respondentes) e 33,8% respondentes masculinos (22 respondentes). Santos, R. (2019), em seu mestrado, aplicou um questionário a intérpretes de Libras-português não surdos, obtendo dezenove respostas, sendo doze respondentes da região norte e sete da região sul, desses 31,6% eram do sexo masculino e 68,4% do feminino.

Apesar das pesquisas acima terem tido mais respondentes do sexo feminino, os dados, desta pesquisa, se aproximam dos encontrados por Santos, W. (2019), em sua pesquisa de mestrado, que, ao aplicar seu questionário a intérpretes de Libras-português atuantes em contexto políticos televisivos, contou com cinquenta e cinco respondentes, vinte oito do sexo masculino (50,9%), e vinte e sete do feminino (49,1%). O autor considera que o mais comum é a presença de tradutores e intérpretes do sexo feminino, entendendo seus dados como atípicos e explicando que isso seria devido a “a política e o contexto que a circunda serem um espaço tradicionalmente ocupado, preponderantemente, por homens [...]” (SANTOS, W., 2020, p. 91).

Considerando essas pesquisas, não podemos comprovar se a maioria dos intérpretes não surdos de línguas de sinais no Brasil seriam do sexo feminino — ainda que essas pesquisas indiquem isso e sejam corroborados por Lacerda e Gurgel (2011) e por Martins (2009) — nem mesmo inferir se a maioria dos tradutores e intérpretes surdos seriam do sexo masculino ou feminino. Assim, uma pesquisa mais ampla, com uma amostra maior de respondentes, ainda é necessária para que sejamos capazes observar se a maioria dos tradutores e intérpretes surdos seriam do sexo feminino ou masculino.

Outro ponto importante desta pesquisa foi tentar traçar um perfil profissional dos respondentes em relação ao modo como eles se reconhecem e se apresentam ao mercado de trabalho o que chamamos de “identificação”. Oferecemos as seguintes opções, como já apontado acima: (i) tradutor; (ii) intérprete; (iii) guia-intérprete; (iv) tradutor e intérprete; (v) tradutor e guia-intérprete; (vi) intérprete e guia-intérprete; e (vii) tradutor, intérprete e guia-intérprete. Obtivemos o seguinte (Gráfico 1):

Gráfico 1 – Identificação dos profissionais



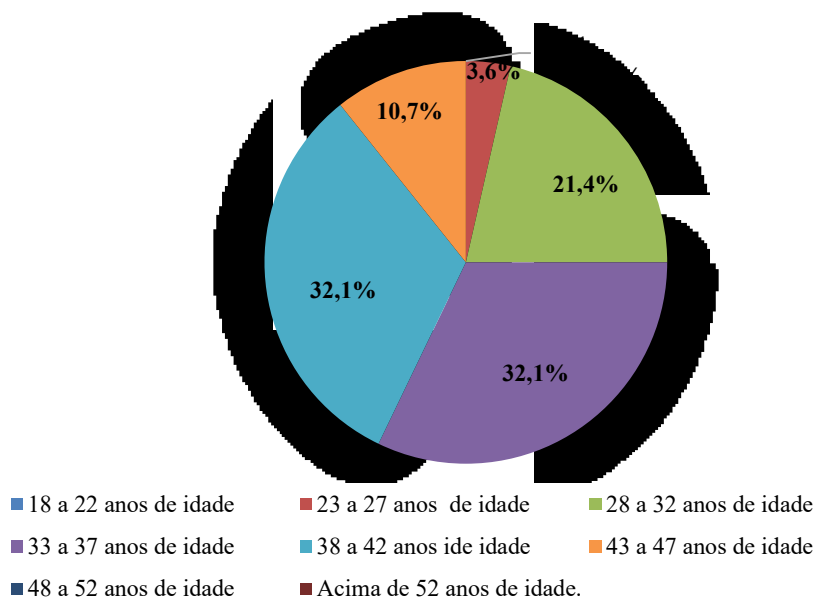
Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Como podemos observar acima, as opções “apenas intérprete” (0) e “intérprete e guia-intérprete” (0) não foram assinaladas, o que já nos indica — junto ao fato de apenas um respondente ter selecionado a opção “tradutor e guia-intérprete” (1) e três a opção “tradutor, intérprete e guia-intérprete” (3) — que uma parcela menor dos

profissionais respondentes se reconhece ou atua como “guia-intérprete” de línguas de sinais. Por outro lado, a maior parte deles se reconhece ou atua como “tradutor e intérprete” (19). A esses podemos incluir aqueles que se reconhecem como “apenas tradutor” (4) ou “apenas intérprete” (1). Assim, inferimos que a maioria dos profissionais surdos prestam serviços de tradução e/ou de interpretação (24) envolvendo línguas de sinais, sendo que, dentre os vinte e oito (28) respondentes, apenas quatro deles (4) se reconhecem ou atuam como guias-intérpretes de línguas de sinais.

Em relação à faixa etária dos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos de línguas de sinais temos o seguinte (Gráfico 2):

Gráfico 2 – Faixa etária dos profissionais



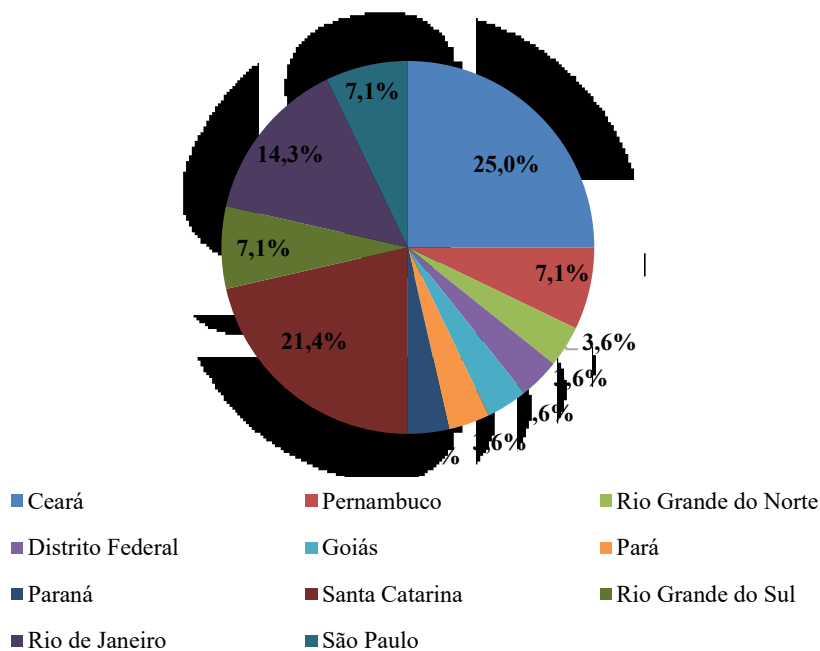
Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Em relação à faixa etária dos respondentes, vemos (Gráfico 2) que a maioria tem entre 28 e 42 anos de idade — 28 a 32 anos (6); 33 a 37 anos (9); e 38 a 42 anos (9) —, sendo que apenas um dos respondentes tem 27 anos ou menos — 23 a 27 anos (1) e 28 a 32 anos (0) —; e, por fim, nenhum respondente tem mais de 47 anos — 48 a 52 anos (0) e acima de 52 anos (0). Esses dados são interessantes, pois combinam com o fato de que os profissionais atuantes formaram por meio da prática sem a oportunidade de cursar uma graduação ou formação específica e, pro se constituir como um campo de recente

reconhecimento e em expansão. Na pesquisa de Ferreira (2019), embora ela tenha perguntado sobre a idade dos dezesseis respondentes, ele não apresentou esses dados em sua dissertação.

Outro ponto importante é onde estão os tradutores e intérpretes surdos de línguas de sinais no Brasil. Assim, apresentamos, a seguir (Gráfico 3), os dados referentes ao estado onde eles residem. Para essa representação, excluímos aqueles estados não indicados pelos respondentes, a saber: Acre (AC); Alagoas (AL); Amapá (AP); Amazonas (AM); Bahia (BA); Espírito Santo (ES); Maranhão (MA); Mato Grosso (MT); Mato Grosso do Sul (MS); Minas Gerais (MG); Paraíba (PB); Piauí (PI); Rondônia (RO); Roraima (RR); Sergipe (SE) e Tocantins (TO).

Gráfico 3 – Localização dos profissionais



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

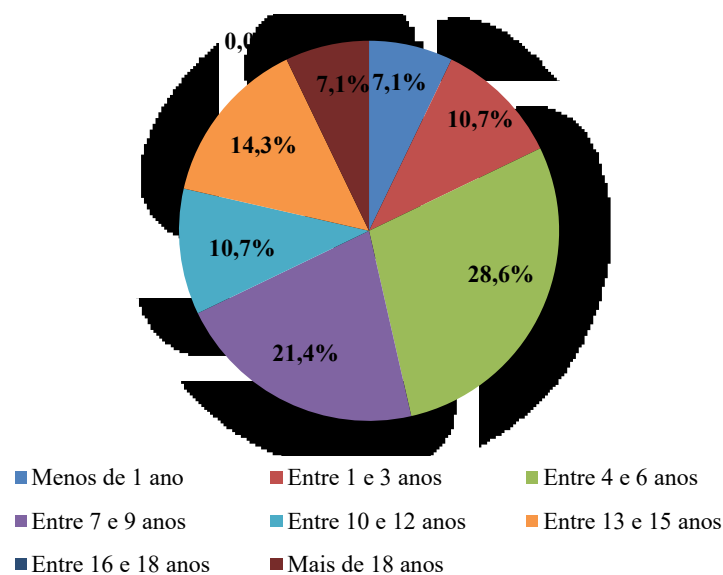
Todas as regiões do Brasil estão representadas. Entretanto, de modo bem desigual. Considerando-se as vinte e sete unidades da federação, vemos que dezesseis delas não estão contempladas, o que corresponde a 60%. Temos, respectivamente, as seguintes regiões, estados e cidades representadas — indo da com mais respondentes àquelas com menos —: **(i) Nordeste** → Ceará: Fortaleza (7), → Pernambuco: Recife (1)

e Paulista (1), → Rio Grande do Norte: Natal (1); **(ii) Sul** → Paraná: Curitiba (1), → Santa Catarina: Florianópolis (5) e São José (1), → Rio Grande do Sul: Pelotas (2); **(iii) Sudeste** → Rio de Janeiro: Rio de Janeiro (4), → São Paulo: São Carlos (2); **(iv) Centro-oeste** → Distrito Federal: Brasília (1), → Goiás: Goiânia (1); e **(v) Norte** → Pará: Belém (1).

Esses dados nos permitem algumas inferências. Primeiro, as regiões que contaram com menos respondentes são as centro-oeste (2 respondentes) e a norte (1 respondente), sendo que a com mais participantes é a região nordeste (10 respondentes), seguida da região sul (9 respondentes). A maioria das cidades são capitais (9 das 13 representadas), com exceção de Paulista (PE), São José (SC), Pelotas (RS) e São Carlos (SP). Entretanto, Paulista (PE) está a, aproximadamente, 19 km da capital, sendo parte da Grande Recife, e São José (SC) faz divisa com a capital, sendo parte da grande Florianópolis. Tanto Pelotas (RS) quanto São Carlos (SP) estão mais distantes da capital, respectivamente, a cerca de 260 km e 230 km. Entretanto, ambas as cidades abrigam importantes universidades federais: Universidade Federal de São Carlos (UFSCar) e Universidade Federal de Pelotas (UFPel), as quais desenvolvem pesquisas e/ou formação de profissionais que atuam com línguas de sinais.

Prosseguindo com a representação de nossos dados, temos o tempo de atuação dos profissionais, tradutores e intérpretes surdos, que responderam ao questionário (Gráfico 4).

Gráfico 4 – Tempo de atuação dos profissionais

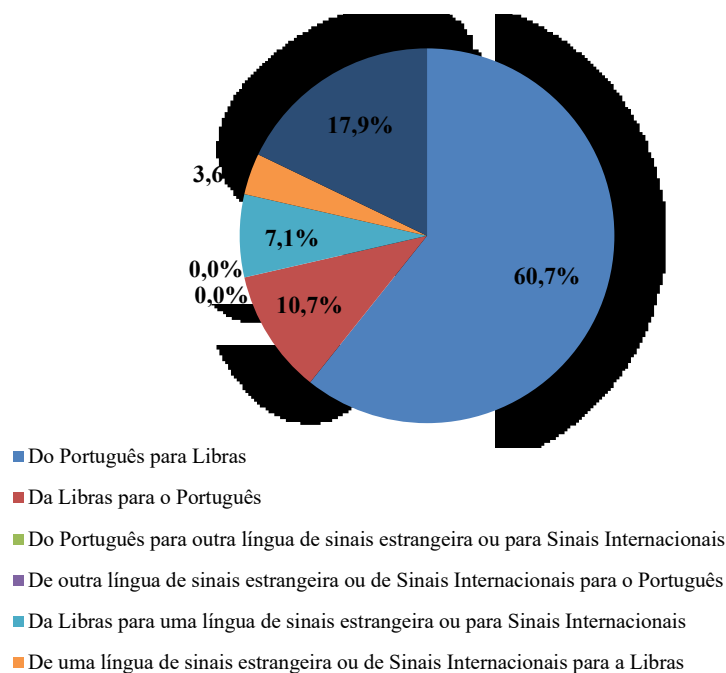


Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

A maior parcela dos profissionais, quatorze deles, possui entre 4 e 9 anos de atuação como tradutor e/ou intérprete de línguas de sinais — entre 4 e 6 anos (8) e entre 7 e 9 anos (6) —, em seguida, temos aqueles que atuam entre 10 e 15 anos — entre 10 e 12 anos (3) e entre 13 e 15 anos (4) —; os demais ocupam os extremos: menos quatro anos — menos de 1 ano (2) e entre 1 e 3 anos (3) — e mais de 18 anos (2), sendo que nenhum profissional indicou atuar entre 16 e 18 anos (0). É interessante perceber que, desconsiderando os profissionais que têm entre 4 e 9 anos de atuação e a opção que não foi selecionada, as demais categorias tem uma destruição não muito diferente, indicando, em parte, a diversidade dos respondentes no que se refere ao seu tempo de atuação.

Outro dado importante do perfil dos respondentes diz respeito a direcionalidade em que atuam com mais frequência (Gráfico 5)

Gráfico 5 – Direcionalidade mais frequente



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

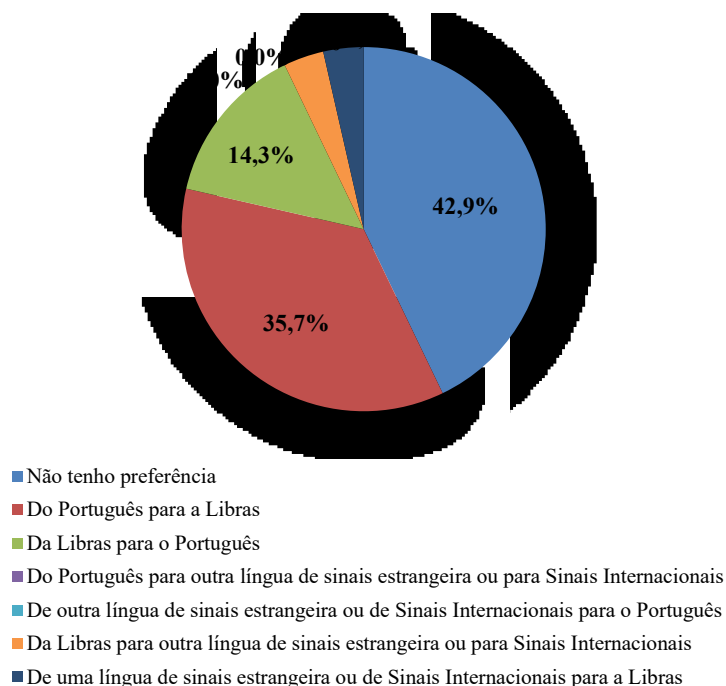
Os dados de direcionalidade demonstram que a maioria atua com mais frequência em direção a uma língua de modalidade gestual-visual (20) — do Português para Libras (17), da Libras para uma língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais (2) e de uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras (1) —, sendo que apenas dois (2) profissionais indicaram atuar com mais frequência para o português, uma língua vocal-auditiva. Além desses, cinco (5) indicaram atuar de forma equilibrada em todas as direcionalidades mencionadas na questão, sem que uma seja mais frequente que outra, e duas opções não foram selecionadas, a saber: “do Português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais” e “de outra língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para o Português”.

De modo geral, é possível inferir que a atuação mais recorrente entre os tradutores e intérpretes surdos é a intermodal em direcionalidade direta (da língua B para a língua A): de português para a Libras (60,7%). É interessante notar que, ao contrário do que alguns pensam, a maior parte dos respondentes não indicou sua atuação mais frequente como sendo a intramodal gestual-visual. Esse fato é justificável tendo em vista que no Brasil as línguas em contato de maior circulação são, no caso de nossos

respondentes, o português e a Libras; e não às línguas de sinais estrangeiras e os sinais internacionais que parecem ser de uso mais esporádicos no contexto brasileiro.

Em relação à preferência de direcionalidade para atuação e à direcionalidade em que se tem mais dificuldade, encontramos o seguinte (respectivamente, Gráficos 6 e 7):

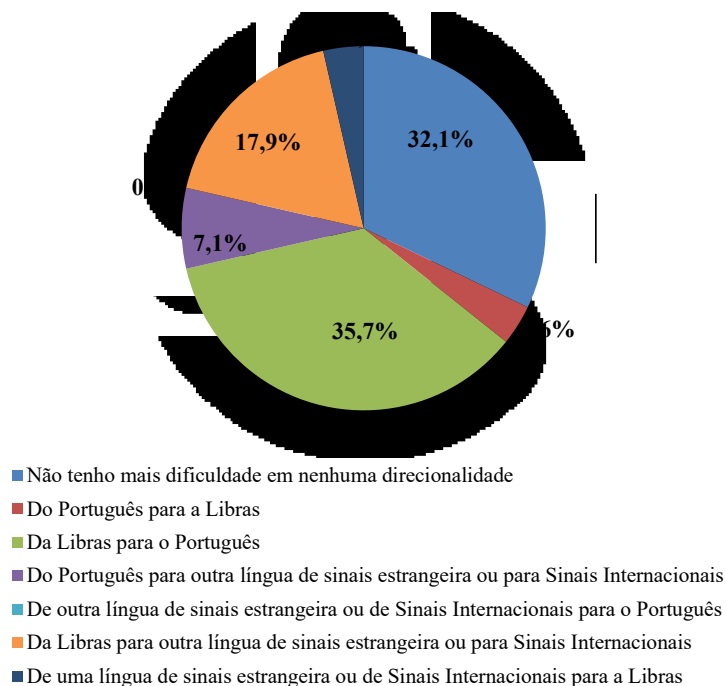
Gráfico 6 – Direcionalidade preferida



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

As opções “do Português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais” (0) e “de outra língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para o Português” (0) não foram selecionadas por nenhum dos respondentes. As opções mais indicadas são “não tenho preferência” (12) e “do português para a Libras” (10), seguidas por “da Libras para o português” (4), “da Libras para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais” (1) e “de uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras” (1). De modo geral, desconsiderando os respondentes que não tem preferência de direcionalidade (12), temos que a direcionalidade que tem como língua alvo a Libras, ou seja, a direcionalidade direta é a que mais teve indicações (11), sendo que a direcionalidade inversa (da língua A para língua B) seria preferida por cinco respondentes.

Gráfico 7 – Direcionalidade em que se tem mais dificuldade



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

É possível perceber que a direcionalidade apresentada como aquela em que se tem mais dificuldade é a inversa: “da Libras para o português” (10), sendo que uma significativa parcela dos respondentes indicou que “não tem mais dificuldade em nenhuma direcionalidade” (9). Em sequência, temos “da Libras para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais” (5), “do Português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais” (2) e, por último, “do Português para a Libras” (1) e “de uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras” (1).

Sabemos que diversos fatores podem ter influenciado na resposta, pois alguns respondentes podem ter selecionado a opção considerando seu menor conhecimento/ou dificuldade em relação à língua fonte ou mesmo o fato de não dominar a língua alvo. Mas, independentemente disso, infere-se que a maioria dos respondentes têm mais dificuldade em atuar em direção a(s) sua(s) língua(s) B, ou seja, na direcionalidade inversa (17), sendo que apenas dois (2) disseram ter mais dificuldade na direcionalidade direta, ou seja, em direção à Libras.

Tabela 3 – Comparação: Frequência, diferença e dificuldade

DIRECIONALIDADE	MAIS FREQUENTE**	PREFERÊNCIA*	DIFICULDADE*
Atuo de forma equilibrada**/Não tenho*	5	12	9
Do Português para a Libras	17	10	1
Da Libras para o Português	3	4	10
Do Português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais	0	0	2
De outra língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para o Português	0	0	0
Da Libras para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais	2	1	5
De uma língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para a Libras	1	1	1

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Nesse momento vamos refletir, brevemente, sobre a relação entre o quantitativo de respondentes em cada uma das opções de direcionalidade no que se refere à atuação mais frequente, à preferência e à dificuldade (Tabela 3, onde destacamos as opções assinaladas pela maior quantidade de respondentes). Observamos que a atuação que parecer ser a mais recorrente é a direta: aquela que se dá do português para a Libras (17). Essa direcionalidade, também é a preferida por boa parcela dos respondentes (10) e é aquela em que eles têm menos dificuldade (1) — há também um (1) respondente que marcou ter dificuldade de atuar em direção à Libras, mas nesse caso tendo como língua fonte uma língua de sinais estrangeira ou os Sinais Internacionais. Esses dados de preferência pela direcionalidade direta e de menor dificuldade nela, podem ser devido a diversos fatores, tais como: (i) a atuação ser em direção à Libras (língua A); (ii) se praticar mais essa direção de interpretação (Gráfico 5); (iii) se atuar com o português escrito e, por sua vez, com um processo de tradução para a Libras em vídeo e não de interpretação simultânea (já que sabemos que a maioria dos surdos não atua com o português oral em processos tradutórios e interpretativos já que exigem alta *performance* na recepção auditiva e na produção vocal).

Essa mesma reflexão serve para o fato de apenas três (3) profissionais (Tabela 3 e Gráfico 5) indicarem que a direção mais recorrente para eles é a inversa: da Libras para o português, a qual foi indicada como sendo a preferida para quatro (4)

respondentes e a de maior dificuldade para dez deles (10). Essa relação indica certa coerência entre as respostas dadas. Além disso, é interessante notar que a opção “de outra língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para o Português” não foi selecionada por nem mesmo um dos respondentes nas perguntas sobre frequência (Gráfico 5), preferência (Gráfico 6) e dificuldade (Gráfico 7); e a opção: “do Português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais” também não foi selecionada por nem mesmo um dos respondentes nas perguntas sobre frequência (Gráfico 5) e preferência (Gráfico 6), obtendo duas (2) indicações em relação à maior dificuldade (Gráfico 7). Esses dados indicam que, possivelmente, haja pouca demanda nessa combinação linguística: português de/para língua de sinais estrangeira/Sinais Internacionais.

Outro aspecto que investigamos foi a frequência de atuação dos tradutores e intérpretes surdos nas mais diversas modalidades de tradução e de interpretação; ao todo em dez modalidades (Gráfico 8, abaixo). Para essa questão, utilizou-se uma escala *likert*, como mencionado acima, com as seguintes opções: muito frequentemente, frequentemente, às vezes, raramente e nunca.

Ao observarmos os dados dispostos no Gráfico 8, percebemos que a opção “tradução para a escrita de sinais” foi aquela que os respondentes mais indicaram como **nunca** realizada por eles. E a opção “tradução para língua de sinais em vídeo” como aquela realizada com **mais frequência** (i.e., muito frequentemente); inclusive todos os respondentes já realizaram em algum momento essa demanda de tradução, tendo em vista que nenhum deles marcou a opção “nunca” para essa modalidade.

Para facilitar a sistematização dos dados, decidimos somar as opções “muito frequentemente” e “frequentemente” e as opções “raramente” e “nunca”, desconsiderando a opção “às vezes”. Assim foi possível criar um possível *ranking* das modalidades consideradas de demanda mais recorrente em relação àquelas menos demandadas. As modalidades em que os respondentes atuam com menos frequência (“raramente” + “nunca”) são, a partir da menos recorrente, 1º. Tradução para escrita de sinais (19); 2º. Tradução para inserção de Janela de Língua de Sinais (14); e 3º. Tradução para legendagem escrita (13). É interessante verificar que as três modalidades menos frequentes são de tradução e duas delas de tradução escrita, seja para a língua de sinais ou para o português, no caso da legendagem. Outro ponto interessante, é o fato de

muitos dos respondentes realizarem com menor frequência a “tradução para inserção de Janela de Língua de Sinais”.

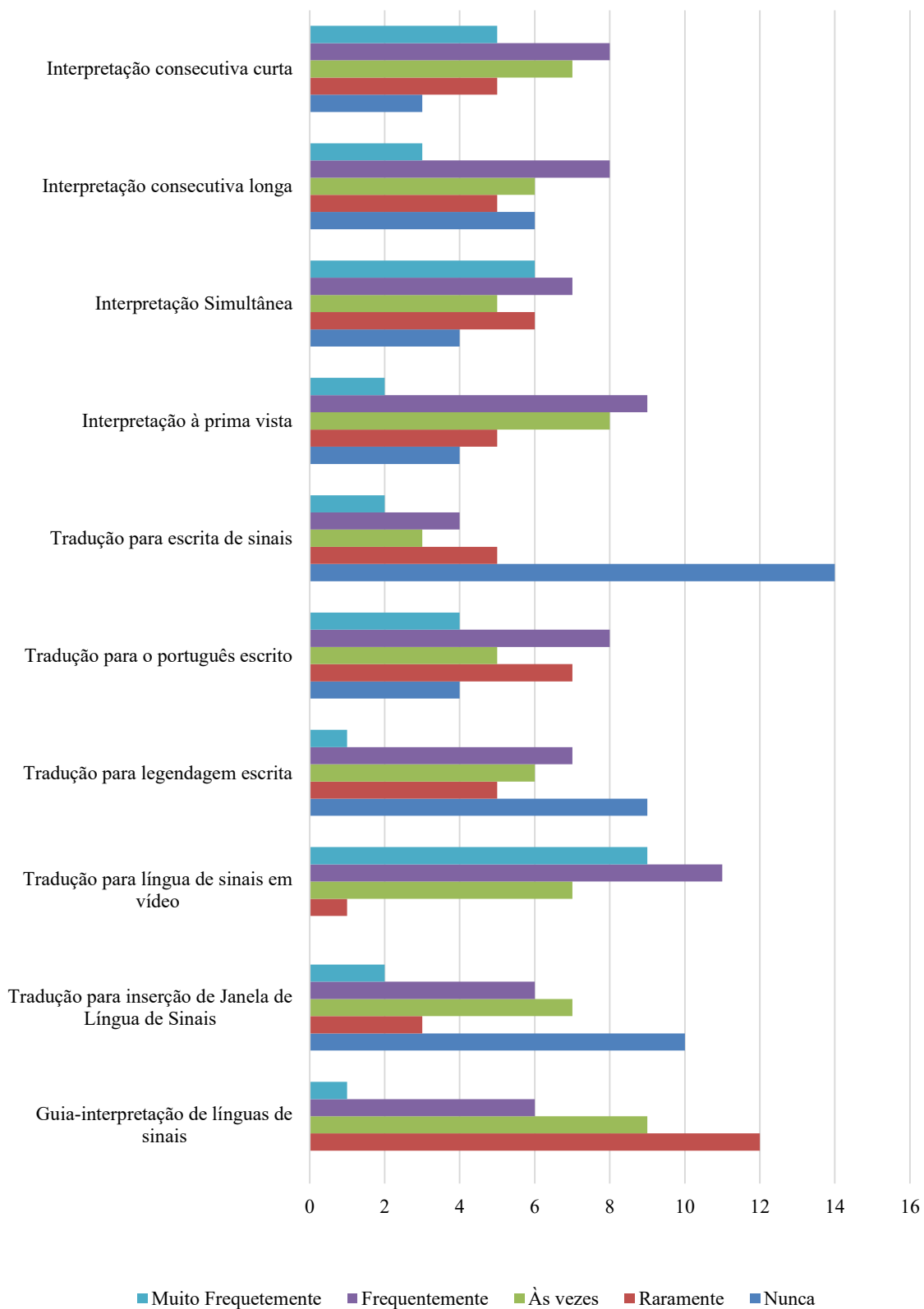
Pensamos em razões diferentes para cada uma dessas modalidades em que se atua com menos frequência. Em relação à “tradução para escrita de sinais”, de fato, ainda não vemos essa demanda na sociedade, já que os sistemas de escrita de sinais circulam pouco, não estando totalmente consolidados no dia a dia das comunidades surdas. No que se refere à “tradução para inserção de Janela de Língua de Sinais”, consideramos que, possivelmente, esse mercado vem sendo ocupado majoritariamente por tradutores não surdos de línguas de sinais. Isso acende uma alerta aos profissionais surdos para que possam ocupar mais essa modalidade, inclusive integrando às equipes de tradutores, inclusive por ser uma tradução audiovisual em direção à língua A dos tradutores surdos. Já em relação à “tradução para legendagem escrita”, inferimos que seja devido ao fato de a língua-alvo ser o português e o processo de legendagem demandar, muitas vezes, habilidades específicas da tradução audiovisual. Entretanto, é uma área do mercado de trabalho que os surdos precisam ocupar, integrando equipes de tradução.

No *ranking* das modalidades realizadas com mais frequência (“frequentemente” + “muito frequentemente”), temos, a partir da mais realizada: 1º. Tradução para língua de sinais em vídeo (20); 2º. Interpretação Simultânea (13) e Interpretação consecutiva curta (13); e 3º. Tradução para o português escrito (12). A primeira modalidade se refere à tradução não escrita para a língua de sinais em vídeo. Uma modalidade que tem sido bem recorrente e que vemos vários surdos realizando; inclusive nenhum dos respondentes marcou a opção “nunca” para essa modalidade, nos permitindo inferir que todos, sem exceção, já a realizaram. Contudo, ao mesmo tempo em que esta modalidade foi indicada como uma das realizadas com mais frequência, a “tradução para inserção de Janela de Língua de Sinais”, que compreende uma atividade relativamente próxima, foi indicada como menos recorrente. É interessante notar que uma modalidade de tradução ocupou o primeiro lugar.

Por outro lado, temos duas modalidades mais gerais de interpretação postas como muito frequentes e empatadas na segunda posição: a interpretação consecutiva curta, muito realizada em contextos comunitários e a interpretação simultânea, mas comum em contextos de conferências, principalmente em grandes eventos com

convidados internacionais. Esses dois contextos têm contado mais com a atuação de intérpretes surdos nos últimos anos. A terceira posição surpreende, já que é composta por uma atividade de tradução em direção ao português escrito (a língua B dos respondentes). É interessante ver que surdos estão traduzindo mais para o português escrito, ainda que não tenham traduzido tanto para a inserção de legendagem em português.

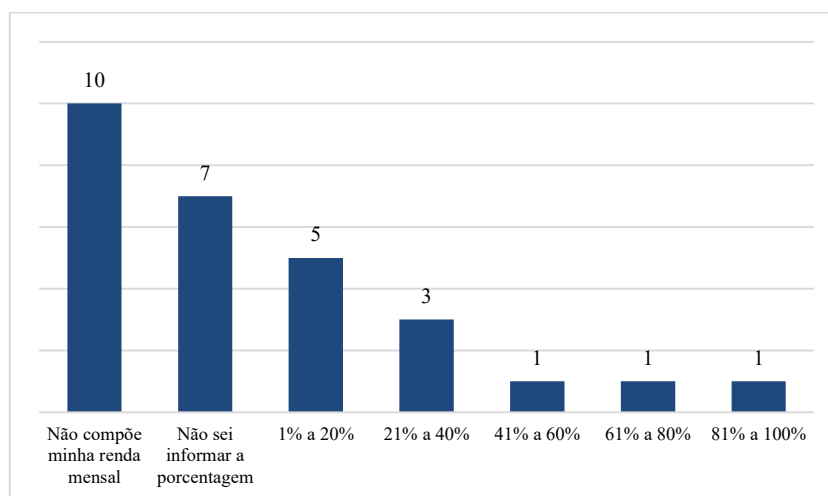
Outro aspecto interessante é que nenhum dos respondentes indicou “nunca” ter realizado “guia-interpretação de línguas de sinais”, o que nos permite inferir que todos eles já tiveram uma experiência de guia-interpretação, ainda que com pouca frequência, já que doze (12) deles indicaram que a realizam “raramente” e nove (9) que a realizam “às vezes”, sendo que apenas um (1) dos respondentes afirmou realizar a guia-interpretação com “muita frequência” e seis (6) que a fazem “frequentemente”.

Gráfico 8 – Frequência de atuação nas modalidades

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Outro aspecto que abordamos foi o quanto as atividades de tradução, interpretação e/ou guia-interpretação compõe o orçamento mensal dos respondentes. Nosso intuito, foi verificar se algum deles tem a tradução e a interpretação como principal atividade de renda ou se realizam esse tipo de trabalho apenas para complementar a renda ou de forma não remunerada (Gráfico 9).

Gráfico 9 – Composição do orçamento mensal



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

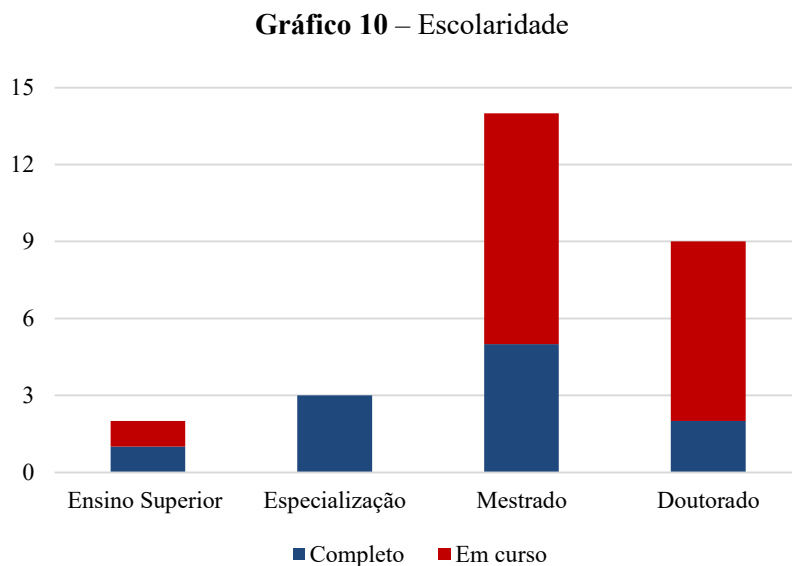
O fato de apenas dois dos respondentes terem mais de 80% de sua renda decorrentes de sua atividade como tradutores e/ou intérpretes de línguas de sinais indica que a maioria deles não vive de “tradução e interpretação”, sendo que a maior parcela parece atuar esporadicamente de modo a complementar a renda familiar ou mesmo sem receber retorno financeiro em decorrência de tal atividade (18, poderíamos incluir aqui os sete que não sabem informar, já que o fato de não saberem informar pode indicar que o retorno financeiro dessa atividade é menos significativo). Esses dados nos permitem inferir que os profissionais surdos que atuam no campo da tradução e da interpretação, provavelmente, não estão contratados formalmente nessa profissão, realizando-a de modo complementar à sua principal atividade profissional.

Nesse sentido, o mercado precisa reconhecer tal profissional e as instituições formativas oferecerem uma formação adequada a eles. Isso vale como um alerta às

instituições que promovem a formação de tradutores e de intérpretes não surdos de línguas de sinais, para que considerem o público surdo e, também, às entidades representativas de tradutores e de intérpretes, associações e federações, para que contribuam com a inserção de tal profissional no mercado de trabalho, assim como com a promoção de seu reconhecimento e de sua formação profissional.

4.2 O perfil acadêmico

Sobre o perfil acadêmico dos profissionais, apresentaremos dados sobre a escolaridade; a principal área de formação; a participação em cursos de tradução, interpretação e/ou guia-interpretação; e se possuem o exame do Prolibras. Isso nos permite ter uma noção do possível percurso formativo que os tradutores e intérpretes surdos de línguas de sinais possuem. Sobre a escolaridade temos o seguinte (Gráfico 10):



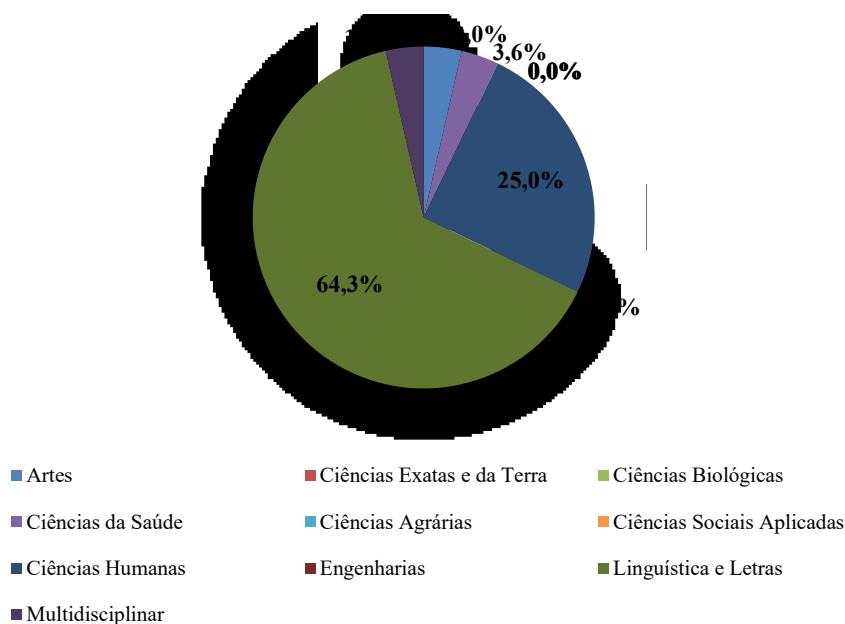
Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

As opções “Ensino Fundamental”, “Ensino Médio” e “Pós-doutorado” (tanto em andamento quanto completo) não foram assinaladas por nenhum respondente. É interessante notar que vinte e três (23) respondentes já concluíram ou estão cursando a

pós-graduação *stricto sensu* (mestrado ou doutorado): destes dois (2) são doutores e cinco (5) são mestres, sendo que outros sete (7) estão no doutorado e (9) no mestrado. Esse fato indica o elevado nível de formação acadêmica de mais de 80% dos respondentes. Além destes, temos três (3) respondentes que concluíram a pós-graduação *lato sensu*. Apenas um (1) que tem somente o ensino superior e outro (1) que ainda não o concluiu.

Outro aspecto importante diz respeito à principal área de formação dos tradutores e intérpretes surdos de línguas de sinais, considerando-se as áreas da CAPES. Vejamos (Gráfico 11).

Gráfico 11 – Principal área de formação



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Nenhum dos respondentes indicou as seguintes áreas: “Ciências Exatas e da Terra”; “Ciências Biológicas”; “Ciências Agrárias”; “Ciências Sociais Aplicadas”; e “Engenharias”. A maioria deles indicou que sua principal formação é em “Linguística e Letras” (18), assim como encontrado por Ferreira (2019) que identificou que 70% de seus respondentes tinham essa área de formação. Sete respondentes indicaram possuir como principal área de formação as “Ciências Humanas” (7). E obtivemos um respondente em cada uma das três seguintes áreas: “Artes” (1); “Ciências da Saúde” (1);

e “Multidisciplinar” (1). Essa realidade indica que mais de 60% dos tradutores e intérpretes surdos que participaram da pesquisa têm formação para trabalhar profissionalmente com a linguagem (18). Como a área de “Letras e Linguística” inclui a formação para atuar no campo da tradução e da interpretação, é possível que alguns dos respondentes tenham se formado como tradutores e/ou intérpretes.

Ao serem questionados sobre a participação em cursos de formação para tradutores, intérpretes ou guias-intérpretes de línguas de sinais, 57,1% dos respondentes (16 deles) indicou não estar matriculado nem ter cursado uma formação específica e 42,9% (12 deles) afirmou estar matriculado ou ter cursado uma formação específica. A seguir, estão os cursos apontados por eles (Quadro 5):

Quadro 5 – Relação de Cursos

1.	Curso de tradução e interpretação e Libras – IELL
2.	Curso técnico de interpretação e tradução do IELL
3.	UFCA e IEEL
4.	Letras Libras (Ead de UFSC)
5.	Feneis, FCEE, UFSC, ACATILS
6.	Curso de tradução e interpretação de Libras do IEEL. Curso de Formação do Profissional em Interpretação e Tradução para Surdos da UFCA
7.	Curso de Tradução e Interpretação de Libras na Instituição de Educação e Ensino de Libras (IEEL)
8.	Graduação em Letras/Libras
9.	Capacitação em Tradução e interpretação – IEEL
10.	Curso de Tradução e Interpretação de Libras - CTILIBRAS/IEEL
11.	IEEL e UFCA
12.	IEEL

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Vemos que dos doze (12) respondentes que indicaram estar participando ou já terem participado de formações específicas para atuar nos serviços de tradução, interpretação e/ou guia-interpretação, sendo que 75% dos respondentes (9 deles) citou o curso oferecido pelo Instituto de Educação e Ensino de Libras (IEEL) de Natal no Rio Grande do Norte, o qual foi criado “para o ensino e divulgação da Língua Brasileira de

Sinais para os ouvintes e do Português, como L2, para os surdos”, segundo informa o Facebook da instituição (<https://www.facebook.com/Ieellibras/>).

O referido “Curso de Tradução e Interpretação de Libras” disponibiliza 25 vagas, é ofertado on-line por meio da plataforma Zoom, ocorre aos domingos e possui um total de 21 disciplinas que somam 420 horas, de acordo com a grade curricular atual que encontramos disponível no Facebook da instituição, referente à turma 11, é de um curso previsto para ocorrer de 31 de janeiro de 2022 a 24 de setembro de 2023 e integra as seguintes disciplinas: 1. Noções sobre produção de vídeo sem Libras: tradução e interpretação (20h); 2. Aspectos Éticos da Profissão do Tradutor e Intérprete de Língua de Sinais (20h); 3. Tradução e Interpretação: conhecimentos linguísticos; 4. Estudos da Tradução e da Interpretação (20h); 5. Tópicos Legais da Profissão (20h); 6. Políticas Linguísticas e Políticas Tradutórias (20h); 7. Introdução à Práxis de Tradução e Interpretação I (20h); 8. Introdução à Práxis de Tradução e Interpretação II (20h); 9. Tradução e Interpretação na área educacional (20h); 10. Tradução e Interpretação na área jurídica (20h); 11. Tradução e Interpretação na área da Saúde (20h); 12. Tradução e Interpretação no contexto artístico (20h); 13. Tradução e Interpretação no contexto audiovisual; 14. Interpretação Libras/Sinais Internacionais (20h); 15. Interpretação no contexto de conferência (20h); 16. Competências Profissionais (20h); 17. Introdução à guia-interpretação (20h); 18. Laboratório de Interpretação Português/Libras e Libras/Português (30h); 19. Prática Supervisionada I (28h); 20. Laboratório de Tradução Português/Libras e Libras/Português (30h); 21. Prática Supervisionada II (32h).

Como não é objetivo desta pesquisa, não faremos nenhuma consideração a respeito do desenho curricular do curso, nem buscaremos mais dados referentes à proposta e ao funcionamento dele. A indicação é que o Instituto já está na turma 11 e que, portanto, já ofereceu outras dez turmas anteriormente²⁴. Independentemente dessas questões de ordem didático-pedagógica, é importante destacar que o curso livre,

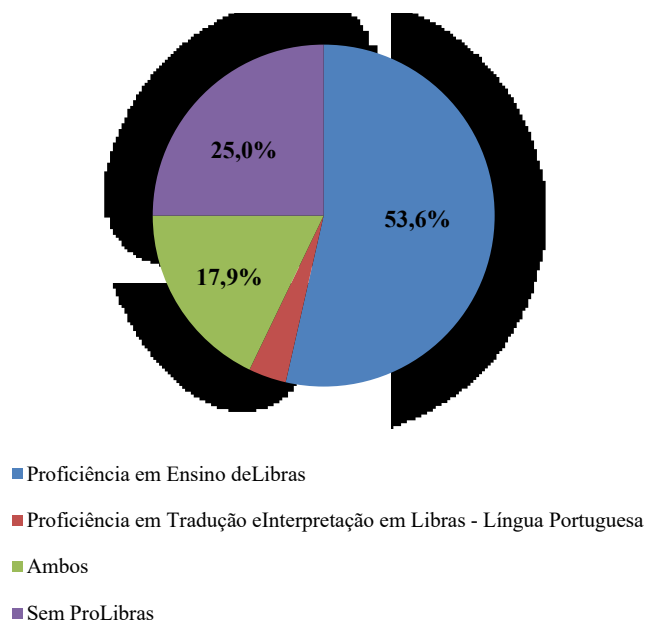
²⁴ No Facebook, foi possível ver a divulgação da *Turma 10*, a ser realizada de 15-01-2022 a 16-09-2023; da *Turma 9*, realizada de 12-09-2021 a 15-05-2022 — que já possui uma estrutura curricular diferente, assim como as turmas 8, 7 e 6, anteriores a ela, mas com a mesma carga horária —; da *Turma 8*, realizada de 31-07-2021 a 02-04-2022; da *Turma 7*, realizada de 23-01-2021 a 11-09-2021; da *Turma 6*, realizada de 16-01-2021 a 04-09-2021; da *Turma 2*, realizada de 20-09-2020 a 19-12-2021 (essa já possui outra estrutura curricular com 380 horas, assim como a turma 1); e da *Turma 1*, realizada de 06-09-2020 a 05-12-2021. As informações referentes às turmas 5, 4 e 3 não foram localizadas.

oferecido pelo instituto, é uma importante iniciativa para estimular a formação, pelo menos inicial, de tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos, e, ainda que não seja destinado apenas ao público surdo, ele é ministrado em Libras, pelo que foi possível investigar.

Além do curso do IEEL, os participantes mencionaram os seguintes cursos: Curso de Formação do Profissional em Interpretação e Tradução de Surdos da Universidade Federal do Cariri – UFCA (3)²⁵; a graduação em Letras-Libras, bacharelado (2, um deles especificou ser o EaD da UFSC); cursos oferecidos pela Feneis (1); cursos oferecidos pela UFSC (1); cursos oferecidos pela ACATILS (1); e cursos oferecidos pela Fundação Catarinense de Educação Especial – FCEE (1).

Outro ponto que consideramos relevantes, assim como apontado por Ferreira (2019) e apresentado acima, é o fato de tradutores e intérpretes surdos possuírem o ProLibras, no caso a Certificação de Proficiência em Tradução e Interpretação da Libras/Língua Portuguesa. Obtivemos os seguintes dados (Gráfico 12):

Gráfico 12 – ProLibras



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

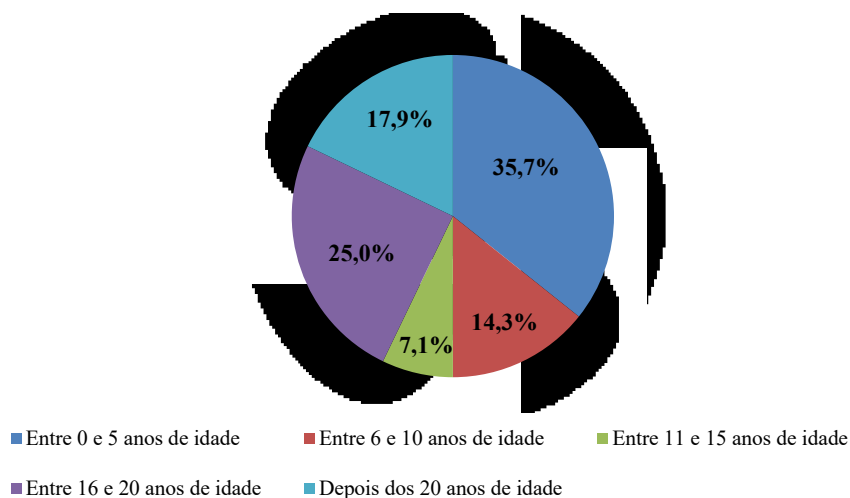
²⁵ O curso disponibilizou 25 vagas por meio do Edital n°. 01/2020/PRPI/UFCA. <https://estil.ufca.edu.br/curso-formacao-de-profissional-interpretacao-e-traducao-de-surdo/>

Vemos que a maioria dos respondentes (20) possui o ProLibras de Ensino, ou seja, a Certificação de Proficiência no Uso e no Ensino de Língua Brasileira de Sinais que certifica para que se atue como professor de Libras, sendo que quinze (15) deles possui apenas esse. Uma pequena parcela dos respondentes (6) possui o ProLibras de Tradução/Interpretação que certifica a pessoa para atuar como tradutor e/ou intérprete de Libras-português, cinco (5) deles possui também o ProLibras de Ensino. E, por fim, sete (7) respondentes não possui o ProLibras, nem o de Ensino nem o de Tradução/Interpretação. Como mencionada acima (Tabela 1), dos 528 surdos que se submeteram ao ProLibras de Tradução/Interpretação entre os anos de 2007 e 2015, 109 foram certificados, sendo que desses certificados, apenas seis (6) foram alcançados por essa pesquisa. Algo parecido ocorreu com Ferreira (2019), já que de seus 16 respondentes, apenas dois possuíam ProLibras de Tradução/Interpretação.

4.3 O perfil linguístico

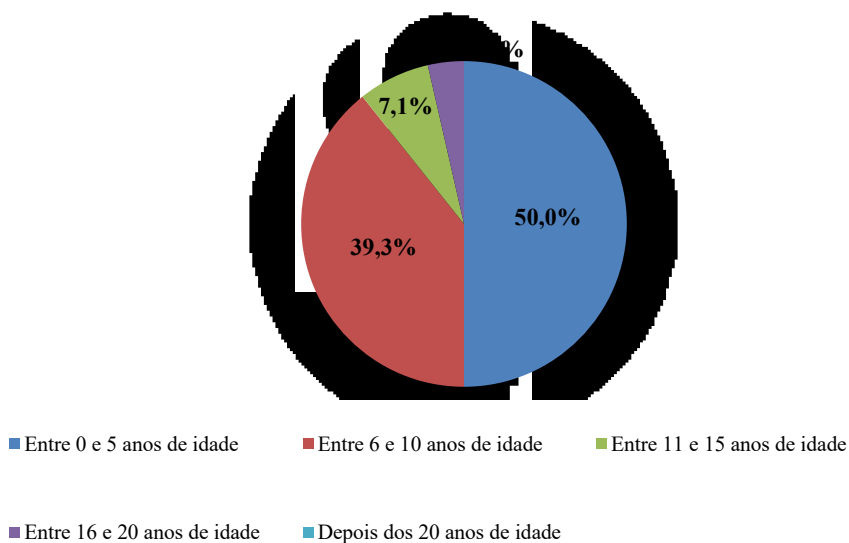
Agora, apresentaremos os dados referentes ao perfil linguístico dos respondentes. Embora tenhamos apresentado no “perfil geral” (subseção 4.1) algumas informações relacionadas às línguas de trabalho dos respondentes, aqui traremos em mais detalhes a aquisição/aprendizado da Libras e do Português; a autoavaliação que eles fazem sobre sua proficiência em diferentes línguas; o conhecimento de outra língua estrangeira vocal (que não o inglês e espanhol) e gestual (que não a ASL e os SI); e a idade de aprendizagem da primeira língua de sinais estrangeira, assim como onde a aprenderam.

Os dados referentes à aquisição/aprendizagem da Libras são bem diversos (Gráfico 13), o que pode nos ajudar a inferir melhor o porquê de alguns respondentes (4) preferirem atuar em direção ao português (Tabela 3), já que quatorze (14), 50% deles, apenas aprenderam a Libras após os 10 anos de idade: “entre 11 e 15 anos de idade” (2); “entre 16 e 20 anos de idade” (7); e “depois dos 20 anos de idade” (5). Os demais 50% (14), adquiriram/aprenderam a Libras antes dos 10 anos de idade, sendo: “entre 6 e 10 anos de idade” (10) e “entre 11 e 15 anos de idade” (4). Esses dados destoam dos encontrados por Ferreira (2019), já que, entre os seus respondentes, 70% aprenderam Libras antes dos 10 anos de idade.

Gráfico 13 – Faixa etária em que se aprendeu a Libras

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Sobre a aquisição/aprendizagem do português, temos uma situação um pouco diferente, já que nenhum (0) dos respondentes o aprendeu após os 20 anos de idade (Gráfico 14), como ocorre com a aquisição/aprendizagem da Libras (Gráfico 13), fato que denuncia a precariedade da educação bilingue de surdos e de difusão da língua de sinais nas últimas décadas; situação que foi melhorando significativamente.

Gráfico 14 – Faixa etária em que se aprendeu o português

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Vemos acima (Gráfico 14) que apenas três (3), cerca de 10% deles, aprenderam o português após os 10 anos de idade: “entre 11 e 15 anos de idade” (2); “entre 16 e 20 anos de idade” (1); e “depois dos 20 anos de idade” (0). Os demais, quase 90% (25), adquiriram/aprenderam o português antes dos 10 anos de idade, sendo: “entre 6 e 10 anos de idade” (11) e “entre 11 e 15 anos de idade” (14), fato que sinaliza para um maior contato com o português — e, possivelmente, práticas oralistas e de terapia de fala — em detrimento, em muitos casos, do contato e da aquisição da Libras na infância. Representamos os dados de aquisição/aprendizagem da Libras e do Português para cada um dos respondentes (Tabela 4):

Tabela 4 – Comparação: aquisição/aprendizagem da Libras e do português

Identificação do respondente	Aquisição/aprendizagem - Libras	Aquisição/aprendizagem – português
Respondente 1	Depois dos 20 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 2	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 3	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 4	Entre 11 e 15 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 5	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 6	Entre 6 e 10 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 7	Depois dos 20 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 8	Depois dos 20 anos de idade.	Entre 11 e 15 anos de idade.
Respondente 9	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 10	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 11	Entre 11 e 15 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 12	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 16 e 20 anos de idade.
Respondente 13	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 14	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 15	Entre 6 e 10 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 16	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 17	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 18	Entre 6 e 10 anos de idade.	Entre 11 e 15 anos de idade.
Respondente 19	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 20	Depois dos 20 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 21	Depois dos 20 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.

Respondente 22	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 23	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 24	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 25	Entre 0 e 5 anos de idade.	Entre 6 e 10 anos de idade.
Respondente 26	Entre 6 e 10 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 27	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.
Respondente 28	Entre 16 e 20 anos de idade.	Entre 0 e 5 anos de idade.

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários
(em destaque o período mais próximo ao nascimento)

Observa-se, acima (Tabela 4), que cinco (5) respondentes tiveram acesso à aquisição/aprendizagem da Libras e do português de modo mais concomitante; enquanto oito (8) tiveram primeiro o acesso à aquisição/aprendizagem da Libras; e (15) tiveram primeiro o acesso à aquisição/aprendizagem do português. Essas diferenças, certamente, acarretam significativas diferenças no perfil linguístico individual de cada um, podendo aproximá-los mais ou afastá-los, no que se refere ao perfil linguístico individual, em virtude da influência de outros fatores pessoais, sociais, culturais e educacionais a que eles foram expostos no decorrer de sua vida e escolarização. A seguir, teremos algumas pistas sobre a situação atual que cada um dos respondentes considera possuir em algumas línguas (inclusive em Libras e em português), em termos da autoavaliação que fazem de seu nível de proficiência (Gráfico 15).

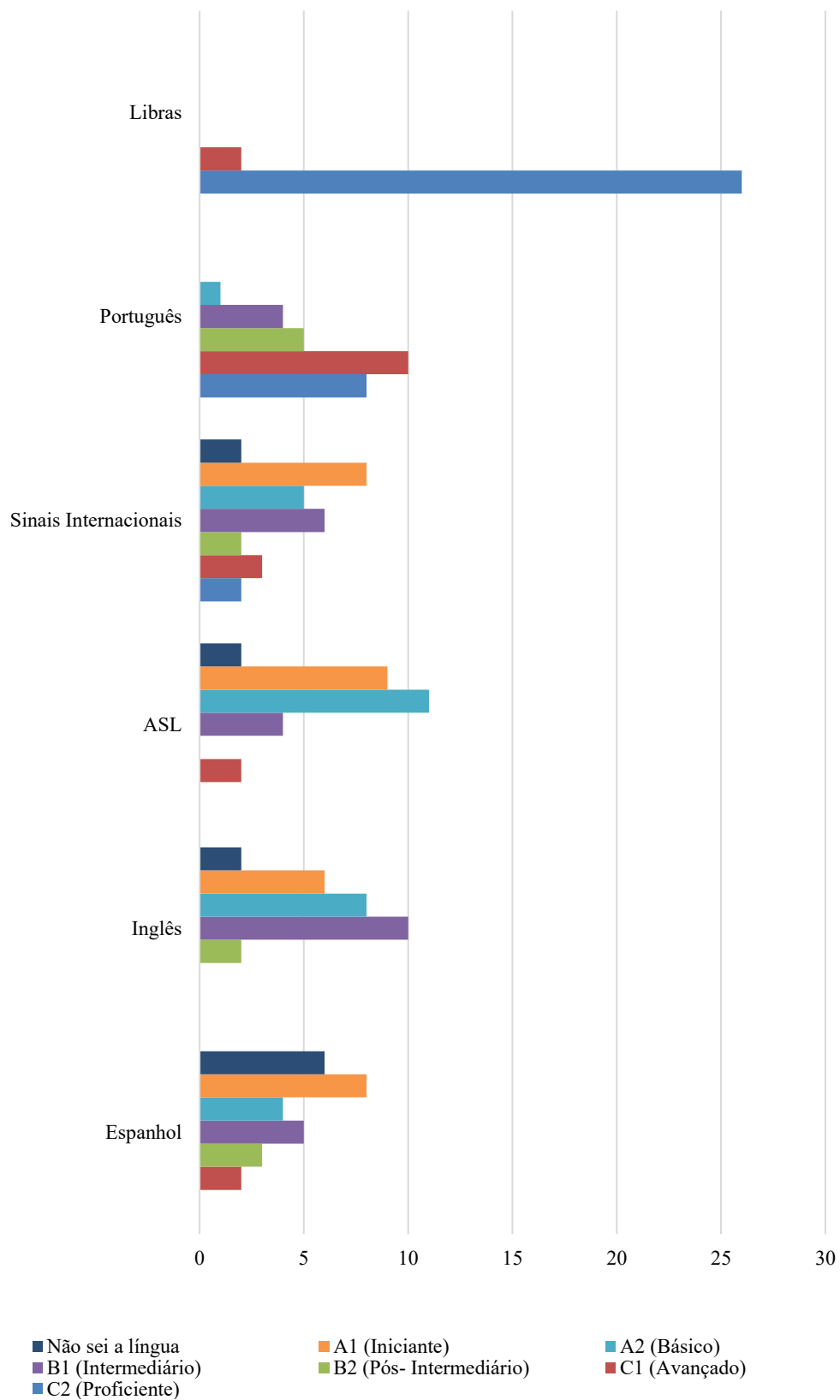
A autoavaliação da proficiência nos mostra que 100% dos participantes se consideram proficientes em Libras — vinte e seis (26) como C2 (proficiente) e (2) no C1 (avançado) —; em relação ao português, temos uma variação bem mais significativa, já que oito (8) se consideram C2 (Proficiente); dez (10) C1 (Avançado); cinco (5) B2 (Pós- Intermediário); quatro (4) B1 (Intermediário); um (1) A2 (Básico). Vemos que mesmo que muitos tenham tido acesso mais tardio à Libras, após os 10 anos de idade (14), eles atingiram um nível avançado na língua, motivo pelo qual a consideramos como sendo a “língua materna” dos surdos, aquela que podem adquirir e desenvolver confortavelmente. Por outro lado, mesmo que a maioria tenha aprendido o português antes dos 10 anos de idade (25), uma parcela razoável (10) considera que sua proficiência nessa língua não pode ser considerada como a de um falante proficiente, já

que indicaram possuir níveis B2, Pós- Intermediário (5); B1, Intermediário (4); e A2, Básico (1).

Em relação às línguas vocais estrangeiras temos que a maioria se considera entre B1, Intermediário, e A1, Iniciante — (17) no caso do espanhol e (24) no caso do inglês —, sendo que dois (2) indicam não saber inglês e seis (6) não saber espanhol. Considerando o espanhol, dois (2) se consideram C1, Avançado, e três (3) B2, Pós- Intermediário; e o inglês: dois (2) se veem como B2, Pós- Intermediário.

No caso da ASL e dos SI, temos uma situação bem parecida com a das línguas vocais estrangeiras, sendo que a maioria se considera entre B1, Intermediário, e A1, Iniciante — (24) no caso da ASL e (19) no caso do SI —, sendo que dois (2) indicam não saber ASL e dois (2) não saber SI. Apenas dois (2) respondentes consideram possuir proficiência em ASL, optando pelo C1, Avançado. Entretanto, no que se refere ao SI, temos um número de respondentes um pouco maior (7) que se considera fluente: (2) se consideram C2, Proficientes; três (3) se consideram C1, Avançados; e dois (2) B2, Pós- Intermediários. Esses dados de fato corroboram o fato de serem a Libras e o português as principais línguas de trabalho dos tradutores e intérpretes surdos que participaram da pesquisa.

Gráfico 15 – Autoavaliação de Proficiência

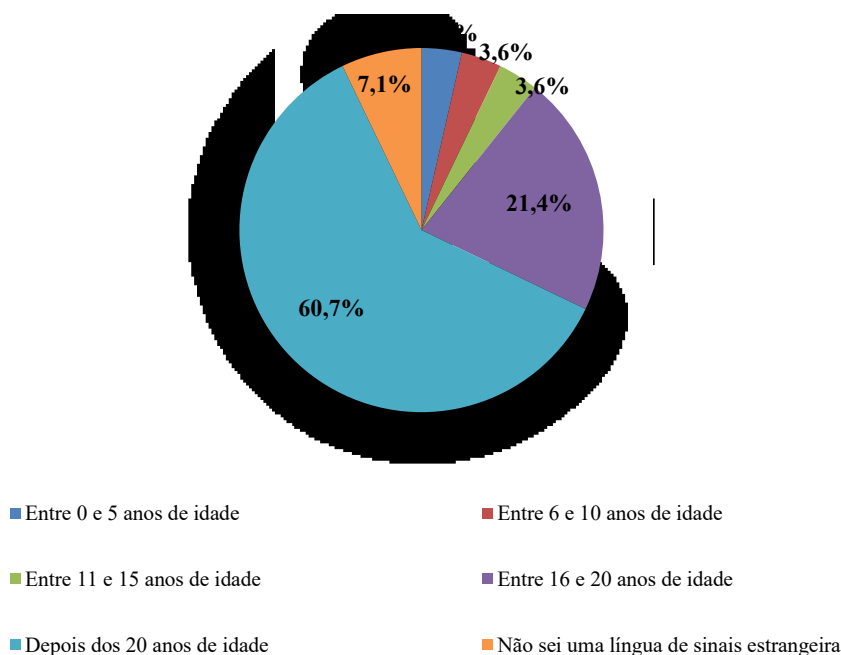


Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Ao perguntarmos sobre as demais línguas estrangeiras, além do espanhol e do inglês, que os respondentes teriam domínio, três (3) deles indicaram saber outra língua e mencionaram as seguintes línguas: alemão (1); francês (1); e italiano (1). Em relação ao domínio de outras línguas de sinais, excluindo-se a ASL e o SI, cinco (5) respondentes indicaram conhecer e mencionaram as seguintes línguas: Língua de Sinais Argentina (2); Língua de Sinais Italiana (1); Língua de Sinais Francesa (1); Língua de Sinais Polonesa (1). Vale dizer que alguns dos respondentes ressaltaram possuir conhecimentos básicos nessas outras línguas vocais ou de sinais.

Outro aspecto que perguntamos aos respondentes, foi sobre a idade com que aprenderam a primeira língua de sinais estrangeira. Obtivemos o seguinte (Gráfico 16):

Gráfico 16 – Faixa etária em que se aprendeu a primeira língua de sinais estrangeira



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Acima (Gráfico 16) vemos que a maioria dos respondentes, apenas aprendeu uma língua estrangeira após os 15 anos de idade (23) — “entre 16 e 20 anos de idade” (6) e “depois dos 20 anos de idade” (17) —, e apenas três (3) teriam aprendido a língua

de sinais estrangeira antes dos 15 anos de idade — “entre 0 e 5 anos de idade” (1); “entre 6 e 10 anos de idade” (1) e “entre 11 e 15 anos de idade” (1) —, sendo que dois (2) indicaram não saber uma língua de sinais estrangeira. Esses dados correspondem aos identificados por Ferreira (2019) que afirma que a maioria de seus respondentes indicaram um aprendizado tardio (90%), principalmente após os 16 anos de idade. Sobre o como aprenderam a língua de sinais estrangeira, obtivemos o seguinte (lembrando que se poderia indicar mais de uma maneira): 1. Em eventos no Brasil (17); 2. Com amigos estrangeiros (15); 3. Em cursos de idiomas (11); 4. Em viagens internacionais (9); 5. Na internet (YouTube e outras plataformas (8); 6. Em eventos fora do Brasil (5); 7. Com amigos brasileiros (3); 8. Morando em outro país (2); 9. Com a família (1); e 10. Na universidade ou faculdades (1).

4.4 A atuação no mercado de trabalho

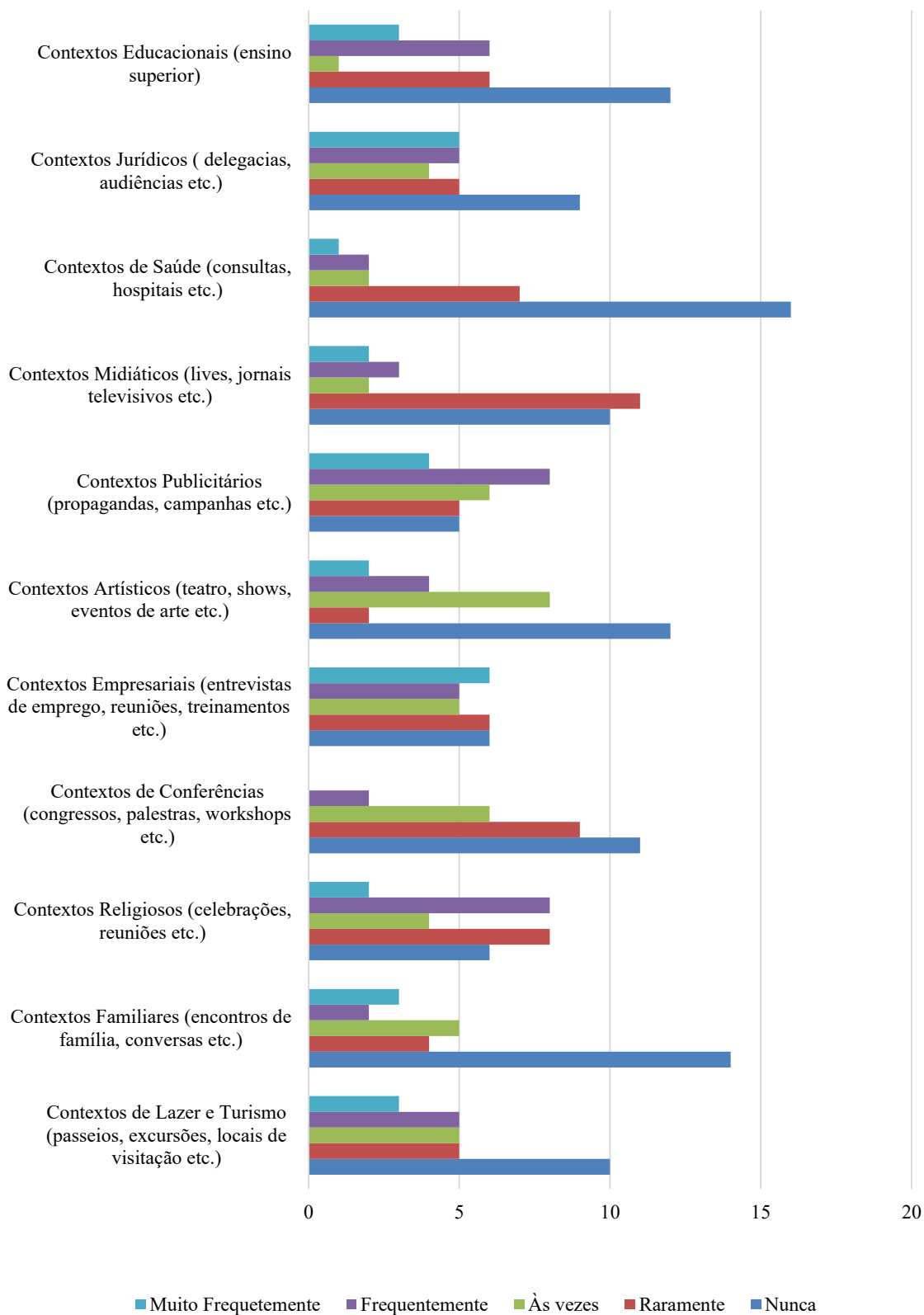
Para encerrar a apresentação do perfil, perguntamos sobre: (i) a frequência de atuação interpretativa em diferentes contextos (Gráfico 17); (ii) a frequência de atuação tradutória com diferentes gêneros textuais (Gráfico 18); e (iii) os tipos de consultorias prestadas no que se refere à tradução, à interpretação e à guia-interpretação (Gráfico 19).

Em relação aos contextos de atuação interpretativa mais recorrentes, vimos que apenas para os “contextos empresariais” a opção “muito frequentemente” não foi marcada pelos respondentes. Todos os demais contextos contaram com pelo menos um dos respondentes atuando neles “muito frequentemente”. Para facilitar a sistematização dos dados, decidimos somar as opções “muito frequentemente” e “frequentemente” e as opções “raramente” e “nunca”, desconsiderando a opção “às vezes”. Assim foi possível criar, assim como já fizemos acima, um possível *ranking* dos contextos considerados de atuação interpretativa mais recorrente em relação àqueles em que os intérpretes e guias-intérpretes surdos atuam menos.

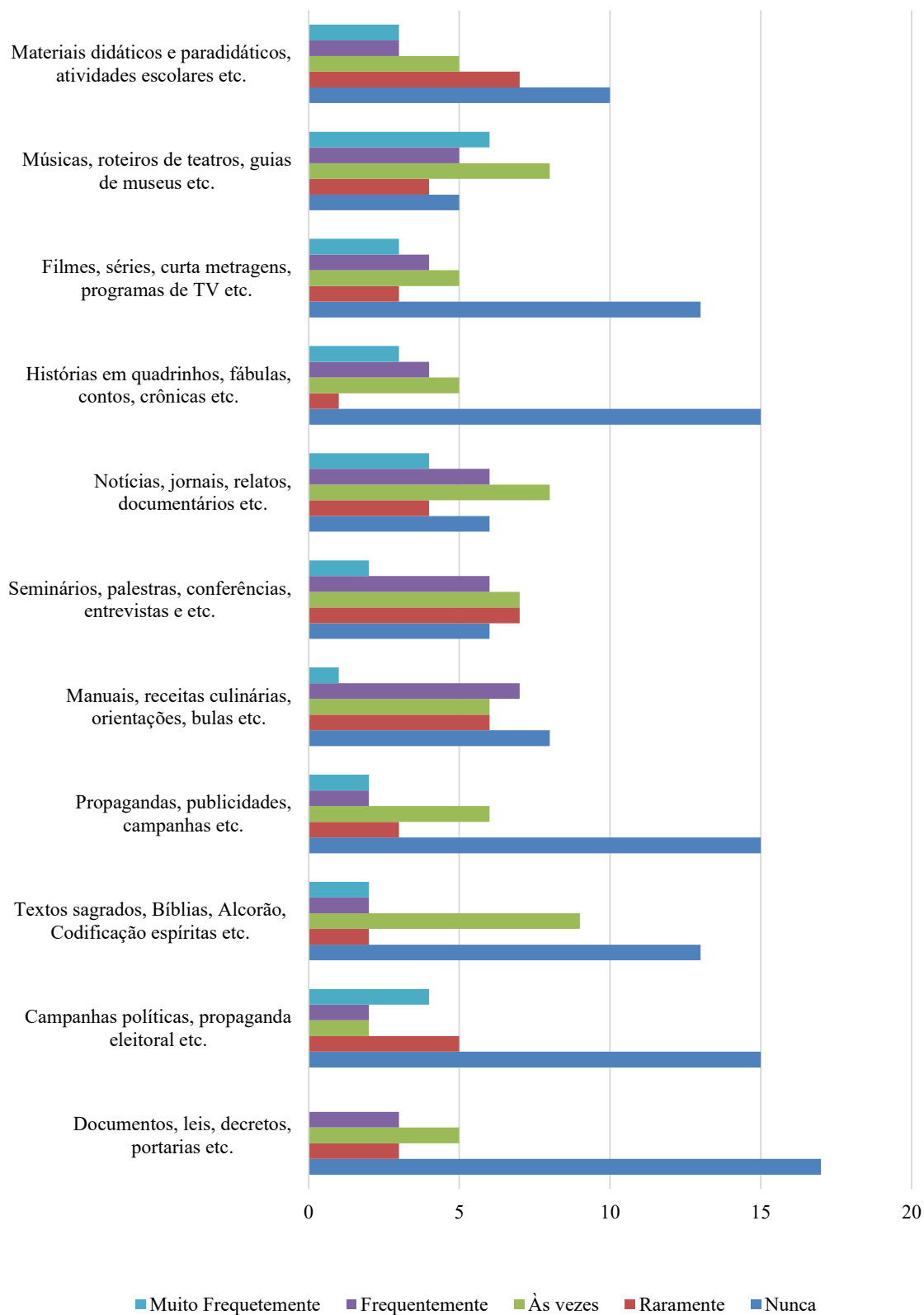
Os contextos em que os respondentes atuam com menos frequência (“raramente” + “nunca”) são, a partir do menos recorrente: 1º. Contextos Jurídicos (23); 2º. Contextos de Saúde (21); e 3º. Contextos Empresariais (20). No *ranking* dos contextos em que se

atua com mais frequência (“frequentemente” + “muito frequentemente”), temos, a partir daquele em que se interpreta mais: 1º. Contextos Midiáticos (12); 2º. Contextos Artísticos (11); e 3º. Contextos de Conferências (10) e Contextos Educacionais (ensino superior) (10).

Gráfico 17 – Frequência de atuação interpretativa em diferentes contextos



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Gráfico 18 – Frequência de atuação tradutória com diferentes gêneros

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Sobre os gêneros textuais que os tradutores surdos mais frequentemente traduzem, vimos que apenas para o gênero “campanhas políticas, propaganda eleitoral etc.” a opção “muito frequentemente” não foi marcada pelos respondentes. Todos os demais gêneros textuais são “muito frequentemente” traduzidos por pelo menos um dos respondentes. Assim como nas demais questões em que se pergunta sobre a frequência, somaram-se as opções “muito frequentemente” e “frequentemente” e as opções “raramente” e “nunca”, desconsiderando a opção “às vezes”. Com isso, temos o *ranking* dos gêneros textuais mais e menos frequentemente traduzidos pelos tradutores surdos.

Os gêneros traduzidos com menos frequência (“raramente” + “nunca”) são, a partir do menos recorrente: 1º. Campanhas políticas, propaganda eleitoral etc. (20) e Textos sagrados, Bíblias, Alcorão, Codificação espíritas etc. (20); 2º. Manuais, receitas culinárias, orientações, bulas etc. (18); e 3º. TCC, monografias, dissertações, teses, artigos, livros acadêmicos etc. (17). E os traduzidos com mais frequência (“frequentemente” + “muito frequentemente”), são, a partir daquele mais traduzido: 1º. Materiais didáticos e paradidáticos, atividades escolares etc. (11); 2º. Histórias em quadrinhos, fábulas, contos, crônicas etc. (10); e 3º. Notícias, jornais, relatos, documentários etc. (8) e Seminários, palestras, conferências, entrevistas etc. (8).

Quadro 6 – Relação de Cursos Indicados

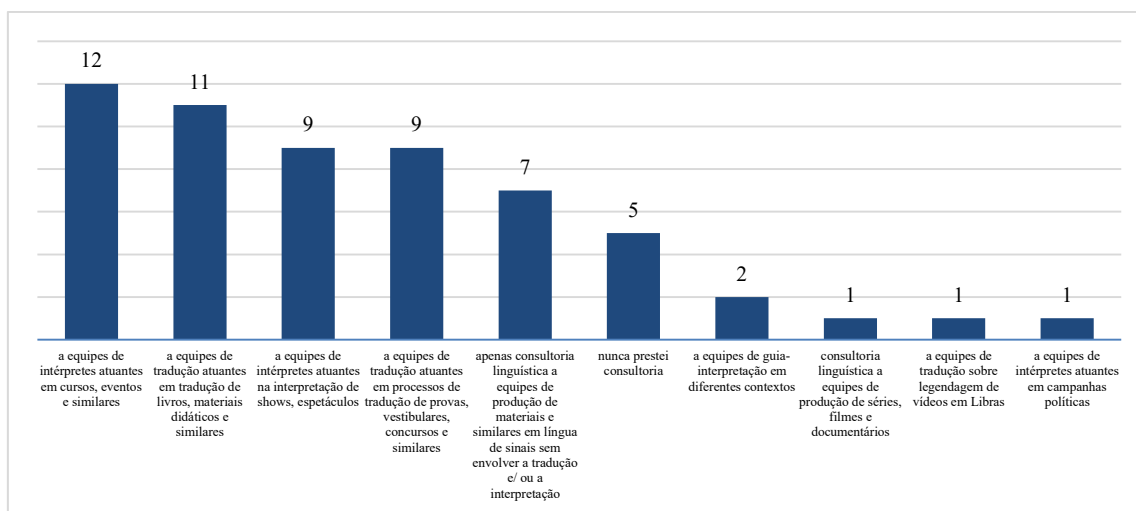
	Contextos mais frequentes (+)	Contextos menos frequentes (+)
Interpretação em contextos diversos	1º. Contextos Midiáticos +++ 2º. Contextos Artísticos ++ 3º. Contextos de Conferências e Contextos Educacionais (ensino superior) +	1º. Contextos Jurídicos --- 2º. Contextos de Saúde -- 3º. Contextos Empresariais -
	Contextos mais frequentes (-)	Contextos menos frequentes (-)
Tradução de gêneros textuais diversos	1º. Materiais didáticos e paradidáticos, atividades escolares etc. +++ 2º. Histórias em quadrinhos, fábulas, contos, crônicas etc. ++ 3º. Notícias, jornais, relatos, documentários etc. e Seminários, palestras, conferências, entrevistas etc. +	1º. Campanhas políticas, propaganda eleitoral etc. e Textos sagrados, Bíblias, Alcorão, Codificação espíritas etc. --- 2º. Manuais, receitas culinárias, orientações, bulas etc. -- 3º. TCC, monografias, dissertações, teses, artigos, livros acadêmicos etc. -

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Em relação à atuação interpretativa (Quadro 5), podemos inferir que se atua menos em contextos comunitários do que em contextos de conferência (os quais podem incluir os contextos midiáticos e os artísticos, com exceção do contexto educacional que é comunitário). E no que se refere à tradução, percebemos que os gêneros textuais mais traduzidos se relacionam, sem exceção, aos contextos em que mais se atua. Já os menos traduzidos se diversificam um pouco mais. Apenas um dos gêneros é ligado à educação (TCC, monografias, dissertações, teses, artigos, livros acadêmicos etc.) e os demais se relacionam ao contexto religioso, ou ao publicitário ou mesmo estão presentes em diversos deles, como é o caso dos “manuais, receitas culinárias, orientações, bulas etc.”

Para encerramos a representação e análise dos dados, trazemos os dados sobre os tipos de consultoria prestada pelos tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos no campo da tradução e da interpretação (nessa questão era possível indicar mais de uma resposta).

Gráfico 19 – Consultorias prestadas



Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Sobre a consultoria prestada, temos que as mais comuns foram, daquela mais recorrente à menos recorrente: 1. a equipes de intérpretes atuantes em cursos, eventos e similares (12); 2. a equipes de tradução atuantes em tradução de livros, materiais didáticos e similares (11); 3. a equipes de intérpretes atuantes na interpretação de shows, espetáculos (9); 4. a equipes de tradução atuantes em processos de tradução de provas,

vestibulares, concursos e similares (9); e 5. a equipes de guia-interpretação em diferentes contextos (2). Não perguntamos se essa consultoria foi prestada a equipes de intérpretes não surdos, mas não há nenhum motivo para pensarmos que não tenham sido. Algumas dessas consultorias foram prestadas pelos mesmos respondentes e cinco (5) dos respondentes nunca prestaram consultoria. Além das opções que oferecemos, os respondentes acrescentaram três tipos de consultoria: consultoria linguística a equipes de produção de séries, filmes e documentários (1); a equipes de tradução sobre legendagem de vídeos em Libras (1); e a equipes de intérpretes atuantes em campanhas políticas (1).

Com os dados do questionário, embora tenhamos contado com apenas 28 respondentes, nos permitem inferir que, de certa maneira, o perfil mais comum entre os tradutores e intérpretes surdos brasileiros de línguas de sinais seria (Quadro 6):

Quadro 7– Síntese dos dados: o possível perfil dos profissionais surdos

1. Sexo:	Equilibrado entre o número de homens e de mulheres.
2. Identificação:	Majoritariamente, composta por profissionais que se reconhecem como tradutores e como intérpretes.
3. Idade:	Principalmente, formada por profissionais que têm entre 28 e 42 anos de idade.
4. Localização:	Possivelmente, mais presentes nas regiões Nordeste e Sul e nas capitais.
5. Tempo de atuação:	Majoritariamente, composta por profissionais que possuem entre 4 e 9 anos de atuação no mercado.
6. Direcionalidade <u>mais</u> comum:	Basicamente, em direção a uma língua de modalidade gestual-visual, com destaque para a Libras.
7. Direcionalidade <u>menos</u> comum:	Basicamente, do Português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais e de outra língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para o Português.
8. Preferência de direcionalidade:	Grande parte dos profissionais ou não tem preferência de direcionalidade ou prefere atuar do português para a Libras.
9. Direcionalidade com <u>mais</u> dificuldade:	Prevalece a dificuldade na tradução/interpretação inversa: da Libras para o português (em direção a língua B).
10. Atuação <u>mais</u> comum:	Destaca-se a tradução para a língua de sinais em vídeo, seguida da interpretação simultânea, da interpretação consecutiva curta e da tradução para o português escrito.
11. Atuação <u>menos</u> comum:	Destaca-se a tradução para escrita de sinais, seguida da tradução para inserção de janela de língua de sinais e da tradução para legendagem escrita.
12. Composição do orçamento familiar	Não é a principal fonte de renda dos profissionais.

13. Escolaridade	Sobretudo pós-graduados que tem como principal área de formação Linguística e Letras
14. Formação Específica	A maioria passou por cursos livres de formação de tradutores e intérpretes, oferecidos no formato on-line
15. ProLibras de Tradução/Interpretação	Prevalece a ausência do ProLibras de Tradução/Interpretação entre os profissionais
16. Idade de aprendizagem da Libras	Variável, tendo sido iniciado desde a infância até a vida adulta
17. Idade de aprendizagem do português	Preeminente, antes dos 10 anos de idade
18. Principal língua de trabalho	Sobretudo, a Libras, em que a totalidade dos respondentes se considera proficiente.
19. Idade de aprendizado de uma língua de sinais estrangeira	Sobretudo, antes após os 15 anos de idade por meio de eventos internacionais realizados no Brasil, contato com amigos estrangeiros e cursos.
20. Contextos de Interpretação <u>mais</u> comuns	Majoritariamente, contextos midiáticos, seguidos pelos contextos artísticos, pelos contextos de conferências e pelos contextos educacionais (ensino superior).
21. Contextos de Interpretação <u>menos</u> comuns	Majoritariamente os contextos jurídicos, seguidos pelos contextos de saúde pelos contextos empresariais.
22. Gêneros textuais <u>mais</u> traduzidos	Principalmente, materiais didáticos e paradidáticos, atividades escolares etc.; seguidos por histórias em quadrinhos, fábulas, contos, crônicas etc.; notícias, jornais, relatos, documentários etc.; seminários, palestras, conferências, entrevistas etc.
23. Gêneros textuais <u>menos</u> traduzidos	Principalmente, campanhas políticas, propaganda eleitoral etc.; seguidas por textos sagrados, bíblias, alcorão, codificação espíritas etc.; manuais, receitas culinárias, orientações, bulas etc.; e TCC, monografias, dissertações, teses, artigos, livros acadêmicos etc.
24. Principais consultorias prestadas	Sobretudo, a equipes de intérpretes atuantes em cursos, eventos e similares; e a equipes de tradução atuantes em tradução de livros, materiais didáticos e similares.

Fonte: a autora, com base nos dados dos questionários

Antes de apresentar as considerações finais, é importante mencionar que sabemos das limitações da pesquisa, principalmente por trabalharmos com uma amostragem pequena (ainda que não saibamos, ao certo, o número total de profissionais tradutores e intérpretes surdos brasileiros). Entretanto, acreditamos que esses dados trazem alguns importantes apontamentos como a inclusão do mercado de trabalho, as opções linguísticas trabalhadas por eles. Oferecendo uma visão ampla do possível perfil dos tradutores e intérpretes surdos brasileiros e indicando possíveis aspectos a serem

considerados na formação desses profissionais, assim como no seu reconhecimento e inserção no mercado de trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que o interesse dos surdos em se profissionalizar como tradutores, intérpretes e guias-intérpretes de línguas de sinais, é crescente na atualidade vê-se como muito relevante, social e academicamente, essa pesquisa em que foi possível investigar um pouco do que acontece no mercado de trabalho e na formação acadêmica, por meio do perfil destes profissionais que constituem um campo emergente e em consolidação. E, assim, para coletar os dados de perfil profissional considerou-se a aplicação de questionário on-line, como o mais apropriado, inclusive diante do contexto de pandemia da COVID-19.

Sendo assim, o questionário on-line: “Tradutores, intérpretes e guia-intérpretes surdos de língua de sinais” com 30 questões foi disponibilizado na *internet* por meio da plataforma *Google Forms* e foi compartilhado nas redes sociais no segundo semestre de 2021. Desse modo, os dados coletados, já representados acima no capítulo 4, nos oferecem possíveis respostas para a questão de pesquisa, ou seja, para inferirmos qual seria o perfil dos surdos brasileiros que oferecem serviços de tradução e interpretação de línguas de sinais no país.

Assim como o sistematizado acima (Quadro 6), o gênero desses profissionais, que, majoritariamente, se reconhecem como tradutores e intérpretes e não como guias-intérpretes é equilibrado, entre o número de homens e de mulheres; sua faixa etária mais comum está entre 28 e 42 anos; residem, principalmente, nas regiões Nordeste e Sul e nas capitais; possuindo entre 4 e 9 anos de atuação no mercado, tendo como principal língua de trabalho a Libras e oferecendo consultorias, principalmente, a equipes de intérpretes atuantes em cursos, eventos e similares e a equipes de tradução atuantes em tradução de livros, materiais didáticos e similares.

Além disso, o perfil que identificamos indica, em relação, ao mercado de trabalho, que há mais demandas de profissionais surdos para atuarem em direção a uma língua de modalidade gestual-visual, com destaque para a Libras, sendo menos frequente a demanda por atividades do português para outra língua de sinais estrangeira ou para Sinais Internacionais e de outra língua de sinais estrangeira ou de Sinais Internacionais para o português. Vale mencionar que esses profissionais não costumam

ter demandas de tradução para escrita de sinais, tradução para inserção de janela de língua de sinais e tradução para legendagem escrita.

Portanto, relacionado ao perfil e às demandas mais recorrentes, a maioria desses profissionais não tem preferência por dada direcionalidade de tradução ou interpretação ou, por outro lado, prefere atuar do português para a Libras, tendo como dificuldade de mais prevalência a atuação tradução/interpretação inversa: da Libras para o português (em direção à língua B). A tradução e a interpretação de/entre/para línguas de sinais não constituem a principal fonte de renda do orçamento familiar, levando-nos a concluir que eles não vivem apenas de tradução/interpretação e que podem estar recebendo menos do que deveriam ou mesmo estar atuando sem receber para tal.

Com relação à formação acadêmica, esses profissionais não possuem ProLibras de Tradução/Interpretação e são, sobretudo, pós-graduados que têm como principal área de formação Linguística e Letras e que passaram por cursos livres de formação de tradutores e intérpretes, oferecidos no formato on-line. Sobre o perfil linguístico sua aprendizagem de Libras se deu de modo diverso e pouco padronizado, tendo sido iniciado desde a infância até a vida adulta. Por outro lado, no que se refere ao português, proeminentemente, o aprenderam antes dos 10 anos de idade e uma língua de sinais estrangeira após os 15 anos de idade, por meio de eventos internacionais realizados no Brasil, contato com amigos estrangeiros e cursos.

Retomando a relação do perfil com o mercado de trabalho de interpretação de línguas de sinais, vemos que os contextos de interpretação mais comuns seriam os contextos midiáticos, seguidos pelos contextos artísticos, pelos contextos de conferências e pelos contextos educacionais (ensino superior); e, por outro lado, os menos comuns seriam os contextos jurídicos, seguidos pelos contextos de saúde pelos contextos empresariais.

No que se refere aos serviços de tradução, os gêneros textuais mais traduzidos seriam os materiais didáticos e paradidáticos, as atividades escolares; a literatura; as notícias, os jornais e seus afins, bem como seminários, palestras, conferências, entrevistas. E, por sua vez os menos traduzidos seriam as campanhas políticas, propaganda eleitoral, os textos sagrados, manuais, receitas culinárias, orientações, bulas, TCC, monografias, dissertações, teses, artigos, livros acadêmicos e afins.

Sabemos que contamos com uma amostragem reduzida de participantes e que o questionário teve limitações diversas, principalmente por não conseguirmos chegar a todas as regiões brasileiras e cidades de modo mais equiparado. Outro ponto, decorrente desse, foi a dificuldades de alcançar os potenciais respondentes. Assim, embora tenhamos algumas direções para pensar o perfil profissional, o mercado de trabalho e a formação, são necessárias mais pesquisas com um maior número de respondentes e maior abrangência geográfica para confirmarmos se nossos dados de fato representam a realidade nacional.

Fica um apontamento para a necessidade de reconhecimento dos profissionais surdos da tradução e da interpretação de/entre/para línguas de sinais, a importância de uma formação à nível de graduação especialmente desenhada para esse público e para as atuais demandas do mercado.

REFERÊNCIAS

- ADAM, Robert; ARO, Markus; DRUETTA, Juan Carlos; DUNNE, Senan; KLINTBERG, Juliaf. **Deaf interpreter: A Introduction**. In: Robert Adam, Christopher Stone, Steven D. Collins, and Melanie Metzger, (Editors). *Deaf Interpreters at Work: International Insights*. Washington, DC. 2014. p.1-18. Disponível em: <http://gupress.gallaudet.edu/excerpts/DIAW>. pdf acesso em 19/05/2020.
- ALBRES, Neiva de Aquino; SANTIAGO, Vânia de Aquino Albres. **Atuação do intérprete educacional: reflexão e discussão sobre as duas modalidades de interpretação-simultânea e consecutiva**. Revista Espaço. INES. Rio de Janeiro. N° 38. 2012. Disponível em: <https://www.ines.gov.br/seer/index.php/revista-espaco/article/view/193> . Acesso em 14/06/2021.
- ARAUJO, D. V. Breve panorama histórico da formação de intérpretes no mundo e no Brasil e a influência da AIIC, **Tradução em Revista**, 24, 2018, 1-24.
- AVELAR, Thaís Fleury. **A Questão da padronização linguística de sinais nos atores-tradutores surdos do Curso de Letras-Libras da UFSC** cultura. Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2010.
- AVELAR, Thaís Fleury. **Análise da tradução intermodal de texto acadêmico do português escrito para a libras em vídeo**. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, Florianópolis, 2020.
- BOUDREAULT, Patrick. **Deaf interpreter**. Topics in signed language interpreting: theory and practice. John Benjamins Publishing, JANZEN, Terry (Ed.). p. 323- 355. 2005.
- BRASIL. Decreto N° 5.626, de 22 de dezembro de 2005, que regulamenta Regulamenta a Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei n° 10.098, de 19 de dezembro de 2000.
- BRASIL. Lei N° 12.319, de um de setembro de 2010, que regulamenta a profissão de Tradutor e Intérprete da Língua Brasileira de Sinais – Libras.
- BRASIL, Lei N° 13.146, de 6 de julho de 2015, que regulamenta os Direitos da Pessoa com Deficiência.
- BRÜCK, P. & SCHAUMBERGER, E. **Deaf interpreters in Europe: a glimpse into the cradle of an emerging profession**. The Interpreters' Newsletter: Sign Language Interpreting. n° 19. Università degli Studi di Trieste. Dipartimento di Scienze Giuridiche, del Linguaggio, dell'Interpretazione e della Traduzione, 2014.
- BRUNKMANN, Maria Cristina de Almeida. **Tradução e interpretação de autoria surda: mapeamento no contexto brasileiro**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade Federal de Santa Catarina. Centro de Comunicação e Expressão. Graduação em Letras Libras, Florianópolis, 2020.
- CAMPELLO, Ana Regina. **Intérprete Surdo de Língua de Sinais Brasileira: o novo campo de tradução/interpretação cultural e seu desafio**. In *Cadernos de Tradução*, n° 33, p 142-167, - jan/jun 2014/1. Disponível em

<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2014v1n33p143> Acesso em 20/05/2020 as 10:21.

CAMPELLO, Ana Regina e Souza CASTRO, Nelson P. **Introdução da glosinais como ferramenta de tradução / interpretação das pessoas surdas brasileiras**. Revista Escrita. Puc-Rio. Rio de Janeiro. 2013.

EGNATOVICH, Reginald J. **Certified Deaf Interpreter - Why?.** VIEWS, A Monthly Publication of The Registry of Interpreters of The Deaf. Vol. 16. November, 1999. Disponível em: <http://www.diinstitute.org/wp-content/uploads/2012/07/Egnatovitch.pdf> acesso em :06/03/2020 as 09:46.

FERREIRA, João Gabriel Duarte. **Os Intérpretes Surdos e o Processo Interpretativo Interlíngua Intermodal Gestual-visual da ASL para Libras**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em estudos da tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2019

FORESTAL, Eileen M. **DEAF INTERPRETERS: EXPLORING THEIR PROCESSES OF INTERPRETING**. Dissertação. Capella University. 2011

GOMES, Eduardo Andrade. **Interpretação simultânea em conferência acadêmica: a reformulação de nomes de pessoas da Libras para o português**, 2020.

GUEDES, Fernando Eustáquio. **Tradução de Provas para Libras em Vídeo: mapeamento das videoprovas brasileiras de 2006 a 2019**. Dissertação de Mestrado. Programa de pós-graduação em estudos da tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2020

JANZEN, Terry (Ed.). **Topics in signed language interpreting: theory and practice**. John Benjamins Publishing, 2005.

JONHSON, Sheila. **USE OF THE TERM “CERTIFIED INTERPRETER” IN CANADA: A GUIDE TO TERMS AND ACCREDITATION IN CANADA AN AVLIC POSITION PAPER**. Association of Visual Language Interpreters of Canada. 2014

KRIPKA, Rosana Maria Luvezute; SCHELLER Morgana; BONOTTO, Danusa de Lara. **Pesquisa Documental: considerações sobre conceitos e características na Pesquisa Qualitativa**. Universidade Federal da Fronteira Sul, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). 4º Congresso Ibero-Americano em Investigação Qualitativa. Investigação Qualitativa em Educação Atas CIAIQ2015. Volume 2. Aracaju. 2015.

LACERDA, C. B. F.; GURGEL, T. M. A. Perfil de tradutores-intérpretes de Libras (TILS) que atuam no ensino superior no Brasil. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 17, n. 3, p. 481-496, 2011.

LEITE, Emeli Marques Costa. **OS PAPÉIS DO INTÉRPRETE DE LIBRAS NA SALA DE AULA INCLUSIVA**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Linguística Aplicada. Faculdade de Letra. Universidade Federal do Rio de Janeiro- UFRJ. Rio de Janeiro. 2004

LINHARES, R. S. A. **Traduzir a Surditude: diálogos entre pesquisadores surdos do Brasil e a Tradutologia das Línguas de Sinais**. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. 2019.

MARTINS, D. A. **Trajetórias de Formação e Condições de trabalho do intérprete de Libras em instituições de ensino superior**. Dissertação (Mestrado) – Programa de PósGraduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica de Campinas. PUCCampinas, 2009.

MCDERMID, Campbel. **Culture Brokers, Advocates, or Conduits: Pedagogical Considerations for Deaf Interpreter Education**. International Journal of Interpreter Education, 2, 2010, pp. 76-101.

MORAIS, Carla; SANTOS, Saionara Figueiredo. **O desempenho do candidato surdo na prova do Prolibras/proficiência em tradução e interpretação de língua brasileira de sinais**. Texto em Anais. III Congresso Brasileiro de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Libras e Língua Portuguesa, Florianópolis. 2014,

NASCIMENTO, Vinicius; MARTINS, Vanessa Regina de Oliveira; SEGALA, Rimar Ramalho. Tradução, criação e poesia: descortinando desafios do processo tradutório da Língua Portuguesa (LP) para a Língua Brasileira de Sinais (Libras) Domínios de Lingu@gem, Uberlândia. vol. 11, n. 5 .2017.

PINHEIRO, Kátia Lucy. **Políticas Linguísticas e suas implementações nas Instituições do Brasil: o tradutor e intérprete surdo intramodal e interlingual de Línguas de Sinais de Conferência**. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2020. p.434

PÖCHHACKER, Franz. **Introducing Interpreting Studies**. 2004

QUADROS, Ronice Müller de; SOUZA, Saulo Xavier. **Aspectos da Tradução/Encenação na Língua de Sinais Brasileira para um ambiente virtual de ensino: práticas tradutórias do curso de Letras Libras**. Capítulo. Estudo dos Surdo III. Editora Arara Azul. p. 168-207. Florianópolis, 2008

QUADROS, Ronice Müller de; STUMPF, Mariane Rossi. **Letras Libras: ontem, hoje e amanhã**. Ronice Müller de Quadros, organizadora- Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2015.

QUADROS, Ronice Müller. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. SEESP. Brasília, 2004.

REIS, Flaviane. **O Surdo como intérprete**. Anais do XII Congresso Internacional e XVIII Seminário Nacional do INES

RODRIGUES, Carlos Henrique; FERREIRA, João Gabriel Duarte. **Tradutores, intérpretes e guias-intérpretes surdos: prática profissional e competência**. Revista Espaço. INES. Rio de Janeiro. nº 51, p. 109- 125. 2020.

RODRIGUES, C. H. **Interpretação simultânea intermodal: sobreposição, performance corporal-visual e direcionalidade inversa**. Revistada Anpoll (ONLINE), v. 44, p. 111-129, 2018a.

RODRIGUES, C. H. Tradução e Língua de Sinais: a modalidade gestual-visual em destaque. **Cadernos de Tradução**, v. 38, p. 294-319, 2018b.

RODRIGUES, C. H. **Formação de Intérpretes e Tradutores de Língua de Sinais nas Universidades Federais Brasileiras: constatações, desafios e propostas para o desenho curricular**. Translation, n.15, p.197-222, junho 2018c.

RODRIGUES, C. H. **Competência em tradução e línguas de sinais: a modalidade e gestual-visual e suas implicações para uma possível competência tradutória intermodal.** *Trabalhos em Linguística Aplicada*, [S.l.], v. 57, n. 1, p. 287-318, mar.2018d.

RODRIGUES, C. H. Os profissionais da tradução e da interpretação de línguas de sinais no Brasil: percursos formativos e perfil profissional. In: MIRANDA, D. G.; FREITAS, L. A. G. (Org.). **Educação para Surdos: possibilidades e desafios.** 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2019, v. 1, p. 147-164.

RODRIGUES, C. H.; MEDEIROS, D. V. **O uso de mouthing na interpretação simultânea para a Língua Brasileira de Sinais.** In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2016, p.1-15.

RODRIGUES, C.; BEER, H. **Os Estudos da Tradução e da Interpretação de Línguas de Sinais: Novo Campo Disciplinar Emergente?** *Cadernos da Tradução*, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Brasil. 2015a, p.17-45.

RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. Apresentação. In: RODRIGUES, C. H.; QUADROS, R. M. (Org.). *Estudos da Língua Brasileira de Sinais.* 1. ed. Florianópolis: Insular, 2020. v. 1. p.11-16.

RUSSEL, Debra. **Consecutive and simultaneous interpreting.** *Topics in signed language interpreting: theory and practice.* JANZEN, Terry (Ed.). John Benjamins Publishing, 2005.

SAMPAIO, G. L. Tradução Oral à Prima Vista na formação do intérprete: considerações pedagógicas. **Domínios de Lingu@gem**, vol. 11, n. 5, dez. 2017, 1674-1684.

SANTOS, S. A. **Tradução e interpretação de língua de sinais: deslocamentos nos processos de formação.** *Cadernos de Tradução*, Florianópolis, v. 2, n. 26, p.145-164, out. 2010.

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Tradução/interpretação de língua de sinais no Brasil: uma análise das teses e dissertações de 1990 a 2010.** Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013

SANTOS, Silvana Aguiar dos. **Estudos da tradução e interpretação de línguas de sinais nos programas de pós-graduação em estudos da tradução.** Universidade Federal de Santa Catarina. *Revista da Anpoll* v. 1, nº 44, p. 375-394, Florianópolis, Jan./Abr. 2018.

SANTOS, Rodrigo Ferreira dos. **O processo de interpretação de uma lenda amapaense, em português oral, para língua brasileira de sinais,** 2019.

SANTOS, Warley Martins dos. **A tradução português-Libras em debates políticos televisionados no Brasil: intermodalidade e competência interpretativa,** 2019.

SEGALA, Rimar Ramalho **TRADUÇÃO INTERMODAL E INTERSEMIÓTICA/INTERLINGUAL: Português brasileiro escrito para Língua Brasileira de Sinais.** Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Florianópolis. 2010. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/94582/283099.pdf?sequence=1&isAllowed=y> acesso em 24/04/2021.

SETTON, Robin; DAWRANT, Andrew. **Conference interpreting: complete course**. Benjamin Translation Library. 2016.

SILVA, PAULO HENRIQUE. **A INTERPRETAÇÃO INTERMITENTE DE PALESTRAS MOTIVACIONAIS COMO PERFORMANCE DRAMÁTICA**. Trabalho de Conclusão de Curso. curso tradutor e intérprete. Centro Universitário Adventista de Ensino Campus Engenheiro Coelho. Engenheiro Coelho. SP, 2013.

SILVEIRA, Bianca. **Historiografia do tradutor/intérprete surdo da UFSC**. Trabalho de Conclusão de Curso. Letras-Libras. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis- SC. 2016.

SILVEIRA, Bianca. **Intérprete surdo: conquistando espaço no campo de conferências no Brasil**. In: ALBRES, Neiva de Aquino. Libras e sua tradução em pesquisa: interfaces, reflexões e metodologias. Biblioteca universitária. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Florianópolis. 2017.

SIQUEIRA, Ricardo Boaretto. **O papel do intérprete surdo**. Trabalho de conclusão de Curso. Pós-Graduação em Tradução e Interpretação da LIBRAS. Universidade Federal do Rio de Janeiro. UFRJ. Rio de Janeiro. 2015.

SIQUEIRA, Ricardo Boaretto. **De professor surdo à intérprete de Línguas de Sinais: dois perfis em um profissional surdo**. Monografia Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)—Instituto Nacional de Educação de Surdos, Rio de Janeiro, 2016.

SOUZA, Saulo Xavier. **Performances de tradução para a língua brasileira de sinais observadas no curso de letras-libras**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Universidade Federal de Santa Catarina. UFSC. Florianópolis. 2010.

STROBEL, Karin; **Surdos como intérprete/tradutores: um sonho possível?**. In: KARNOPP, Lodenir Becker; KLEIN, Madalena; LUNARDI-LUZZARIN, Márcia Lise (Org); *Cultura surda na contemporaneidade: negociações, intercorrências e provocações*. Ed. Ulbra, Canoas, 2011.

WILCOX, Sherman; SHAFFER, Barbara. **Towards a cognitive model of interpreting**. Topics in Signed Language Interpreting: Theory and practice Edited by Terry Janzen. Benjamins Translation Library. 2005